

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
CÂMPUS PELOTAS
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO E DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA - MPET

LUCIENE SILVA DOS SANTOS

EXPERIMENTAÇÕES COM A LITERATURA E A ESCRITA:
OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA

PELOTAS

2018

LUCIENE SILVA DOS SANTOS

**EXPERIMENTAÇÕES COM A LITERATURA E A ESCRITA:
OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET), do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa:
Linguagens Verbo-Visuais e Tecnologias

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roselaine Machado Albernaz

PELOTAS

2018

Ficha Catalográfica

S237e Santos, Luciene Silva dos.

Experimentações com a literatura e a escrita : os processos de subjetivação na formação de uma professora / Luciene Silva dos Santos – 2018.

101 f. : il. color.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roselaine Machado Albernaz.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2018.

1. Educação. 2. Cartografia. 3. Escrita lírica. 4. Processos de subjetivação. I. Albernaz, Roselaine Machado. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 371.12

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

LUCIENE SILVA DOS SANTOS

**EXPERIMENTAÇÕES COM A LITERATURA E A ESCRITA:
OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET), do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Câmpus Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa:
Linguagens Verbo-Visuais e Tecnologias

Aprovado em 26 de fevereiro de 2018

Conceito A

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roselaine Machado Albernaz - IFSul

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rosária Ilgenfritz Sperotto – UFPel

Prof. Dr. Alberto d'Ávila Coelho – IFSul

Agradecimentos

São muitos os agradecimentos e vários os nomes que fazem parte desta dissertação e vocês coloriram meus dias e transformaram minha forma de ser e de pensar, me mostrando que a vida é um aprendizado constante.

Aos meus pais, que me presentearam com a vida, com todos os seus sabores e cores. Ao meu pai Gerônimo (*in memoriam*) e minha mãe Zilda pela amizade, carinho e companheirismo. À minha irmã Susana, pelo apoio e incentivo, meu cunhado e meu afilhado Henrique.

À minha orientadora que provocando e incentivando intelectualmente me mostrou que um caminho é possível: além de uma grande professora, uma grande amiga. Assim como agradeço aos meus professores do Mestrado profissional em Educação e Tecnologia e ao Grupo de Pesquisa Experimenta – Experimentações com Arte e Filosofia pela intensidade das tardes. Aos amigos e colegas que conquistei durante o Mestrado e ao IFSul em geral, por me acolher tão gentilmente.

E aos amigos e familiares que atravessam minha vida de maneira única, seja no real, seja no digital: sem vocês nada disso seria possível. Conexões com a vida! Gratíssima a todos.

Tudo o que existe,
existe talvez porque outra coisa existe.
Nada é, tudo coexiste: talvez assim seja certo.

Fernando Pessoa

RESUMO

A dissertação tem como objetivo trazer os processos de subjetivação de uma professora através das experimentações no sentido que Jorge Larrosa ensina, com a literatura, a escrita nos *Tumblrs* e com os outros artefatos (aula, seminário, biblioteca, vídeo). Essas experimentações podem afetar a formação de um professor, potencializando seus modos de pensar sua prática: “práticas de si”, conforme Foucault desenvolveu. Algumas problematizações envolvem estudos de virtualidade e possíveis consequências, tais como a atratividade e a possibilidade de inserção dos *Tumblrs* na educação, onde o fator do que pode ser considerado não-escolar é também provocador, uma vez que o problema de pesquisa foi elaborado partindo desta inquietação. Para a concretude da proposta o método de pesquisa escolhido é a Cartografia, a qual pressupõe que tudo é processual, sendo essa uma das pistas, segundo Kastrup, que nos fez repensar a dissertação ao longo da sua escrita para articular neste rizoma de escrita e pensamento. Para nossa proposta fomos em busca de intercessores das Filosofias da Diferença, da Experiência, da Formação, do Virtual, do Método Cartográfico e da Literatura para criar pensamento, pois acreditamos que o experimentar artefatos pode tornar-se um caminho de possível aproximação e inserção no fazer acadêmico, um fazer que pensa em criação. Durante o processo a literatura tornou-se um importante modo de criar pensamentos e dobras provocadas pelas experimentações de uma escrita lírica que se potencializa através da poesia e de obras literárias fazendo fundir-se com alguns fragmentos de obras que compõem o que Gilles Deleuze e Félix Guattari dizem de uma literatura menor. Com isso, foi possível desestabilizar algumas estruturas gramaticais e buscar uma articulação entre as pesquisadoras e assim criar uma personagem que dá vida às sensações provocadas pelas experimentações que atravessam a escrita e as teorias desenvolvidas ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Cartografia. Escrita lírica. Experiência. Literatura. Processos de subjetivação.

RESUMEN

La disertación tiene como objetivo traer los procesos de subjetivación de una profesora a través de las experimentaciones en el sentido que Jorge Larrosa enseña, con la literatura, la escritura en los *Tumblrs* y con los otros artefactos (clase, seminario, biblioteca, video). Esas experimentaciones pueden afectar la formación de un profesor, potencializando sus modos de pensar su práctica: “prácticas de sí”, conforme Foucault desarrolló. Algunas problematizaciones implican estudios de virtualidad y posibles consecuencias, tales como la atraktividad y la posibilidad de inserción de los *Tumblrs* en la educación, donde el factor de lo que puede ser considerado no escolar es también provocador, una vez que el problema de investigación fue elaborado partiendo de esta inquietud. Para la concreción de la propuesta el método de investigación escogido es la Cartografía, la cual presupone que todo es procesual siendo esa una de las pistas, segundo Kastrup, que nos hizo repensar la disertación a lo largo de su escritura para articular en este rizoma de escritura y pensamiento. Para nuestra propuesta fuimos en busca de intercesores de las Filosofías de la Diferencia, de la Experiencia, de la Formación, de lo Virtual, del Método Cartográfico y de la Literatura para crear pensamiento, pues creemos que el experimentar artefactos puede convertirse en un camino de posible aproximación e inserción en el hacer académico, un hacer que piensa en creación. Durante el proceso la literatura se convirtió en un importante modo de crear pensamientos y dobleces provocados por las experimentaciones de una escritura lírica que se potencializa a través de la poesía y de las obras literarias haciendo que se fundan con algunos fragmentos de obras que componen lo que Gilles Deleuze y Félix Guattari dicen de una literatura menor. Con eso, fue posible desestabilizar algunas estructuras gramaticales y buscar una articulación entre las investigadoras y así crear un personaje que da vida a las sensaciones provocadas por las experimentaciones que atraviesan la escritura y las teorías desarrolladas a lo largo de la investigación.

Palabras clave: Cartografía. Escritura lírica. Experiencia. Literatura. Procesos de subjetivación.

SUMÁRIO

... um começo e seus devires ...	8
EXPERIMENTAÇÃO: Escrever é experimentar	15
1 Cartografia: um modo de se fazer pesquisa	17
EXPERIMENTAÇÃO: TUMBLRS: uma criação, uma provocação	26
2 A visibilidade, a interação e a performatividade	29
2.1 A inquietação entre o discurso e a extimidade	32
2.2 A conexão, a possibilidade de inserção e a atratividade	36
2.3 A vida na escola e a escola da vida	38
EXPERIMENTAÇÃO: os estudos podem atravessar a vida?	41
3 Experiência: o que nos passa?	43
3.1 Provocações a partir e com as experiências	47
3.2 Podemos vir a ser? Uma provocação – o devir	49
EXPERIMENTAÇÃO: das estruturas às sensações	52
4 Práticas de si e os processos de subjetivação: uma arte da existência	55
EXPERIMENTAÇÃO: A literatura no ambiente digital	71
5 Experimentando a linguagem: criação e experiência	73
5.1 Provocar literatura: experiências e subjetivações	79
5.2 Uma literatura menor	83
EXPERIMENTAÇÃO: Os livros, os vídeos, a biblioteca	86
6 A formação de um professor: um processo de subjetivação em devir	89
6.1 Pensando em formação: saberes e subjetivações	92
Referências	98

... um começo e seus devires ...

Sinto que sou impulsionada.

Por quem?

(LISPECTOR, 2013, p.33)

Eis que me encontro em frente ao computador com muitas ideias... estaria eu pensando rizomaticamente sem dar-me conta? Não sei, talvez sim. E assim meus pensamentos voltam-se ao tempo em que ministrava aulas de Produção Textual. Era eu já uma cartógrafa? Talvez sim.

E assim:

O cartógrafo fica achando aquilo tudo muito estranho. De novo, alguém, convictamente, lhe explica que só assim pessoas e coisas podem se deslocar e render sem prejudicar a boa funcionalidade do todo. (ROLNIK, 2014, p.92)

Era para ser uma citação e me pareceu melhor fazer parecer um elo entre a autora e você, leitor. Pois foi assim que tudo começou. Foi tudo um estranhamento quando minhas alunas vieram contar suas peripécias cibernéticas. Contar que estavam brincando de diário nos *Tumblrs* e que ali estavam descobrindo um novo universo. Um novo encantamento. Um encantamento que me inquietou de forma acadêmica e que vem me afetando ao longo do tempo. Para alguns talvez seja um tema de pesquisa um tanto quanto obsoleto. Para mim um mundo de descobertas constantes. Uma geografia de encontros provocados por bilhetes e dicas desses jovens que me proporciona buscar autores distintos para entender este problema de pesquisa: que também consiste em aproveitar o universo não-escolar no universo escolar enquanto prática e formação de professores.

Na busca de aulas mais dinâmicas e privilegiando a questão da multidisciplinaridade, bebia em fontes da Literatura, da História e dos conhecimentos gerais para fomentar minhas aulas. Textos que alimentassem aqueles seres aparentemente sedentos de conhecimento, em profundo articular com a vida e em construção de pensamentos e ideais. Trabalhar com a juventude é uma experiência muito boa, é muita vida! E assim, ia em busca de textos para que assim construíssem suas outras subjetividades e construíssem seus saberes. Tarefa nada fácil, pois nem sempre há disposição para entrar em contato com opiniões contrárias a nossa; mas essa era a proposta: pensarmos em diversos tópicos sobre o mesmo assunto. Lembro com carinho do dia em que levei o filme *Coco* antes de *Chanel* para a sala de aula. O assunto era a condição da mulher na sociedade, e para isso pensei neste artefato para ilustrar a evolução feminina. Os comentários foram variados, mas em especial das meninas que naquele dia decidiram levar a sério a vida acadêmica, a questão do Enem em suas vidas (era uma turma de terceiro – terceiro ano do Ensino Médio) e a questão de ser independente. Foi transformador para mim e para eles e elas.

Essas experiências com a juventude – enquanto professora do Ensino Fundamental e Médio – me proporcionaram iniciar um processo de amadurecimento acadêmico, me provocaram a pensar em um Mestrado. O que eu poderia fazer com as experiências proporcionadas por eles? Como o mundo ‘deles’ afetava o meu? Qual era o mundo ‘deles’? Qual o contato, o fruir entre a minha trajetória e o universo construído por eles? Pensando nessas questões dei corpo a um projeto antigo e altamente encantador: unir esse universo jovem e a Internet. O que o mundo digital pode nos provocar em relação ao pensamento e ao escolar? Também pensei em participar do processo, pois estar nele é enriquecedor e transformador. Sendo assim, também criei minha página digital para entender tais processos, como funciona o jogo.

Já não era mais a mesma. Ser outra pode ser apavorante e fascinante. Estar em construção com eles é uma experiência potente, parece estarmos numa constante transformação. Segundo Deleuze (2005), ao escrever sobre a obra de Foucault, nos diz que

O que é preciso colocar, então, é que a subjetivação, a relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo, a ponto do modo grego tornar-se uma lembrança bem longínqua. Recuperada pelas relações de poder, pelas relações de saber, a relação consigo não para de renascer, em outros lugares e em outras formas. (p.111)

Pensando assim, há um processo de subjetivação – um criar novo pensamento – presente nesse processo de ensino-aprendizagem: tanto nos alunos quanto na professora. Eles são afetados pelos artefatos apresentados por mim em sala de aula na sua construção de novos conhecimentos – ou outros conhecimentos – assim como eu me transformo em contato com eles. Seja no real, seja no digital, onde as fronteiras misturam-se e diluem-se.

A escolha do tema de pesquisa dá-se também com os *Tumblrs* – artefato digital – uma plataforma digital criada em 2007 que permite a inserção de textos, músicas, vídeos e áudios, permitindo também aos usuários a criação de textos e publicação de imagem, outros textos, vídeos, áudios, links e citações. Não há a necessidade de reciprocidade nos laços entre os participantes, mas, por outro lado, pode ser utilizado também como uma rede social. Semelhante a outras páginas de Blogs, há a possibilidade do usuário de modificar, personalizar e reorganizar a sua própria página. Em seus recursos, destacamos o *reblog* – função semelhante ao compartilhar do Facebook¹, onde reblogamos uma publicação de outro usuário em nossa própria página e o crédito é dado ao autor original. Percebi que era um artefato utilizado pelos alunos – na maior parte meninas – para expressarem suas subjetividades. Logo, pensei: não seria uma boa proposta de problematização a condição digital encontrada nos *Tumblrs*? Não estaria eu sendo afetada por tais postagens? Claro que sim, pois através delas conhece-se cada vez mais de um outro universo. Uma outra linguagem, uma outra expressão de intimidade². Partimos daqui e ao longo do processo de escrita a dissertação foi navegando também por outros caminhos, como afluentes de um rio. E nesse processo de subjetivação vou me reconstruindo, vou construindo um outro “eu”, uns outros “eus”, de acordo com as movimentações digitais e a vida que

¹ Também é uma rede social mundialmente conhecida e utilizada de diferentes maneiras

² SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008

Sendo condições, elas³ não variam historicamente, mas variam *com* a história. O que elas apresentam, com efeito, é a maneira através da qual o problema se coloca em tal formação histórica: que posso eu saber, ou que posso ver e enunciar em tais condições de luz e de linguagem? Que posso fazer, a que poder visar e que resistências opor? Que posso ser, de que dobras me cercar ou como me produzir como sujeito? (DELEUZE, 2005, p. 122)

Realmente a questão da dúvida em um pequeno momento me permeou: deveria eu participar deste novo universo? Tão logo repensado e acreditado: não estaria na hora de uma reinvenção profissional e pessoal? Afinal, as forças são uma constante na vida. Me rendi. Acompanhar as produções de subjetividade no ambiente digital pode ser pensado como um grande exercício literário, um exercício também de pensamento. E neste exercitar o pensamento e pensar em formação que transformações foram acontecendo: ao longo dos estudos outros artefatos foram tornando-se dispositivos que experimentei e cartografei; compreendendo que as experimentações na vida acadêmica afectam também a nossa formação... processos de subjetivação que vão acontecendo ao longo do caminho. Assim como a literatura e a arte que ganharam espaço nos *Tumblrs*: um artefato digital que me permite pensar em subjetivar também.

Estamos em troca mútua. Enquanto tento provocar novos olhares sobre o mesmo assunto e assim produzir novas subjetividades, tentando deixar-me afetar pelas forças do lado de fora e provocar uma dobra no meu pensamento e quiçá de meus alunos, ao mesmo tempo sou provocada por eles e pelo mundo: eles, em algum momento, compõem a linha de fora que produzem relação comigo produzindo novos modos de subjetivação. Meus estratos, meus modos mais rígidos de ser, sendo penetrados por outras forças, como a literatura e a poesia, outros modos de vida, por outras realidades. As forças penetram em meu corpo, me transformam e isso me faz ser uma outra, afectando a pesquisa. Conforme a cartografia foi se movimentando o digital perdeu força e outras forças foram ganhando vida, um processo onde a literatura afectou minha escrita, tornando-a mais lírica. Um lirismo toma conta de meus pensamentos e a escrita ganha um outro viés, com recursos estilísticos que buscam dar sonoridade e cadência ao texto. Agora vivo um *it*, um instante-já que me faz pensar em outras práticas, em outros mundos. Um exercício de pensar a prática pela própria prática. Parece que estou fazendo filosofia.

Bem, o leitor não deve estar entendendo este começo de escrita. Não se preocupe, vou contar com mais detalhes. Tudo começou dentro da escola. Observar, conversar, estimular,

³ Elas quem? Aqui nesta citação Gilles Deleuze, escrevendo sobre o trabalho de Michel Foucault, refere-se às condições de formação do ser (que correspondem ao saber, ao poder e ao si), onde faço uma aproximação com as transformações, os devires que o digital e a vida podem fazer na formação de um professor

provocar e sofrer este processo também é muito interessante. Ao mesmo tempo que provoco, sou provocada. A reciprocidade torna-se uma constante no processo educacional. E isso me inquietou.

Amadurecer um problema para que ele chegue a ser uma pesquisa é um processo muito interessante. Muitas questões são articuladas e desarticuladas ao longo do caminho. Uma busca pelo conhecimento, por saberes que embasem a questão de pesquisa e seus desdobramentos. Muitas experimentações bibliográficas até chegar aqui. Uma jornada incessante de conhecimento.

Sendo assim, a proposta para este trabalho consiste em cartografar algumas experiências com alguns *Tumblrs*, um Youtube, um seminário, a sala de aula e em grande parte a literatura se fez presente, tornando a escrita mais lírica, e criar possibilidades de trazer o “não escolar” (o que não era considerado parte do currículo) para a escola. Enquanto a cartografia vai se desenhando também vão sendo trazidos os processos de subjetivação sofridos pela cartógrafa durante as experimentações com os *Tumblrs*, as escolhas e transformações a partir do que me afecta. Uma possibilidade de utilizar o não escolar no ambiente escolar. Uma proposta de utilização do universo da rede digital que tanto atrai aos jovens (e a nós, educadores) enquanto auxiliador do processo educacional e porque não dizer, de criação de mundos. Neste contexto, transitamos entre as Filosofias da Diferença (Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Jorge Larrosa, Marcos Villela), Literatura (Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Herman Melville, Marília Pirillo, Mia Couto, Paulo Leminski e Valter Hugo Mãe) e questões voltadas à experiência e virtualidades para dar conta deste trabalho. Apaixonar-se pelo trabalho foi uma grande experiência provocada e proporcionada pela pesquisa. Acreditar torna-se fundamental. Acreditar na pesquisa e nas subjetivações que ao longo do caminho vão sendo experienciados. Dias de escritas, dias de silêncio. O aprendizado é constante e encantador. Está sendo apaixonante dissertar, onde experimento também uma nova escrita: juntamente com a literatura tento desequilibrar estruturas gramaticais, uma vez que um lirismo toma conta de minhas escritas atravessando modos rígidos de escrever um texto acadêmico.

Pensando assim, cartografar estes universos tornou-se uma grande aventura, uma aventura educacional que nos conecta à vida. Principalmente em tempos de conexão constante, quando estamos muito mais inclinados ao universo das redes digitais que tanto atrai nossas atenções: onde publicações provocam a criação de outros pensares, são grandes dispositivos de subjetividades dentro e fora da escola – entendemos dispositivo enquanto um conceito desenvolvido por Michel Foucault, onde *o dispositivo é a rede de relações que*

podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos (CASTRO, 2009, p.124) – no nosso caso a literatura nos ambientese sendo o digital, o *Tumblr* um artefato digital que também permite provocar subjetivações. Assim, o dispositivo assume uma função estratégica, podendo responder a uma urgência. Em nossa pesquisa nossa estratégia é utilizar a literatura nos diferentes espaços (*Tumblr*, Youtube, sala de aula, eventos acadêmicos) enquanto um dispositivo provocador de processos de subjetivação, oferecendo um novo campo potente de saber, de sentir a literatura, o digital, a vida, que pode justificar uma prática ética: a prática de si na formação de um professor. O dispositivo é movido por forças heterogêneas que podem modificar formas do pensar e essas forças foram ganhando mais vida ao longo da pesquisa, movimentando-a. Forças experimentadas e cartografadas que afectaram a minha formação: iniciamos experimentando nos *Tumblrs* e ao longo dos dias, dos meses, outros dispositivos afectaram nossa escrita. Um grande convite à problematização deste outro mundo no qual estamos inseridos e conectados e do qual nossas forças afectam outras forças e experimentações.

O texto – ora escrito no singular ora escrito no plural, navega entre as experimentações e experiências que provocaram na cartógrafa um novo olhar, novo pensar, e as conversas entre orientanda e orientadora na busca de concretude da dissertação – está organizado em seis capítulos e sempre iniciados com um fragmento literário, concentrados em questões entre a cartografia, a experiência, no sentido que Jorge Larrosa ensina, o virtual e o universo escolar, onde ao longo da escrita faço experimentações diferentes, experimentações que iniciam os capítulos. É uma escrita provocativa, onde as repetições buscam dar uma sonoridade ao texto: um recurso estilístico para uma escrita mais lírica.

No primeiro capítulo, intitulado *Cartografia: um modo de se fazer pesquisa*, a concentração está em explicar o que é a cartografia e como ela se desenvolve na pesquisa, os seus caminhos e impressões; o segundo capítulo, *A visibilidade, a interação e a performatividade*, aborda pontos de caráter mais voltados à virtualidade e suas possibilidades (Sibilia) e sobre o discurso (Foucault) e a extimidade (Sibilia), pois acreditamos que estão em interação e, conseqüentemente, chegamos a um ponto muito interessante da pesquisa: o quanto algo que está fora do ambiente escolar pode tornar-se escolar (Duschatzky; Sztulwark); o terceiro capítulo, *Experiência: o que nos passa?* escrevemos sobre experiência (Larrosa) e o devir (Deleuze; Guattari). Já o quarto capítulo, *Práticas de si e os processos de subjetivação: uma arte da existência*, trazemos a filosofia de Michel Foucault para compreender as práticas e os processos de subjetivação no articular da escrita, da pesquisa; em *Experimentando a Linguagem: criação e experiência*, pensamos em literatura menor e as

experiências que podem ser proporcionadas pela linguagem. Finalizando, no sexto capítulo, *A formação de um professor: um processo de subjetivação em devir*, desenvolvemos acerca da professoralidade (Pereira) e os saberes e subjetivações que atravessam o processo (Albernaz). Importante ressaltar que experimentações acompanham o texto em um todo que emaranha-se.

Neste processo de amadurecer o problema de pesquisa, a investigação, e pensar em escolhas bibliográficas, um grande movimento foi sendo feito: partindo de experimentações digitais, algumas delas com a literatura, pensamos em uma formação do professor em devir. Um vir a ser um outro subjetivado não só pelo ambiente digital e então pensar em micropolíticas no ambiente escolar. Romper estruturas na escrita, onde deixo o rigor das estruturas linguísticas e penso numa escrita mais poética e libertadora, pensando em provocar sensações e pensamentos em quem nos lê; e, talvez, criar fendas na educação também lhes parece encantador? Onde sentimos a fenda como uma aproximação entre a vida e a escola, num fruir de modos de ser, de modos de vida. Uma estética de vida.

Pensando em romper estruturas, desconstruo um pouco da rigidez do processo com o uso da Literatura. Além de ser um dispositivo que potencializa nossas publicações também no *Tumblr* para provocar pensamentos, assim como em outros espaços, novas formas de pensar e também experimentar literatura, também sou provocada. E exatamente por ser provocada, pois o experimentar leitura de obras literárias acompanhou todo o processo de amadurecimento da pesquisa, desde quando era aluna especial, que trago para a escrita pequenos fragmentos, versos que costuram nosso texto em um todo. Fragmentos que alinhavavam o texto e produziam dobras no meu pensamento ao longo do processo. Conseqüentemente, neste alinhavar, costurando filosofia e literatura crio uma figura estética – uma personagem que dá voz às forças que atravessam a tessitura textual, que por ora confunde-se comigo, num devir e numa intensidade de coexistência – potencializando a escrita e a escrita dos conceitos filosóficos (DELEUZE; GUATTARI, 1992), que aparece no início dos capítulos, mergulhada no texto, após as epígrafes (fragmentos literários) que trazemos também para provocar pensamento em quem nos lê, num fluir entre literatura e filosofia e na primeira pessoa do singular e nas experimentações cartografadas e experimentando a vida, numa coexistência entre teoria e vida: onde começa e onde termina? Um rizoma! Um rizoma, no qual a pontuação (as reticências) assumem uma função estratégica: o pensar e articular teoria e vida, literatura e filosofia.

Assim, convidamos à leitura.

EXPERIMENTAÇÃO: Escrever é experimentar

Hoje chove muito e meus pensamentos voam... *Estou à janela e só acontece isto: vejo com olhos benéficos a chuva, e a chuva me vê de acordo comigo. Estamos ocupadas ambas em fluir* (LISPECTOR, 2013, p.190), em fluir com as escritas.

Em algum momento temos de começar e por algum lugar, por alguma provocação. O que me provoca, o que me sustenta, o que me orienta e o que pode me desorientar? O que me inquieta? Problematizemos.

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever distraidamente. (LISPECTOR, 2013, p.84)

Coragem. Coragem! A coragem de pensar e repensar onde estou e o que estou vivendo. Aqui escrevo de forma singular, e acredito que isto seja o fio condutor de nossas dobras. As dobras de Foucault. A fuga de um pensamento representacional que me faz repetir estruturas e esquecer de que posso criar outras formas de educar, de ser e de estar no mundo. Educação pressupõe transformação, conforme nos diz Jorge Larrosa – uma transformação que pode envolver a todos que assim desejam, educar a si, educar o outro. E essa fuga, essa busca, me trouxe ao Mestrado em Educação e Tecnologia com todas as surpresas que pode nos apresentar ao longo do seu percurso. Romper com pensamentos dói. Pensar é criar e tudo isso pode ser dolorido também. Nem tudo são flores. Mas afinal, onde estão as flores? E nas primeiras páginas experimentadas de Jorge Larrosa percebo que

Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA; KOHAN, 2004, p.5)

Acredito que as flores sejam o próprio processo, muitas vezes acompanhadas de espinhos. As flores florescem e florescer implica em espera e cultivo. E assim vamos cultivando ao longo do caminho.

O atrever. Viver já me parece um grande atrevimento. Escolher, romper, questionar. Pensar já me parece um grande escândalo. Sair do automatismo tão criticado e ironizado por

Charles Chaplin em Tempos Modernos, bem como nos dias atuais, e criar outros modos de existência dentro de uma existência controlada pela mídia, pelas redes sociais, pela sociedade de controle, pelo governo, pelo Estado, conforme Deleuze, Guattari e Foucault explicitam em seus textos. Atrever-se a escrever de uma outra forma é uma grande aventura. Um convite aceito por mim também. Criar uma nova maneira de expressar um pensamento, de criar uma ideia advinda de nossos estudos e experimentações ao longo de uma pós-graduação que rompe com a forma de escrita acadêmica formal me parece uma grande mudança. Uma escrita mais convidativa, talvez mais próxima de quem me lê. Uma aproximação com o outro. Um não estar só nesse processo. Um convite à criação de ideias, um convite ao pensar. E pensar também como uma nova forma de viver no meio acadêmico, na vida. Um grande e escandaloso atrevimento, para alguns. Ainda me acostumando e gostando. Não renego a antiga escrita acadêmica, mais séria, mais cinza. É um outro lugar de escrita.

Um outro lugar! Foi assim que pensei quando aqui (Mestrado) cheguei para experimentar novos conhecimentos e saberes. E também me apaixonei pela Filosofia da Diferença. Claro que sigo rompendo com estruturas, e isto é interessantíssimo. Busco uma escrita que desafie as regras já normatizadas: trazemos fragmentos literários para desequilibrar e romper com o estruturalismo, onde os versos podem corroborar com os dizeres ou talvez também provocar sensações, pensamentos em quem nos lê. Um exercício poético que me provoca e provoca quem nos lê, pensando numa experimentação com a linguagem. Movimentar águas que estavam cristalizadas é sempre muito bom, mesmo que num primeiro momento assuste. Uma sensação de insegurança entre aquilo que já estava pensado e aquilo que estava por começar a pensar. Um envolvimento com o sensível que até então estava adormecido. Um convite ao movimento! Um movimento, um convite ao pensamento que me faz falar e questionar. Deixo do silêncio e abraço a palavra. A minha e a do outro. E assim estou percebendo o quanto o outro é importante para mim. Uma união invisível e talvez fragmentada, pois vivemos de pequenos instantes – os instantes-já de Clarice Lispector – e experiências – as experiências de Jorge Larrosa. E nesses pequenos encontros acadêmicos vou me refazendo enquanto jovem questionadora de um sistema. Para deixar de estar inserida e passar a ser constituidora enquanto criadora. Afinal, não é isto o que nos move? Aquilo que nos impulsiona a uma ruptura com antigas estruturas?

1 Cartografia: um modo de se fazer pesquisa

Ao lado da vontade de método,
desejo o riso ou o choro
como chuvas passageiras de verão.
(LISPECTOR, 2013, p.39)

Mas afinal, o que fazer com tanto conhecimento acumulado? Sentei, pensei e decidi: vou recomeçar. Não seria nada fácil, pois eram novos conhecimentos, outros que implicavam em conhecer novos referenciais. Estaria dançando sobre um abismo? Talvez sim, e talvez seria considerada louca por estar dançando sem música. Não importa, quero recomeçar, pensei. E recomecei. Vi que teria muito trabalho e decidi abraçar o desafio com todos os seus enigmas. Mais uma tarde chuvosa em que me encontro frente aos livros e ao computador, saboreando as dores e as delícias dos estudos. Faz um pouco de frio e minhas mãos começam a dedilhar o que povoa meus pensamentos: as teorias, as sensações, as literaturas... as conexões! Um rizoma que não para de se movimentar.

...

O interesse para esta pesquisa surgiu na época em que lecionava no Ensino Médio; com idade entre treze (13) e dezesseis (16) anos, o assunto extraclasse dizia respeito às ferramentas digitais em maior atenção do que às redes sociais (entenda-se Facebook): demonstravam maior entusiasmo em escrever do que em escrever e ser correspondida (entenda-se interação). Sendo assim, percebi ali um problema: não havia uma preocupação na interação virtual (sincronia) e sim na escrita – seja ela na sua manifestação escrita, imagética ou musical. E partindo disso, pensei: isto pode ser um problema de pesquisa. Foi assim que se deu meu interesse em escrever e estudar esse problema e que aos poucos foi se transformando em uma cartografia juntamente com os outros artefatos experimentados, que tornaram-se dispositivos que afectaram a minha formação.

Diferentemente do mapa impresso, o qual é estático, a cartografia para os geógrafos é um desenho que acompanha e constrói novos mundos, ao mesmo tempo que os movimentos transformam as paisagens. Essas paisagens podem ser, também, psicossociais, onde a cartografia acompanha o desmanchamento e formação de novos mundos e novos sentidos: *mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos* (ROLNIK, 2014, p.23). E para a construção de um novo universo, é necessário *o cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem* (ROLNIK, 2014, p.23), estando mergulhado nas intensidades e linguagens que encontra. Estar atento aos acontecimentos possíveis de composição da cartografia, pois *o cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago* (ROLNIK, 2014, p.23), uma vez que vive a devorar diferentes matérias de expressão. Assim, a cartografia é o método de pesquisa que utilizamos para dar conta dessa empreitada. Afinal, que motivos temos para não participar desses afectos digitais? Afectos digitais que potencializaram o início da pesquisa e, aos poucos, fui percebendo que outros mundos também precisavam ser cartografados, como o YouTube, a sala de aula, o seminário, a palestra e os *Tumblrs*, incluindo o meu.

A escolha pela juventude deu-se pelo interesse em entender como os jovens estão utilizando as ferramentas digitais disponíveis. Embora pareça um assunto já esgotado, percebe-se a plasticidade inerente a esta disposição para o novo e a forma como encontraram para construir ou descrever suas narrativas e extravasar suas afecções que outrora eram guardados e manuscritos nos diários, percebendo-se a maneira como atuam e performatizam (RECUERO, 2010) suas particularidades e anseios, tão próprios desta fase que segue em construção, principalmente em uma época em que o corpo e a sexualidade sobrepõem-se às sensações possibilitadas por este ambiente de comunicação.

A cartografia enquanto método foi desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari, como um princípio do conceito filosófico de rizoma. Assim, buscamos referências em *Mil Platôs*, livro escrito por estes autores, onde eles referem-se à cartografia enquanto um acompanhar de processos em produção, percursos, rizomas e conexão de redes, onde o pensamento é menos uma representação e mais um acompanhamento da engenharia que é o pensamento, *inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.21), onde não há nem um mesmo sentido nem uma única entrada nem uma mesma entrada na experimentação cartográfica: há uma multiplicidade na realidade cartografada, onde aquilo que pretensiosamente pode parecer o centro da organização do rizoma, não é real, porque rizoma não tem centro (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010).

Para esses autores, Michel Foucault foi o primeiro cartógrafo (DELEUZE, 2005), visto ser ao mesmo tempo uma derivação e uma apropriação de perspectivas foucaultianas – arqueologia do saber, genealogia do poder e genealogia da ética. Suas pesquisas eram cartográficas, onde cada detalhe era absorvido e vivido. A cartografia produz novas verdades, mesmo que provisórias, e realidades devido à sua capacidade múltipla de espaço-tempo e inter-sociabilidade: uma máquina-abstrata (FILHO; TETI, 2013).

E assim nos encontramos neste rizoma da nossa pesquisa cartográfica com *Tumblr* e os outros artefatos, onde uma raiz emaranha-se com a outra. E onde estas raízes podem nos levar ao longo do processo? Não há respostas afirmativas, nem negativas. O que há é um processo, um fluxo de intensidades e

Do mesmo modo que reivindicamos que a vida esteja viva, reivindicamos também que a realidade seja real, ou seja, que tenha a validade, a força, a presença, a intensidade e o brilho do real. (LARROSA, 2008, p.186)

Trabalhar com a proposta do método cartográfico está sendo encantador e inquietador: por onde começo? Enfim, muitas dúvidas vão surgindo ao longo do caminho que está sendo trilhado ao caminhar, ao pesquisar. A proposta cartográfica pressupõe a palavra processo, tudo é processual. E isso é muito bom, pois temos assim a ideia de movimento, de ritmo, de transformação. Num primeiro momento essa ideia pode assustar, pois se perde um pouco da segurança da rigidez de dados imóveis, mas ao mesmo tempo encanta pela ideia do movimento, pois

o cartógrafo acompanha um processo que, se ele guia, faz tal como o guia de cegos que não determina para onde o cego vai, mas segue também às cegas, tateante, acompanhando um processo que ele também não conhece de antemão. (KASTRUP, 2010, p. 123)

Consequentemente, cartografar implica um constante aprendizado entre escolhas éticas, estéticas e políticas, pois, querendo ou não, intencional ou não, demonstramos nossas escolhas políticas no dito, nas atitudes, nas escritas.

Segundo Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a), a que preço e a que condições podemos constituir e reconstituir uma ética e uma estética do eu? Não deveriam elas inverterem-se em recusar sistematicamente um eu? Entendemos assim que nossas escolhas implicam em recusas de outras, inclusive nas escolhas singelas em cartografar com uma página e não outra dos *Tumblrs* ou de um outro artefato (de uma aula, de um seminário, de um vídeo). Um movimento de si para consigo que o ambiente digital permite para repensarmos nossas práticas e escolhas levando em consideração o que o universo juvenil tem proporcionado neste avanço tecnológico.

A cartografia exige uma ética do cartógrafo, assim como estar sempre à espreita dos acontecimentos, uma vez que a produção de dados, de um problema de pesquisa *já estava lá de modo virtual* (KASTRUP, 2010, p.33). Para pensar em ética fomos em *História da Sexualidade II – uso dos prazeres*, também de Foucault. De modo algum falamos em uma sujeição aos objetos técnicos – modo pelo qual um indivíduo relaciona-se com uma regra na obrigação de pô-la em prática (FOUCAULT, 1984) – mas como uma possibilidade de utilizações deles. Assim, *a elaboração do trabalho ético* (FOUCAULT, 1984, p.35), assume distintas formas e realizando-se sobre si mesmo, não somente para estar em conformidade com uma regra pré-estabelecida, mas também para tentar uma transformação sobre si mesmo frente a sua própria conduta (FOUCAULT, 1984). Podemos assim, repensar nossa prática pela própria prática e experimentar as mídias e os outros artefatos juntamente com a literatura e a escrita na educação enquanto uma escolha ética e estética da existência, como diz Foucault. Por que não pensar nessa proposta? *O que me proponho é fazer vibrar esse desejo de realidade com essas práticas e esses discursos que chamamos de investigação educativa* (LAROSSA, 2008, p.186).

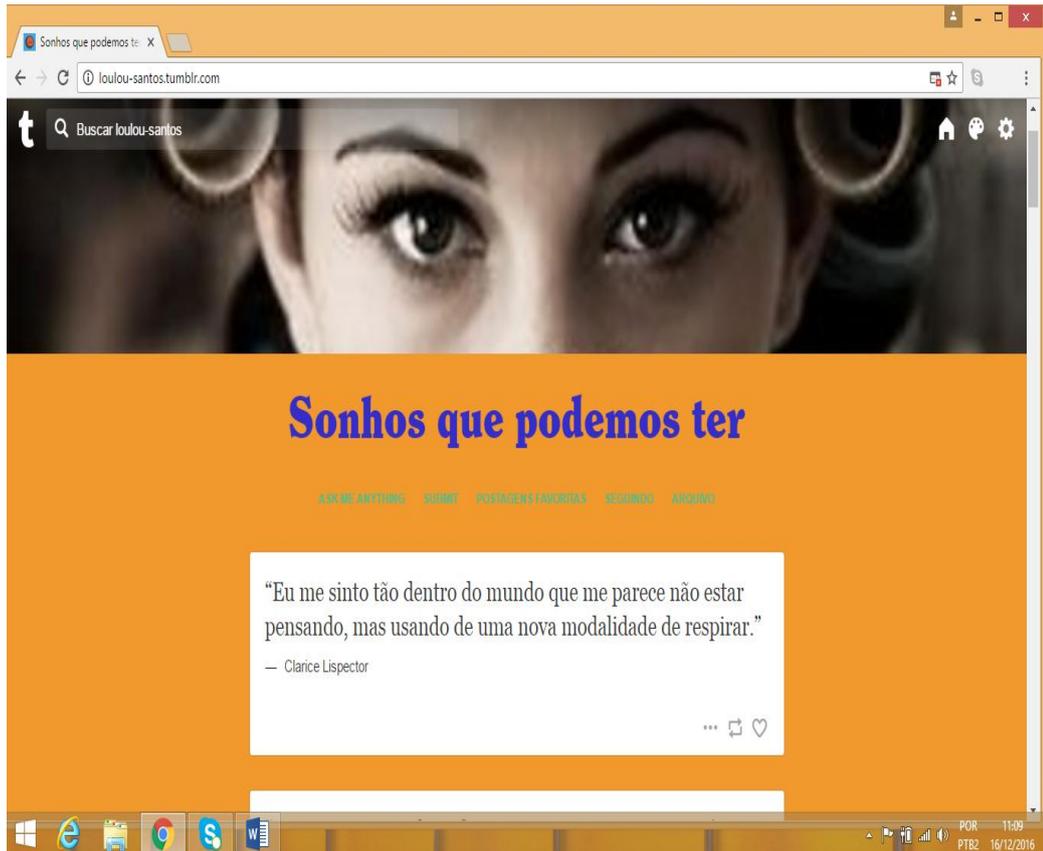
Assim, começamos a pensar em como proceder com o trabalho. No primeiro momento, a questão da imersão no objeto, a participação no processo, pois não há a ideia de distanciamento entre sujeito e objeto no método cartográfico. Aqui há a ideia de participação, de transformação ao longo do processo. No nosso caso, a escolha de *Tumblrs*, utilizado também pela juventude e os outros artefatos que a vida acadêmica proporciona. Escolha surgida dentro do ambiente escolar no qual eu estava inserida, como foi dito na introdução do texto. Trabalhar com redes sociais também pressupõe a ideia de movimento, pois as redes não são estáticas e estão em constante movimento, assim como a vida. Navegar também pressupõe

ritmo, também pressupõe movimento. Precisava habitar um território e, sendo assim, também criei meu *Tumblr*⁴. Sim, pois também estou em movimento na web, também participei desse fluxo, desse ritmo constante que a internet proporciona, porque

Há território a partir do momento em que componentes de meios param de ser direcionais para se tornarem dimensionais, quando eles param de ser funcionais para se tornarem expressivos. Há território a partir do momento em que há expressividade do ritmo. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.121 *apud* KASTRUP, 2010.)

Pensando assim, adentramos no mundo digital, numa outra dimensão, evitando classificações entre bom ou ruim, e apenas denominando de outra realidade. Não nos cabe mais classificar o mundo entre bom ou ruim, estamos entre. Agora somos **E**: bom e ruim e tudo o que se encontra entre. Estudar a Filosofia da Diferença realmente pressupõe uma mudança de pensar e de encarar o mundo. *Habitar o território da pesquisa permite compreender que o fenômeno estudado é um mundo amplo e diversificado* (KASTRUP, 2010, p.148). E realmente foi assim que percebemos o universo que ali estava. Partindo disso, passamos ao próximo ponto: além de estar à espreita do que acontece, estamos também acompanhando processos. Processos de escolhas e de produções de subjetividades no ambiente digital e na vida. *Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita* (KASTRUP, 2010, p.56). E foi exatamente o que aconteceu: da simples observação passei a habitar o território, pois também criei um *Tumblr*. Neste contexto, criei uma personagem que posta trechos de livros e vídeos musicais, porque agora estou também envolvida com o processo. O perfil da personagem é *loulou-santos.tumblr.com*. Eis abaixo o dashboard (apresentação) da personagem criada para dar voz à literatura e outras artes para provocar novos modos de pensar, (acesso em 15 jul 18):

⁴ O endereço do *Tumblr* é: <https://loulou-santos.tumblr.com>



Assim, em relação à conexões e cartografia temos que

[...]a cartografia [...] desenha a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (KASTRUP, 2010, p.57)

E foi o que aconteceu. Este coletivo de forças da escrita e da literatura que encontrava ao longo dos *Tumblrs* – e das conversas em sala de aula, dos vídeos, dos seminários dos quais participei – me impactavam nas frias manhãs de inverno, onde, acompanhada de um chimarrão, ficava sendo afetada por várias páginas que lia aqui no ambiente digital e nos livros físicos. Cada uma de uma maneira distinta. Junto com a literatura, poderíamos pensar numa questão de agenciamento, onde

Agenciamento é uma relação de funcionamento, descrita como um tipo de simpatia. A simpatia não é um mero sentimento de estima, mas uma composição de corpos envolvendo afecção mútua. (KASTRUP, 2010, p.58)

E foi partindo dessas postagens que percebi o quão interessante seria pensar e problematizarem algum evento acadêmico. E foi o que aconteceu com a ideia de apresentarmos no seminário “20 anos sem Caio F.”, sobre o qual falaremos mais adiante.

Entender, para o cartógrafo, não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar. Para ele não há nada em cima – céus da transcendência –, nem embaixo – brumas da essência. O que há em cima, embaixo e por todos os lados são intensidades buscando expressão. (KASTRUP apud ROLNIK, 2007, p.61)

E é isto o que me move: as intensidades das postagens destes usuários. Postagens muitas vezes são forças? As forças que nos afectam e nos produzem novas subjetividades, um modo de subjetivação que essas formas e forças auxiliam na constituição do que somos, assim como os encontros com os outros artefatos que provocam novos modos de pensar a nossa formação e prática docente.

E o que estamos fazendo com tudo o que nos passa e nos atravessa fora da escola? Cartografando *Tumblrs* e outros artefatos que podem vir a ser dispositivos, produzindo outros sentidos, e produzindo novas subjetividades em mim mesma, a partir daquilo que me afecta, é essa força que escolho. Temos uma revolução na produção do desejo e isso é processual, onde *a população está sendo tomada por um processo galopante de desterritorialização*⁵ (ROLNIK, 2014, p.87). Segundo a mesma autora, está havendo uma profunda modificação na produção de desejo, onde se fala em mudança e parece que tudo está de pernas para o ar: os territórios estão no ar, na nuvem, na vida, e as trocas são constantes. Uma profunda desterritorialização está acontecendo.

Muito embora sejam páginas de alta procura, cada uma comporta-se de maneira distinta da outra, produzindo subjetividades distintas, assim como os outros artefatos: alguns têm mais força do que outros, onde me percebo fazendo escolhas que provocam sentido em meus estudos, assumindo caráter de dispositivos – os dispositivos de Foucault. Então,

O cartógrafo fica sabendo que a industrialização da cultura se deu progressivamente, durante todo o século XX (o cinema, na virada do século, o cinema falado e o rádio nos anos 30, e a televisão nos anos 50), e que, à medida que a mídia e a cultura de massa foram ganhando poder, foram conquistando o espaço que antes era ocupado exclusivamente pela universidade e pela cultura erudita. O cartógrafo descobre, aí que a cultura está sofrendo um processo de dessacralização – e que, com isso, se liberou a possibilidade de se fazerem todas as misturas, por mais híbridas que sejam. (ROLNIK, 2014, p.89)

Um processo que vem acontecendo ao longo dos anos e que agora está no universo da web. Redes sociais (e a vida) que assumem caráter distinto dentro de um mesmo contexto: num universo escolar um artefato pode ser tanto para pesquisa quanto para interação entre

⁵ Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização são conceitos desenvolvidos por Gilles Deleuze e Félix Guattari onde acontece uma modificação na forma de ser, pensar, uma subjetivação provocada por forças sociais, políticas e econômicas onde podemos passar de um território a outro, transformando-nos

alunos e professores. Se cartografar proporciona interações, penso que é o que estamos fazendo, estamos proporcionando.

Cartografar as “práticas de si” (Foucault, 1984) dentro do contexto digital é uma tarefa que exige observação e atenção aos detalhes, pois as construções feitas dentro dos *Tumblrs* (artefato digital) não estão estáticas e prontas: elas estão sendo escritas ao longo do tempo, do transcorrer dos acontecimentos e sem uma preocupação com o ‘final da história’. Ou seja, ali são apresentadas ideias, pensamentos e sensações, experimentações com o sensível, de acordo com o que está acontecendo, diferentemente de alguns livros, os quais iniciam e encerram suas narrativas com recortes de tempo, espaço e personagens.

A ideia é cartografar algumas páginas virtuais – além dos outros dispositivos que atravessam nossa pesquisa – que me chamaram a atenção pela força da publicação, onde de alguma forma pode afetar e provocar uma subjetivação, e também interagindo com o meu *Tumblr*, com minhas transformações e experimentações que fiz e que continuo fazendo. Além dos processos de subjetivação que vão acontecendo, a atenção também será para o possível uso desse artefato no ambiente escolar. É uma grande empreitada e estou envolvida com o processo.

Um processo de pensar e problematizar a formação de um professor com as experimentações com *Tumblrs* e também com os outros dispositivos com a potência da literatura, uma vez que o digital tomou lugar em nossas vidas e no contexto acadêmico de maneira avassaladora. Estamos mais conectados do que nunca! E percebendo um problema, penso também em literatura para poetizar um processo tão rígido que é a Educação. Trazer a literatura para a nossa formação, para os nossos alunos. Provocar pensamentos, novas maneiras de pensar com as experimentações digitais e com os outros dispositivos. Uma interação entre filosofia, literatura, vídeos, seminários, aulas e *Tumblr* em minha formação, em nossa formação, na formação de nossos alunos. Uma formação que parece ser contínua. Foi encantador fazer atravessamentos literários ao longo da escrita, com a ideia poetizar e também provocar pensamentos em quem nos lê. Literários como: Caio Fernando Abreu, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Herman Melville, Marília Pírrillo, Mia Couto, Paulo Leminski e Valter Hugo Mãe deram potência às ideias da escritura. Assim, com as experimentações e com a potência da literatura pensamos: como pensar em formação? Uma formação que afecta a mim, a nós, aos alunos. Como trazer a literatura para produzir pensares? Como aproveitar o digital enquanto artefato para provocar subjetivação com o uso da literatura? Perguntas que inquietam e conduzem nossa escrita, nossa cartografia, onde a

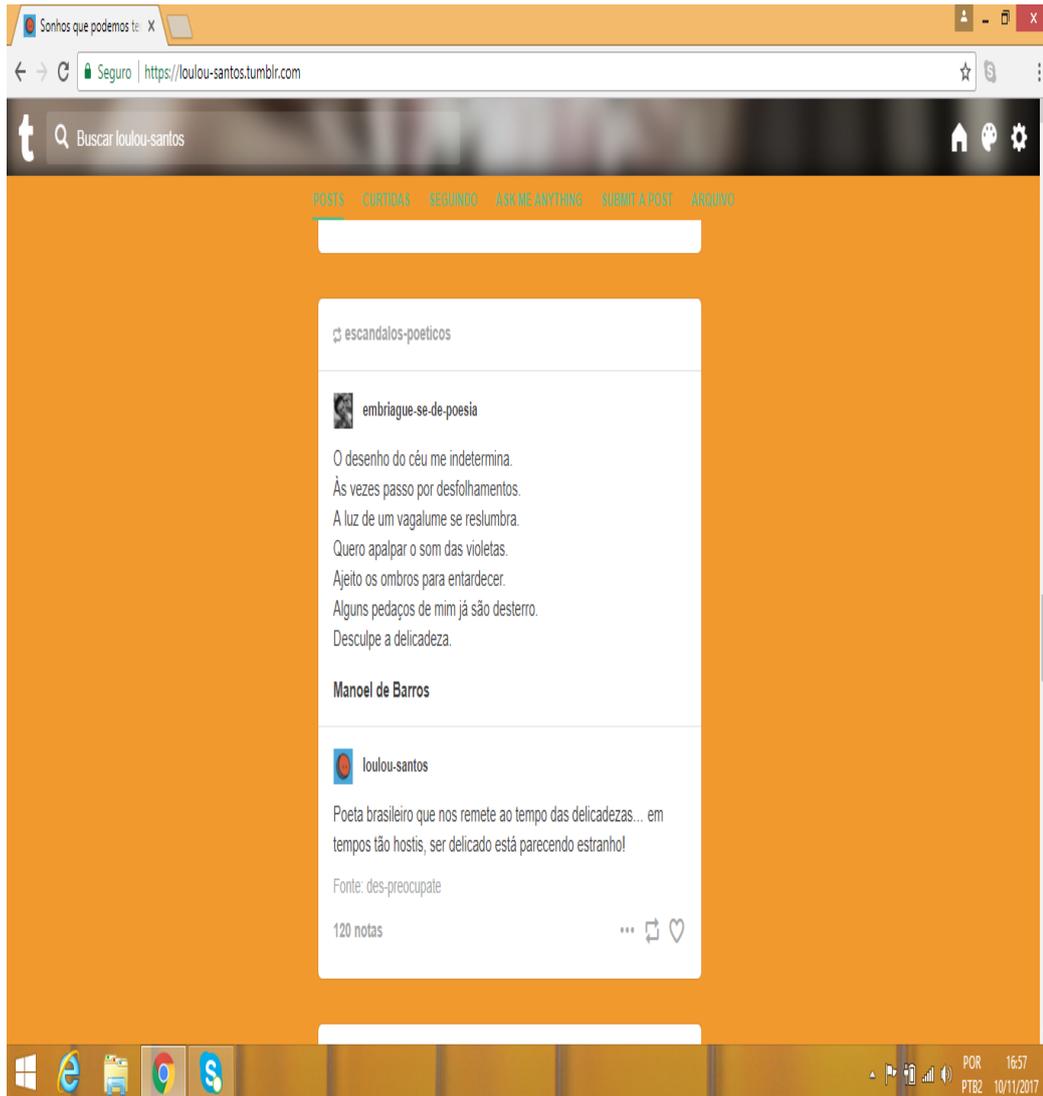
maneira como escrevo tenta poetizar e desequilibrar estruturas gramaticais com a potência da literatura: uma maneira lírica de fazer escrita em meio a um sistema acadêmico tão rígido.

No próximo capítulo escrevemos sobre o universo digital e suas inquietações, implicações e também sobre o discurso e o quanto o que pode ser considerado não-escolar pode fazer parte da escola, uma vez que escola e vida parecem constituir-se um ao outro. Um exercício de pensar e problematizar que nos convida a pensar nossos modos de vida escolar.

EXPERIMENTAÇÃO: *TUMBLRS*: uma criação, uma provocação

Dentre as várias experimentações que costuram nossa dissertação, experimento também com a tecnologia, a experimentação com o meu próprio *Tumblr*, a tecnologia que transpassa nossas escritas. Seja de maneira literária ou não, a intenção das publicações no *Tumblr* loulou-santos é provocar o pensamento, problematizando algum aspecto de nosso viver. Um jeito especial de fazer pensar, de pensar com a literatura, a partir da literatura, podendo (ou não) vir a ser outro, a ser outra.

Até então eu não habitava este território digital que hoje faz parte dos meus dias. Entre livros e páginas da Internet, busco fragmentos, textos para problematizar o viver e pensar em novos modos de pensar, talvez até de ser e de escrever. Alguns deles estão ao longo da dissertação, onde problematizo a questão da delicadeza com as palavras poeticamente construídas de Manoel de Barros que me faz pensar e repensar em nossos modos de interação com o mundo, onde parecemos mais não nos importar uns com os outros uma vez que andamos por tempos tão rudes em nosso cotidiano (abaixo a ilustração do dashboard do *Tumblr* loulou-santos.tumblr.com acesso em 10 nov 17):



Assim, com sua poesia trago um pensar que pode ser interessante a nós, aos outros. E não tão somente a literatura, mas também publiquei a filosofia de Michel Foucault para a compreensão de nosso pensar: o estar na fronteira (esta publicação aparece em outro momento da dissertação). Uma fronteira entre o que eu sou e o que posso passar a ser, o vir a ser outro, ser outra após a leitura, a experimentação de uma publicação ou uma arte que eu tenha oportunidade de apreciar, experienciar, sentir. A fronteira do que eu era e o que eu sou (ou possa vir a ser) com o auxílio e a potência da literatura. Fronteiras que podem ser ultrapassadas se assim o desejarmos. E por desejar me ultrapassar que faço algumas publicações. Experimento e faço publicações, com o desejo de provocar afecções ou afectos, onde não tenho certezas, mas experimentações que ultrapassam o meu modo de ser e de viver – e também de escrever a dissertação.

Mas então, a vida não é uma constante experimentação? Acreditando nesta incerteza que minha intenção é provocar poeticamente o por-vir, o devir. Um jogo digital que experimento com as minhas leituras, onde as próprias leituras provocam sensações que por ora ficam transitando em meu corpo e por outras vezes potencializam meus pensamentos. Um efeito que busco oferecer a quem me lê, numa coexistência digital que penso em proporcionar de maneira estética: uma estética de vida que busca a vida. Uma maneira poética de existência que o universo digital permite, onde o virtual pode se tornar possível. Experimentações que a literatura me trouxe e assim está me transformando: um novo modo de ser que hoje interage com o mundo, digitalmente.

2 A visibilidade, a interação e a performatividade

Por que recusar acontecimentos?

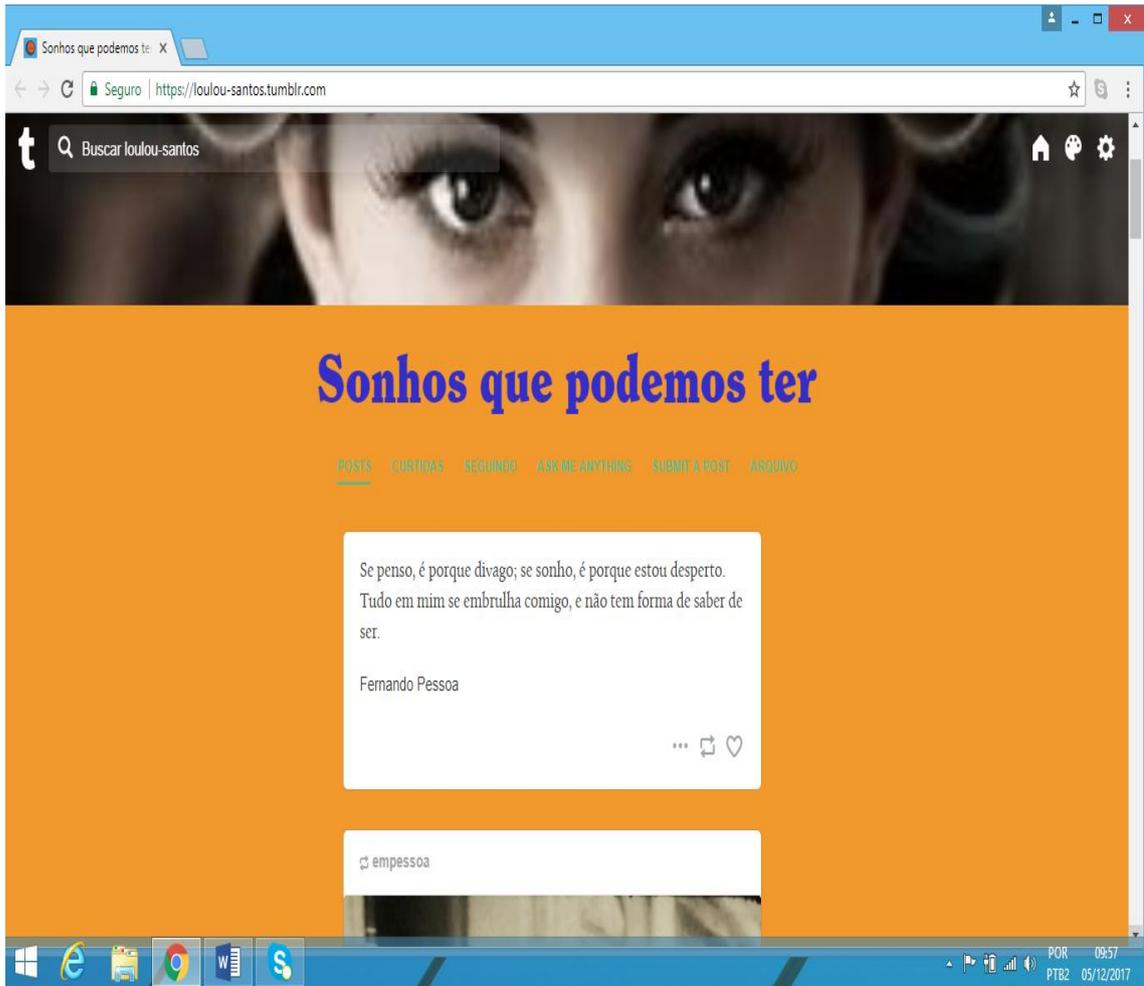
Ter muito ao mesmo tempo,
sentir de várias maneiras,
reconhecer a vida em diversas fontes.

(LISPECTOR, 2013, p.168)

Saio a passear pela cidade, a sentir o que o inverno pode provocar: o vento atravessa meu corpo e penso em quanto sou atravessada pelo que leio. Uma sensação de interação, onde as conexões estão no ar e precisam se aliançar.

Volto para casa e continuo a escrever, continuo a sentir, continuo a provocar... Navego e publico em meu *Tumblr* para interagir no mundo digital (abaixo o dashboard do tumblr loulou-santos.tumblr.com acesso em 20 jan

18):



Leio, releio e tenho a sensação de que a vida é isso: tudo se embrulha, coexiste e faz parte de um todo. Um arrepio percorre meu corpo e penso nas formas de saber ser: há fórmulas? Não sei, parece que realmente há coisas na vida que são grandes experimentações...

...

Em relação à visibilidade, percebe-se que alguns usuários não se preocupam em mantê-la oculta, uma vez que há a descrição de fragmentos de sua personalidade e a intenção em manter aquele perfil, assim como a imagem aparentemente atual, pois elas descrevem e performatizam (AMARAL, FRAGOSO & RECUERO, 2010) alguns aspectos de sua personalidade naquele pequeno espaço destinado à apresentação pessoal, assim como a descrição dos lugares pelos quais passam, podendo haver a referência aos lugares que frequentam, seus hábitos e suas impressões sobre o universo no qual estão inseridos, além das imagens escolhidas e postadas, as quais também demonstram seus gostos – geralmente

fragmentos de músicas e de filmes, onde estes são denominados gêneros textuais (MARCUSHI, 2010). Estes participantes geralmente possuem um perfil em algum artefato e vão sendo representados na web pelas características que querem deixar transparecer, além de preencherem algum vazio virtual, indicando suas escolhas e preferências assumindo sua performance num mundo pseudo-real. Esta performance tende a caracterizar o usuário, individualizando e marcando-o frente aos outros usuários, demonstrando a sua individualidade e seu perfil social naquele contexto.

Para alguns autores (AMARAL, FRAGOSO & RECUERO, 2010) a interação social só é possível enquanto houver a conversação: fio condutor do processo de comunicação, estabelecendo também relações sociais, negociando o contexto e o direcionamento das conversas nesses contextos interacionais, mesmo que poucas teorias possam dar conta das características gerais que poderiam justificar ou explicar esses encontros ou desencontros linguísticos. Embora este não seja o foco do trabalho, parece importante ressaltar que as questões mais discutidas e relevantes no âmbito acadêmico dizem respeito à questão da “escrita oralizada” – representação escrita da língua falada enquanto manifestação de linguagem, uma vez que há curto espaço e curto tempo para a manifestação escrita de pensamentos e desejos, sendo enxugado por poucos caracteres e pouco tempo disponível entre os integrantes da comunicação, sendo impostos os limites deste ambiente interacional – fato agravante, uma vez que os usuários não percebem os retornos que recebem nos turnos de conversação. Todavia, há outra representação de emoções ou reforços frente àquilo que se recebe textualmente: a reprodução de vogal, os emoticons e designs em letras e fundos de tela, reforços que não representam fielmente as emoções ou reações do interlocutor e sim, apenas, parcialmente.

Enquanto prática discursiva os jovens aproveitam o espaço proporcionado pelo artefato para expressar seu pensamento e suas sensações em relação ao seu objeto de desejo sem demonstrar uma devida preocupação com a linguagem padrão, pois naturalmente a linguagem da Internet está caminhando para um outro (em negação à ‘novo’) modelo linguístico. Ao invés disso, há uma preocupação somente com a manifestação linguística e não com a forma como ela é manifestada (MARCUSCHI, 2010).

2.1 A inquietação entre o discurso e a extimidade

Surgiu a inquietação de cartografar esse fenômeno social desenvolvido e representado no ambiente digital, principalmente na juventude, a qual é tão rica de plasticidade e fragmentos, pois os sujeitos nela estão em constante construção, assim como o discurso, pois

Quer seja, portanto, em uma filosofia do sujeito fundante, quer em uma filosofia da experiência originária ou em uma filosofia da mediação universal, o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura não jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula, assim, em sua realidade, colocando-se na ordem do significante. (FOUCAULT, 2012, p.49)

Percebemos então a forma de escrita presente nas postagens: jovens que abrem mão dos antigos diários – os guardiões de segredo – e os transpuseram para as públicas páginas digitais, relatando seus anseios, dúvidas e particularidades tão próprias da idade e recortes de momentos pelos quais estão passando. Seria uma subjetivação proporcionada pelo ambiente digital?

A inquietação centra-se também nos *Tumblrs*, que são plataformas digitais em grande uso, as quais permitem inserção de textos, imagens, fotos e músicas, permitindo uma grande manifestação de pensamentos por parte de seus usuários. A fim de compreender este fenômeno tão atual da extimidade (SIBILIA, 2008), grande exposição da intimidade em lugares considerados públicos, vamos nos utilizar de um pouco de tecnologia, filosofia e literatura, pois acreditamos que as três se complementem nessa empreitada considerada filosófica. Afinal, temos uma possibilidade de inserção de *Tumblrs* no contexto escolar, uma vez que estão sendo utilizados para expor a vida considerada privada, pois sentimentos, sensações e pensamentos nem sempre eram públicos, muitas vezes considerados imorais e transgressores para a sociedade vigente, tão castradora de exposição de opiniões. Mesmo sendo tão medieval, ainda hoje o fato de ter uma determinada ideia diferente da maioria, ainda é considerado uma agressão. Logo, tão transgressores de si, esses jovens seriam de extrema coragem em organizar e publicar sua vida privada na rede virtual. Podemos pensar que as paredes da escola estão se reorganizando em relação às redes virtuais (SIBILIA, 2012) e que os jovens e as pessoas em geral decidiram utilizar as redes de forma biográfica, intencional ou não, uma vez que as redes estão aí, para a livre utilização de seus usuários. Então, que motivos teriam (e teríamos nós também) para não utiliza-las?

Essas novas formas de expressão e comunicação são altamente atrativas, uma vez que permitem a grande brincadeira da livre expressão, da criação, através de vídeos, músicas,

imagens e palavras, para os mais céticos. Grandes artistas digitais, a possibilidade do anonimato ainda existe. Não é uma obrigação a exposição do nome e imagem (foto), sendo assim, há o poder de expressão sem a preocupação com o outro. A brincadeira existe, o anonimato existe e o poder da expressão também. Que motivos me levariam a continuar escrevendo nos antigos diários, em casa, sem o comentário alheio – uma vez que a plataforma permite a inserção de comentários de outros usuários – e sem a proliferação de ideias e aplausos? Talvez essas interrogações borbulhem na cabeça dos usuários. Segundo Deleuze (1997, p.11)

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até num devir-imperceptível.

Por isso chamou a atenção essa forma de escrita de forma não-linear e muitas vezes fragmentadas, sem a preocupação com a linearidade e sequência dos escritos e acontecimentos, diferentemente do que acontecia com os diários, os quais obedeciam a uma cronologia e sequência de acontecimentos da vida de uma pessoa. De caráter mais feminino, os diários eram escritas íntimas e pessoais da vida de uma mulher, que os tinham como melhores amigas, detentoras de seus segredos mais íntimos; enquanto que aos homens cabia os diários de bordo, de navegação e escritos referentes a um povoado, de caráter mais impessoal e detentor de informações, e não segredos. Hoje já não é bem assim.

Analisando os discursos, mesmo que sejam fragmentados e inacabados, pensando em Foucault (2012)

pode ser que essa instituição e esse desejo não sejam outra coisa senão duas réplicas opostas a uma mesma inquietação: inquietação diante do que é discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. (p.8)

pois todo e qualquer movimento de expressão movimenta e impulsiona forças até então não dominadas, uma vez que muitas vezes só dominamos sentimentos – se é que os dominamos – depois de demonstrados de alguma forma.

Na continuidade do pensamento foucaultiano (2012) em relação ao discurso e ao desejo, ele nos diz que

visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (p.10)

Assim, o discurso responde ao desejo e ao poder, na vontade de verdade e de expressão de desejo e potência, sendo que o que está em jogo é exatamente isso: o desejo e o poder via escrita digital.

Os discursos, que estão na origem dos povos enquanto expressão de sentimentos e desejos e pensamentos articulados com um objetivo, podem ser retomados e transformados enquanto fala ou escrita, pois são ditos e permanecem ditos (FOUCAULT, 2012), neste caso na forma escrita e se assim o desejar, permanente na página de suas usuárias, podendo ser retomadas e refutadas por outros usuários na forma de comentários, o qual

não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. Deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito. (FOUCAULT, 2012, p.24)

Podemos pensar nesse jogo de palavras enquanto uma problematização do pensamento com a finalidade da livre expressão, talvez com finalidades de romances e romantismos, pois são dotadas de signos de caráter românticos e que beiram o amor e a paixão entre duas pessoas, mesmo que não tenhamos a certeza da correspondência de tais romances, assim como o simulacro de algumas postagens de romances correspondidos; simulacro juvenil de empoderamento e extimidade de acontecimentos de forma subjetiva e, muitas vezes, imagéticas e musicais: essas narrativas tecem a vida de alguns “eus” larvários. Eus que surgem da criação de outros/novos mundos. De alguma maneira, realizam esses simulacros; uma vez que usar palavras e imagens é agir: graças a elas podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades e de alguma forma nutrimos o mundo com um novo acervo de significações, onde autor, narrador e protagonista se confundem. Afinal, qual o limite do simulacro e da veracidade na rede virtual? Como mensurar quem é autor e quem é personagem num universo onde não sabemos se elas são a mesma pessoa? Este eu costuma ser tríplice, sendo ao mesmo tempo tudo e a narrativa torna-se uma ficção, por isso o caráter duplo: assim como pode ser um relato autobiográfico, pode ser uma narrativa ficcional, um ilusório relato advindo de uma personagem lindamente inventada. Este “eu” da web pode ter sido inventado e relata narrativas ficcionais, com suas histórias construídas partindo de fatos

que realmente existiram, fantasiando realidades de forma surreal e mágica, onde a linguagem é construída de forma múltipla partindo de cada experiência individual, tratando de um tipo especial de narrativa do eu, surtindo um efeito tanto no sujeito que escreve quanto no sujeito que lê, sendo assim que é na própria linguagem que o sujeito se realiza e se transforma.

Essa experiência de si enquanto um “eu” se dá devido a condição de sujeito narrador: alguém que organiza sua experiência na primeira pessoa do singular e expõe na web para quem desejar ler, pois seus escritos estão disponíveis, inclusive para o seu objeto de desejo, o dono de suas sensações, sendo que muitas vezes são fragmentos apaixonados, beirando indiretas para alguém. Torna-se uma ficção necessária, pois somos feitos desses relatos, é o que nos constitui enquanto sujeitos, nos tornando mais ‘reais’ num universo onde nem tudo é real. Realidade e ficção mesclam-se e dão sentido ao universo narrativo de um eu que ali se constrói e se desconstrói e que naquele espaço virtual está sempre se constituindo e sendo constituído por ele, muitas vezes beirando uma narrativa fílmica.

Talvez seja por isso que hoje a vida se pareça muito com um filme. Já não são contados os episódios da vida como algo épico ou trágico, mas pequenos parágrafos fragmentados da vida sem linearidade e sempre de forma impactante, onde cada postagem surte um efeito distinto e – talvez – muitas vezes intencionais. Talvez seja o *it* de nossa Clarice Lispector (1998), talvez estejam querendo o seu instante-já, como pirilampos virtuais que desejam causar impressões nos seus leitores com os instantes postados na plataforma, onde a linguagem do eu e do tu são constituídos de palavras, expressões, muitas vezes densas, num processo que busca a correspondência e a interconexão entre vida, paixão e violência. Uma violência simbólica, simbolizada pelas impactantes postagens rarefeitas de indiretas para um alguém. Assim como em *Água Viva* (LISPECTOR, 1998), pois a personagem esconde-se atrás de um eu, procurando entender o significado da solidão e o seu estar no mundo, no transcorrer dos instantes e do presente contínuo onde não há limites para aquilo que é interior e exterior à personagem:

Sinta-se bem. Eu na minha solidão quase vou explodir. Morrer deve ser uma muda explosão interna. O corpo não aguenta mais ser corpo. E se morrer tiver o gosto de comida quando se está com muita fome? E se morrer for um prazer, egoísta prazer? (p.83)

Por isso não é mais surpreendente que os sujeitos tenham adaptado suas vidas ao grande espetáculo, à exigência das câmeras e das redes sociais, onde tudo que façam, que postem, tenha a ver com a espetacularização do eu, numa ânsia pelo aplauso alheio, tendo como confirmação de suas performances as curtidas, compartilhamentos e comentários para a

manutenção de um *status quo* desenvolvido especialmente para o aplauso. Valorizamos a vida em função da capacidade dela vir a ser realmente um filme; afinal, são corpos não-corpóreos que dançam no espaço virtual, dançam em uma nuvem como se fôssemos um grande espetáculo, onde a vida humana – fragmentária – tem uma forma narrativa: assume um caráter fílmico ou novelesco, com tempo para a construção da própria trama. E a vida é feita de histórias, da experiência (aquilo que nos passa), dentro dessa literatura, desse jogo de linguagem, com o intuito de causar uma desacomodação no indivíduo, enquanto criação de um novo conceito, de uma nova maneira de pensar. Ou seja, restitui ao pensamento sua potência criadora, seu ato de pensar está relacionado à invenção, o pensamento enquanto estilo criador como Gilles Deleuze ensina. Temos então alguns movimentos nesse devir das personagens: elas criam seus pensamentos na web, criando grandes afecções em seus leitores, sendo motivadas por algo exterior e produzindo um outro movimento, como uma prática de si (Foucault, 1984). Assim sendo, as personagens são afectadas exteriormente, produzem suas narrativas e afectam a nós, pois também somos afectados por esses intercessores. Logo, esse poder é força para todos os lados e a força está sempre em movimento, numa constante dança de ideias e sensações expostas de forma intencional ou não em um ambiente que doravante considera-se livre. Seja ele livre ou não. Sejamos nós livres ou não. Sejamos personalidades ou celebridades de nossa própria realidade ficcional.

Por isso é evidente que tanto esses modos de subjetivação como essas vontades políticas já são conhecidas, pertencentes a outras épocas. Esses novos gêneros autobiográficos já são velhos conhecidos, mas assinalam um novo modo de ser, outros processos e novas tendências, revelando que a necessidade da comunicação e da expressão é uma constante do ser humano.

2.2 A conexão, a possibilidade de inserção e a atratividade

Estar em conexão pode ser sempre uma possibilidade de inserção em algum lugar, com alguma(s) pessoa(s). Posso estar conectada através da rede com alguém e seu coração, pois posso ter relacionamentos alimentados também pela conexão. As várias relações que ela me possibilita dar continuidade ao que pode ter sido iniciado presencialmente. Me possibilita estar inserida em espaços que presencialmente não posso frequentar. São

várias as atratividades que a rede disponibiliza... *Escrevo-te à medida do meu fôlego* (LISPECTOR, 2013, p.91).

...

Ao longo do livro *Redes ou Paredes*, Paula Sibilia (2012) escreve suas reflexões a respeito do uso dos dispositivos móveis na sociedade contemporânea, onde o uso ultrapassa os muros da escola, o que também ocasiona uma ideia de confinamento, pois estamos cada vez mais conectados e, talvez, isolados. Aqui há também a problematização do uso dos dispositivos pelos professores, com a afirmativa de que só podemos utilizá-los com finalidade pedagógica. O que também me parece algo a se questionar, pois muitas vezes necessitamos estar em contato com outras pessoas que não sejam do universo escolar. E também podemos ter o desejo de praticar nossas comunicações em redes digitais enquanto expressão de si, narrativas de si (SIBILIA, 2008). Assim como podemos inserir o considerado não-escolar dentro dos muros da instituição, adjetivada pela autora enquanto multifacetada e modular (SIBILIA, 2012). Uma questão de articulação desses movimentos que “a nuvem” – expressão popular para referenciar a web – tem nos proporcionado há alguns anos.

Temos então a questão do confinamento: não estamos mais confinados às instituições escolares, mas agora confinados às conexões. Aos aplicativos que atualmente parecem ser uma extensão do nosso corpo, um modo de viver na sociedade contemporânea. Segundo Foucault (2013), saímos da prisão – e suas punições – e entramos na rede eletrônica. Da prisão à exposição e suas consequências – a audiência, o like, a curtida, o emoticon, o compartilhamento, o gif. Estamos a qualquer momento em qualquer lugar com a ajuda da nuvem. Um universo sem geografia onde real e virtual fundem-se.

Nesse sentido, a proposta do texto é adentrar neste universo que ultrapassou os muros da escola. Uma proposta de problematizar a realidade produzida via internet. Claro que com a atenção de que nossas escolas apresentam problemas sérios de adesão a essa nova realidade, seja na estrutura proporcionada, seja pela visão que se tem do uso da internet no contexto educacional. Saímos – ou estamos tentando – de um momento de crise para uma situação de ruptura: da explosão da web para a inserção dos dispositivos e aplicativos da rede para o ambiente escolar e, inclusive, para a vida, com a finalidade de unir a escola analógica aos seus alunos cibernéticos.

As questões que envolvem as tecnologias estão cada vez mais recorrentes. Redes sociais que são utilizadas para questões de interação e trocas de mensagens no contexto escolar estão cada vez mais sendo utilizadas enquanto união entre os pares. Seja de forma educativa ou não, pois muitas vezes o aproveitamento das redes assume algum caráter que pode fugir dos olhares disciplinadores educacionais.

Segundo Sibilía (2012), temos uma lógica de mercado que ultrapassou os muros da escola, desnaturalizando o caráter rígido do universo escolar: temos alunos-consumidores que estão intensamente consumindo mídias, sejam elas educativas ou não. Embora, atualmente, seja difícil delimitar o que pode e o que não pode ser/tornar-se educativo no universo midiático. Assim, percebe-se um corpo discente mais atento ao universo audiovisual, havendo uma mudança de comportamento, pois

Quando o jovem deixa de ser aluno por excelência e se converte, antes de mais nada, num usuário dos meios de comunicação e num consumidor mais ativo que muitos adultos, constata-se uma obviedade que não deveria sê-lo: a lógica do mercado se generalizou. (SIBILIA, 2012, p.66)

E essa lógica de mercado exige do corpo docente e da escola uma mudança constante, uma vez que há a necessidade de adequação para tornar as aulas mais atrativas.

Nossa proposta é pensar em questões não-escolares que adentraram o universo escolar partindo de experiências proporcionadas pelos próprios dispositivos, mesmo que saibamos que nem toda experiência seja igual para todos. *Sentir? Sinta quem lê!* (PESSOA, 1996, p.43). Sendo assim, pensamos aqui na possibilidade de experimentação com os *Tumblrs* enquanto dispositivo pedagógico no universo escolar, onde podemos criar com a finalidade educacional de experimentações que partiram do universo não escolar, os quais podem ser inseridos na sala de aula, assim como outras redes são utilizadas enquanto dispositivo comunicativo e interacional entre alunos e professores, tornando a escola mais atrativa para a comunidade escolar, porque *tenho em mim todos os sonhos do mundo* (PESSOA, 1996, p.63).

2.3 A vida na escola e a escola da vida

O quanto o considerado não-escolar pode tornar-se escolar? Tentaremos aqui problematizar esta questão com reflexivas a respeito do assunto. Reflexivas porque queremos pensar sobre e não somente problematizar sem apresentar nenhuma consideração a respeito. Pensar aqui em conclusão seria algo demasiado grande tendo em vista o quão flexível tem-se

mostrado o ambiente escolar, e também por ser uma cartografia, o que nos interessa é o processo.

Ao longo do primeiro semestre várias reflexões foram provocadas no seminário “Amizade, acontecimento e formação”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Cynthia Farina nas terças-feiras e um texto chamou muito a atenção em relação a questão da educação e da formação no contexto escolar. No segundo capítulo, intitulado *Existencias a la deriva*, do livro *Imágenes de lo no escolar: en la escuela y más allá*, de Sylvia Duschatzky e Diego Sztulwark, estudamos a respeito do que acontece fora do ambiente escolar, o que ultrapassa os muros da escola e assim formam uma outra realidade. Aquilo que está à deriva do que é considerado escolar. Mais precisamente acontecimentos do entorno escolar que acabam ganhando repercussão ou importância no contexto educacional. Pensando sobre o texto, consideramos: o que teriam os artefatos digitais de conformidade com isso?

Temos aqui uma grande convergência: não estamos pensando na questão do eletrônico, mas sim do próprio *Tumblr*. Sabe-se que em várias instituições – privadas e públicas – os eletrônicos (mais especificamente os computadores) são de grande utilidade no contexto educacional. Utilizados como grandes auxiliares no processo de ensino-aprendizagem para docentes e discentes, inúmeros sites são pesquisados para complementar ideias ou sanar grandes dúvidas em pesquisas ou trabalhos escolares. Entretanto, em nossa pesquisa percebemos que em alguns lugares os *Tumblrs* invadiram as escolas assim como o Facebook e o Twitter, assumindo também uma performance de rede social. Afinal, é no próprio uso que uma ferramenta assume seu papel social. Citando Duschatzky & Sztulwark

se trata de fluxos de vida (linguagens, modos de gestão, ritmos de trabalho, de pensamento, de criações) que se somam ilegalmente empurrando os limites das formas reconhecíveis para fazer escola (2011, p.5, tradução nossa).

Assim, temos formas consideradas “ilegais” porque não estão dentro dos padrões escolares de fazer-se educação, ensino-aprendizagem, mas uma outra forma de estar dentro do contexto escolar, ou seja, um outro modo de existência em relação ao considerado escolar. Percebe-se aqui o quão rígido pode ser um processo educacional.

O texto trata de escolas de periferia e suas problemáticas fora do ambiente escolar que acabam adentrando na escola de alguma forma. Nem tudo é comentado ou noticiado, mas de alguma forma é levado em consideração. Assim, pensamos nesta questão do que não é utilizado no contexto escolar, mas que de alguma forma transita em nosso viver, pois

não se trata de ‘recompor’ o quebra-cabeças da escola explosiva, senão de desenvolver uma gestão das situações que se produzem nela por via de experimentar novas conexões. (DUSCHATZKY & SZTULWARK, 2011, p.32, tradução nossa).

Seguimos aqui na proposta da experimentação no contexto escolar.

Percebemos nos *Tumblrs* uma grande movimentação de conhecimentos e saberes (entendendo conhecimento como aquilo que pertence à ciência e saberes como aquilo que pertence à vida): percebemos o contexto escolar nas redes e uma rede digital que de alguma forma pode ser incorporada no contexto escolar, pois em várias páginas observamos a inserção de textos doravante estudados em sala de aula, tais como música, literatura e etc., demonstrando um aproveitamento dos alunos em relação ao aprendizado em sala de aula. Assim como há um grande universo de páginas virtuais que podem ser utilizadas no ambiente educacional para um melhor aproveitamento e, inclusive, um estímulo às pesquisas docentes e discentes, onde em algumas regiões já há a formação de professores para uso de tecnologias digitais na educação, visando a dinamização do processo de aprendizagem. Essa possibilidade de criação de saberes através dos *Tumblrs* é muito diversificada, pois podemos pensar em buscar no virtual o que podemos utilizar no contexto de sala de aula, desde reportagens a trechos de músicas e literatura, em consonância com o universo adolescente que foi o propulsor desta inquietação e subjetivação. Mas nem sempre os professores são adeptos dessas ideias. Há uma resistência frente ao novo devido ao desconhecimento.

E chegamos ao terceiro capítulo, com a necessidade de escrevermos sobre a Experiência. Sobre essa experiência que Jorge Larrosa nos fala. O que nos toca? O que nos provoca a sermos outros, outras em nossa formação, em nossas vidas?

EXPERIMENTAÇÃO: os estudos podem atravessar a vida?

No decorrer do Seminário Experimentações com Dispositivos Digitais, ministrado pelo Professor Doutor Alberto d'Ávila Coelho, várias foram as experimentações bibliográficas e uma delas chamou minha atenção. Na leitura de um dos artigos, houve a menção ao autor Michel Maffesoli⁶, o qual alinhava estética e tecnologia nos dizeres dos autores de tal artigo, o que me provocou a buscar mais informações a respeito do sociólogo francês. E falando em francês, a língua estrangeira também me provocou interesse, fazendo-me frequentar as aulas oferecidas em curso ministrado durante o Mestrado. Assim, entre estudos e pesquisas, encontro a notícia sobre Maffesoli, a qual convidava a comunidade acadêmica para um curso ministrado por ele com o seguinte título: Ecosofia, Vida Digital e Comunhão Social, em Porto Alegre. Um título altamente convidativo para as minhas escritas. Eis que decido ir conhecer a sumidade.

Um frio repentino faz-se aqui na zona sul do estado: era fim de abril e o termômetro registrava 9° na rodoviária de Pelotas. Enfrento uma viagem gélida para experimentar os ensinamentos do professor.

E num ambiente confortável e acolhedor oferecido pela Famecos-PUC/RS espero por ele, onde uma emoção toma conta de meus sentidos quando o autor por mim – e outros acadêmicos – passa. Entre nós, aprendizes.

Horas de aprendizado com um grande estudioso da vida. Buscando na filosofia subsídios para compor a atualidade, o sociólogo argumenta-nos a respeito de comportamentos na vida digital, fazendo-me pensar quem sou e como performatizo nas redes. O pensar em modos de viver a era tecnológica em comunhão. O bem performatizar – onde busca nos gregos e nas práticas exercidas por eles naquela época – para evitar práticas distorcidas em tempos de tensão social. O identificar-se – onde remete às tribos, tão comum da juventude – o que remete-me aos alunos e suas divisões, segregações por identificação, semelhança. Questões que levam-me de imediato às minhas práticas, seja acadêmica, seja na vida. Mais uma vez penso em uma estética, em um modo de vida – seja real, seja digital – onde a busca por uma comunhão seja de alguma forma tangível. Um pensar as práticas de vida pela própria prática. Práticas que remetem à Antiguidade Clássica para compreendermos a atualidade.

⁶ Sociólogo francês e professor da Université de Paris-Descartes que ministrou a palestra Ecosofia, Vida Digital e Comunhão Social

Foi um lindo encontro. Muito embora eu seja iniciante em língua francesa, seu comunicar foi muito envolvente, pois era pausado e preocupado conosco, o mesmo a respeito do tradutor-intérprete. O tempo passou e nem percebi. Experimentar uma outra bibliografia me proporcionou sentir que meus estudos podem ter uma continuidade, assim como há juventude na vida: não importa a idade, pois Maffesoli – com uma idade mais avançada – apresentou-se como um grande sociólogo encantado – e não avesso – com os acontecimentos provocados pelas tecnologias.

Volto para Pelotas extasiada pelas provocações na capital. De corpo inteiro fui provocada a pensar e potencializar sobre tecnologias e vida. A sensação de estar em um caminho é pulsante. E é nesse pulsar, em conversa com a Rose que decido enfrentar o desafio de uma atividade orientada à docência no ensino superior. Mais um desafio que abraço com todo o corpo e escolho a turma de Licenciatura em Computação. Mais uma vez a tecnologia fazendo parte de minha trajetória acadêmica. Há vida na vida.

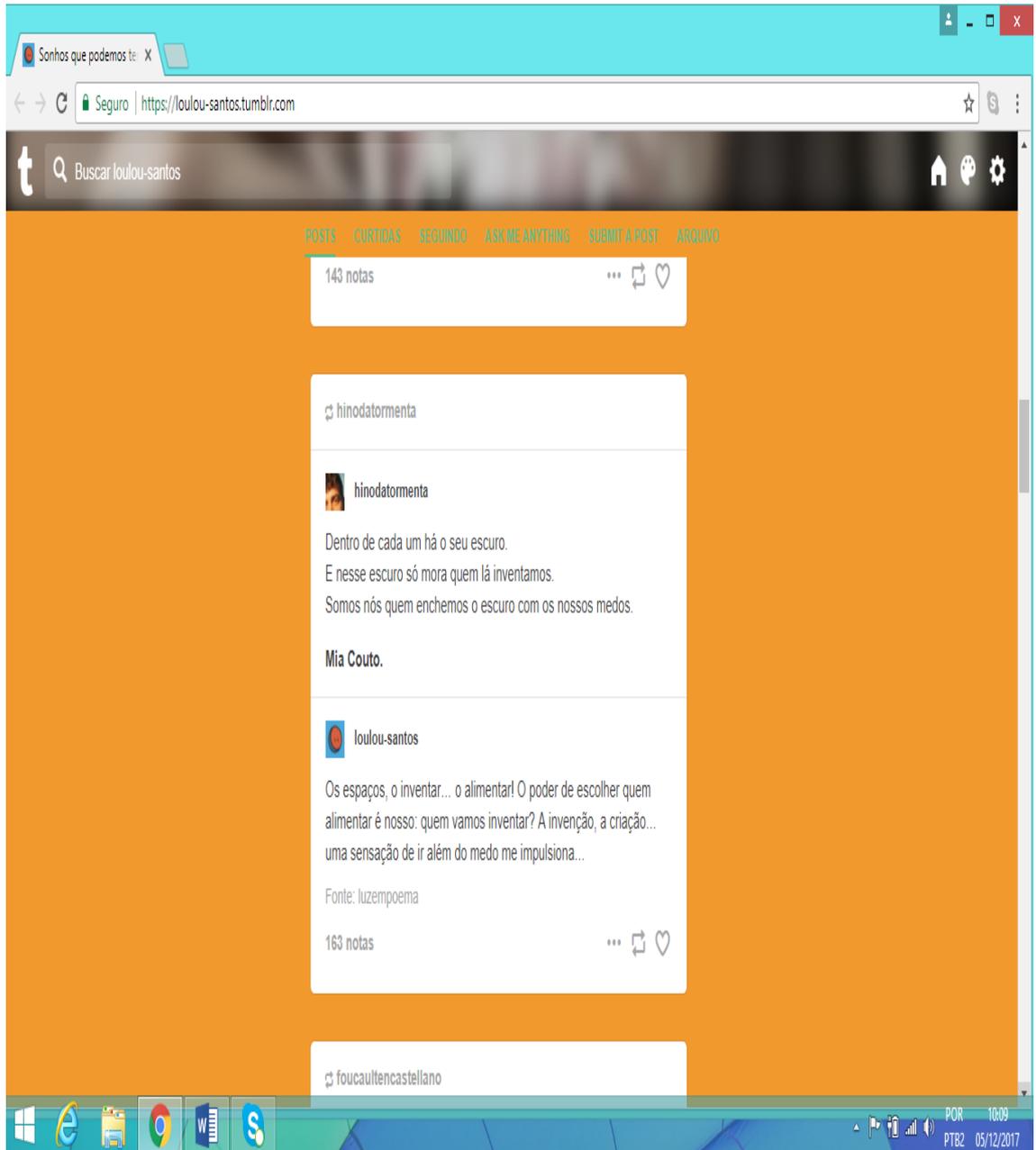
Um período de grande aprendizado com o auxílio da Professora Dr^a. Fernanda, onde entre regras, artigos, projetos e relatórios fazemos um compartilhamento de ensinamentos. Aprendo e ensino, ensino e aprendo. Com acuidade oriento uma turma em apresentação de trabalho. Foi libertador! Uma atividade de confecção de projetos, onde em pequenos grupos teceram suas ideias a respeito de tecnologia e educação. A turma é envolvida na atividade e desde o início foram atenciosos comigo e exatamente por isso não hesito em contribuir no desenvolvimento e apresentação de seus trabalhos.

Uma comunhão de corpos que a pós-graduação tem contribuído na minha formação. E por horas penso: contribuição ou provocação? Um provocar que me conecta ao mundo. E assim, penso em *só o existo existe* (LEMINSKI, 2013, p.299).

3 Experiência: o que nos passa?

Sabia que já começara uma coisa nova
e nunca mais poderia voltar
à sua dimensão antiga.
(LISPECTOR, 2013, p.111)

Deixo um pouco as escritas de lado e vou navegar. Entre um *Tumblr* e outro algumas publicações me provocam sensações, outras me fazem pensar, outras são apenas publicações. O que acontece? Acontece que nem tudo pode nos tocar, nos provocar uma experiência... Leio, reblogo e cartografo digitalmente (dashboard do *Tumblr* loulou-santos.tumblr.com acesso em 05 dez 2017):



...

A experiência não pode ser generalizada, cada um passa de uma forma, podendo ou não transformar-se, pois só muda quem se afecta. E mais do que nunca, a informação atravessa nosso cotidiano de forma bombástica, o que não tem a ver com a experiência, muitas vezes anulando nossa imaginação... e *Eu simplesmente sinto com a imaginação* (PESSOA, 1996, p.43).

Entendemos aqui o conceito de experiência conforme Jorge Larrosa. Em espanhol, experiência é aquilo que nos passa, que nos atravessa e nos produz outras subjetividades

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p.21)

Assim, muitas coisas acontecem ao longo de um dia, de uma vida, mas isso não garante que algo seja uma experiência que realmente possa causar alguma experiência em nós (pensando em forças que nos abatem). Assim como não há garantias que todos tenham a mesma experiência com a mesma experimentação. *O que me importa são instantâneos fotográficos das sensações* (LISPECTOR, 2013, p.12). Somos únicos e diversificados e cada um com uma experiência sensível diversificada. Logo, não temos garantias de que num universo de ‘x’ professores todos tenham a mesma experiência com um mesmo fato, encontro com alguma publicação, com uma aula, um vídeo, um seminário, um livro, mas temos a experiência da provocação e estímulo à leituras. *A experiência não é outra coisa se não a nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos* (LARROSA, 2008, p.186). Num universo de infinitas possibilidades, a informação toma conta do cotidiano e isso confunde um pouco a todos nós. Informar não causa alguma experiência, pois a experiência não tem convergência com o informar. *E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência* (LARROSA, 2002, p.21).

Percebe-se hoje que há o estímulo constante à informação, ao estarmos informados de tudo e o tempo todo, o que pode não proporcionar uma experiência: estamos inseridos num contexto informacional e estimulados a buscar cada vez mais informações, seja lendo um livro, uma notícia, conferência ou aula, *mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu* (LARROSA, 2002, p.22). O excesso de informação tem anulado possíveis experiências que podemos passar em alguma circunstância, pois *a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião* (LARROSA, 2002, p.22). Somos sujeitos informados e consequentemente opinativos. Temos sempre uma opinião sobre tudo, independentemente de ter tido ou não alguma experiência sobre o que aconteceu. E o que nos importa são as experiências que as artes podem nos provocar, afetar, uma vez que *definir o sujeito da experiência como sujeito passional não significa pensá-lo como incapaz de conhecimento, de compromisso ou ação* (LARROSA, 2002, p.26): temos sujeitos mais críticos, mais exigentes e

digitais, tendo em vista todo o universo não escolar e midiático. Uma alternativa pode ser a atratividade do meio digital para instigar-nos à leitura e ao provocar novas experiências.

Uma relação em que algo nos passa, nos acontece. Então, o desejo de realidade está ligado à experiência, no sentido de que o real só acontece se experimentado: o real é o que nos passa, nos acontece na experiência. (LARROSA, 2008, p.186)

E se a experiência foge à lógica da razão e da convencionalidade, então a experiência é uma paixão e o sujeito torna-se passional. E a paixão pode estar relacionada e referir-se à várias coisas, desde o sofrimento e padecimento (o que envolve ser paciente e não agente), passando pela responsabilidade em relação ao outro e também a experiência do amor, tensionado entre a liberdade e a escravidão, incluindo a morte e o renascimento do sujeito. Conforme Larrosa (2002)

A paixão tem uma relação intrínseca com a morte, ela se desenvolve no horizonte da morte, mas de uma morte que é querida e desejada como verdadeira vida, como a única coisa que vale a pena viver, e às vezes como condição de possibilidade de todo renascimento. (p.26)

E essa é a grande chave da experimentação: o apaixonar-se em consequência da experiência que o contato com alguma coisa provocou, o jogar-se na leitura e por ela se apaixonar, causando morte e renascimento do leitor em contato com as escritas. Uma micropolítica, que não é para todos, no contexto educacional pode nos auxiliar neste desejo de provocações e experiências, pois *a micropolítica é exatamente tentar agenciar as coisas* (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.92) e *o desejo de realidade não é muito diferente do desejo de experiência* (LARROSA, 2008, p.187), onde

o desejo, ou a vontade de realidade, tem relação, então, com a suspeita de que falta algo ao que nos é apresentado como real. Como se nos dissessem que, fora, o que existe é uma espécie de realidade sem realidade. (LARROSA, 2008, p.185)

Um acontecimento que pode não ser constante nem esperado, mas simplesmente acontecer como um raio, um disparador que pode proporcionar um novo pensar, causando uma ruptura de mundos, onde os mundos podem também se misturar *com a literatura, com as artes, com o cinema ou com a filosofia, essa validade, essa força, essa presença, essa intensidade e esse brilho do real me comovem ou me arrebatam* (LARROSA, 2008, p.186). As experiências com a arte podem nos transformar!

3.1 Provocações a partir e com as experiências

Partindo do que é experiência, seguimos na leitura, no fruir de ideias com a intercessão de Jorge Larrosa, mas agora com a obra *Linguagem e Educação depois de Babel* (2004). E vamos então pensar sobre o provocar experiências com a literatura: dar a ler... talvez.

Pensando sobre o nosso problema que é a formação de um professor a partir das experimentações que atravessam nosso fazer acadêmico e também com a literatura e a escrita nos dispositivos digitais, sobre o provocar experiência no ambiente digital, pensamos sobre os fragmentos que podemos utilizar neste outro ambiente. Transpor fragmentos dos livros para as páginas digitais não é uma tarefa fácil, pois nunca se sabe que tipo de experiência podemos estar provocando ou que podemos experimentar, por isso a acuidade no processo. Assim como as palavras são as mesmas, mas o seu experimentar pode não ser o mesmo para todos, porque as palavras podem ser as mesmas, mas seu dizer nem sempre é o mesmo (LARROSA, 2004). Então o que propomos é *receber as palavras, e dá-las* (LARROSA, 2004, p.15), oferecer a quem nos lê, provocar uma experiência em professores, alunos, em nós mesmos, pois

Para que as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas, para que uma eternidade sem consolo abra o intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja, em sua volta ao começo, de uma riqueza infinita, para que o porvir seja lido como o que nunca foi escrito... há que se dar as palavras que recebemos. (LARROSA, 2004, p.15)

Palavras que recebemos, que lemos oferecidas por alguém ou buscadas por nós mesmos em nossas leituras solitárias, onde *a solidão era uma estranha companhia* (MÃE, 2017, p.122) e que de alguma maneira podemos oferecer, estender ao outro. Provocar experiências com as palavras, com a literatura e assim *faço poesia não porque seja poeta mas para exercitar minha alma* (LISPECTOR, 2013, p.107). E neste exercício que seguimos com nossa possibilidade de micropolítica nos processos de subjetivação. Uma micropolítica exigente, uma vez que *como fazer para que a leitura vá mais além dessa compreensão problemática, demasiado tranquila, na qual só lemos o que já sabemos ler?* (LARROSA, 2004, p.16) E então perceber que o que líamos era apenas lido, compreendido e não experienciado, como um experimentar pensamento, pensar sobre o já pensado. E então problematizamos: já havia sido pensado, experimentado pensar sobre o que havia sido lido? Assim, com a leitura e as palavras *dá-las a pensar de outro modo no mesmo movimento em que se as dá a ler de outro modo. Dar a ler (o que ainda não sabemos ler): dar a pensar (o que ainda não pensamos)* (LARROSA, 2004, p.17) e assim, num gesto filosófico propomos

um pensar a formação com as experimentações com os outros dispositivos e com os *Tumblrs*, um provocar experiência onde *dando a ler de outro modo as palavras comuns, libera a possibilidade de pensar de outro modo* (LARROSA, 2004, p.18). E essa é a nossa provocação: pensar de um outro modo com a literatura, um exercício de pensamento a partir da literatura também no ambiente digital e na escrita cartográfica.

E neste exercício ético – *ética do dom: dar o que não se tem* (LARROSA, 2004, p.19) – onde a leitura pode ser experiência, temos de saber que leitura pressupõe transformação, e despojar-se de quem se é pode ser uma boa alternativa para deixar-se permitir ao que as palavras podem estar propondo e *só é bom escrever quando ainda não se sabe o que acontecerá* (LISPECTOR, 2013, p.279). Porque realmente é difícil medir a dimensão de uma experiência, de uma provocação e muitas vezes *as palavras já ditas me amordaçaram a boca* (LISPECTOR, 2013, p.271) e as experiências são diversificadas e pensamos em *sua possibilidade de dizer sempre de novo mais além do que já dizem* (LARROSA, 2004, p.20), logo

A força atuante do “dar a ler” só é aqui generosidade: não apropriação das palavras para nossos próprios fins, mas desapropriação de nós mesmos no dar-las a ler. As palavras que se dão a ler não são palavras que se possam ter ou das que possamos apropriar-nos, mas são palavras que se “dão a ler”, abandonando-as. Por isso sua leitura é sempre imprevisível, sempre por vir. (LARROSA, 2004, p.22)

E pensando nesse vir a ser que provocamos o pensamento. Uma fruição entre o que se é e o que se pode vir a ser depois de uma experiência numa *mediação entre o que se recebeu e o que se dá* (LARROSA, 2004, p.24): aprendemos para ensinar, como um mestre de leitura, *aquele no qual se conjugam a paixão de aprender e a paixão de ensinar* (LARROSA, 2004, p.24), onde *a transmissão é uma comunicação que explode* (LARROSA, 2004, p.25). E nesse explodir de experiências que podem ser proporcionadas por uma micropolítica que vamos seguindo nossa caminhada educacional, na possibilidade da invenção e da renovação, da criação, do imprevisível... *ouve-me então com teu corpo inteiro* (LISPECTOR, 2013, p.81); uma escuta de possibilidades amparadas pelo talvez:

O talvez dá a ler a interrupção, a descontinuidade, a possibilidade, talvez, do acontecimento que se abre no coração do impossível, à vinda do por-vir, quer dizer, do que não se sabe e não se espera, daquilo que não se pode projetar, nem antecipar, nem prever, nem prescrever, nem predizer, nem planificar. (LARROSA, 2004, p.30)

Um caminho de incertezas onde nossa única certeza é o de provocar e problematizar pensamentos com a literatura, a partir da literatura, porque *as palavras me antecedem e me*

ultrapassam, elas me tentam e me modificam (LISPECTOR, 2013, p.199). Exatamente por isso que pensamos que devemos *receber as palavras, e dá-las* (LARROSA, 2004, p.31) para que

as palavras durem dizendo cada vez coisas distintas, para que uma eternidade sem consolo abra o intervalo entre cada um de seus passos, para que o devir do que é o mesmo seja, em sua volta a começar, de uma riqueza infinita (LARROSA, 2004, p.31)

E nesse devir que pensamos em uma micropolítica impulsionada pela literatura no meu *Tumblr*. Uma maneira também de provocar aos alunos no exercício de ler e escrever.

3.2 Podemos vir a ser? Uma provocação – o devir

O devir é um conceito filosófico que costura a dissertação desde o começo, desde que a inquietação em amadurecer a pesquisa tornou-se de fato uma pesquisa. O tornar-se, o vir a ser, desde que se queira, que assim o deseje. E este vir a ser outro que provoca nossas escritas com as subjetivações que podem vir a acontecer partindo de publicações na plataforma digital que afetem a si, que afetem ao outro – *pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.21).

Para os autores o *devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica* (p.19) e assim, começemos a entender o conceito com Gilles Deleuze e Félix Guattari em *Mil Platôs*, volume 4 (1997). Eles fazem uma aproximação entre o homem e o animal que nos parece interessante para compreender o conceito

Dizemos que todo animal é antes um bando, uma matilha. Que ele tem seus modos de matilha, mais do que características, mesmo que caiba fazer distinções no interior desses modos. É esse ponto em que o homem tem a ver com o animal. Não nos tornamos animal sem o fascínio pela matilha, pela multiplicidade. Fascínio do fora? Ou a multiplicidade que nos fascina já está em relação com uma multiplicidade que habita dentro de nós? (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20)

Assim, nossa multiplicidade interna pode ser provocada pelo fora, pelas forças exteriores, pelas publicações nos *Tumblrs* e pelos outros artefatos que muitas vezes tornam-se dispositivos (o livro, o seminário, o vídeo), porque *o devir não produz outra coisa senão ele próprio* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.18). Expliquemos com os autores como acontece: *como um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo,*

porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20). O devir só pode existir no sujeito se ele assim o desejar, se houver multiplicidade em si mesmo e *o devir é um verbo tendo toda sua consistência* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.19) – o devir é uma ação, uma ação de vir a ser outro, tornar-se: *ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir”* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.19).

Então pensamos que os *Tumblrs* podem ser corpos, corpos digitais que provocam um devir em contato conosco

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que ele pode, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.43)

Voltamos a navegar, agora para buscar notícias sobre o uso de *Tumblrs* na educação e selecionamos duas, que corroboram com o uso da plataforma. A primeira⁷ argumenta sobre a tecnologia e a sua força em sala de aula, onde o uso da plataforma pode ser um grande aliado no ensino. E assim ficamos pensando: motivar aos alunos com o uso de um artefato tecnológico pode ser uma grande diferença no ensino, pois assim nos aproximamos deles e de suas tecnologias para investir em aprendizagens no contexto educacional, onde realmente manter a potência nem sempre é tarefa fácil, para ambos os envolvidos. Assim, a reportagem versa sobre o uso e o quanto a escola envolve-se nesse processo, pois a adoção da tecnologia envolve o corpo docente, funcionários e, inclusive, a família. É um todo envolvido no acolhimento da tecnologia em favor de uma melhor aprendizagem e encanto dos alunos neste processo.

Já a segunda reportagem⁸ argumenta a respeito de uma educação digital onde o empoderamento das pessoas pressupõe uma educação digital, partindo de um encontro entre profissionais e ativistas do uso de tecnologias. O debate entre os profissionais envolveu desde a criação de uma legislação para o uso regulamentado da internet até o investimento em educação digital, para um uso responsável e consciente dos usuários em relação ao que acessam na web e compartilham nas redes sociais. O que nos agrada, pois realmente convergimos quanto ao uso consciente das redes e da web, onde afectar com publicações pode tornar a existência mais acessível, principalmente em tempos de grande efervescência de

⁷ Fonte: <http://aprova.com.br/tecnologia-na-educacao-e-motivacao-em-sala/> acesso em: 05 set 17

⁸ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2017/05/1888965-educacao-digital-e-caminho-para-bom-uso-de-tecnologia-aponta-dialogos.shtml> acesso em: 01.10.17. 01 jan 2017

opiniões e instabilidade política. Uma maneira de movimentar-se no mundo digital. E assim pensamos que *quanto mais alta a sensibilidade, e mais sutil a capacidade de sentir, tanto mais absurdamente vibra e estremece com as pequenas coisas* (PESSOA, 2016, p.359).
Micropolítica!

E pensando nessa potência que pensamos nesses corpos, nessas publicações que produzem um novo eu, um novo nós, uma multiplicidade de seres num só corpo, estabelecendo uma diferenciação em nosso ser e *cantar ou compor, pintar, escrever não têm talvez outro objetivo: desencadear esses devires* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.63). E neste escrever, publicar, postar, reblogar que pensamos mais adiante na experiência da linguagem e no provocar literatura e não em estruturas sintáticas, mas sim no experimentar a linguagem e a literatura, pois compreendemos os hiatos que aí habitam, uma vez que

o estruturalismo não dá conta desses devires, porque ele é feito precisamente para negar ou ao menos para desvalorizar sua existência: uma correspondência de relações não faz um devir. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.17)

E neste devir que *interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento. Eu sou legião* (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20). E assim, sendo uma legião, um conjunto de vozes, de intercessores que a cartografia se articula rizomaticamente. Chegamos ao quarto capítulo, no qual trazemos conceitos a respeito das “práticas de si” e os processos de subjetivação para pensarmos em nossa formação, na formação de nossos alunos.

EXPERIMENTAÇÃO: das estruturas às sensações

Saio de casa e vou para o Instituto⁹, faz uma tarde ensolarada e quente, atípico para a estação do ano e o instituto está vazio, pois é feriado para nós, gaúchos. E assim inicia a tarde.

A aula inicia com o professor colombiano Dr. Edilberto Hernandez¹⁰ convidando para passearmos pelo Instituto vazio, de olhos fechados. A ideia é sentir a instituição e *toda verdadeira arte é também uma experimentação, e, lamento contrariar muitos, toda verdadeira vida é experimentação, ninguém escapa* (LISPECTOR, 2013, p.212). Eu imediatamente penso: como assim sentir, experimentar, um prédio? Primeiro sinto o estranhamento do convite e então decido dar vazão às sensações que podem surgir ao longo do passeio, pois penso que *libertação significa sobretudo um novo modo de ver, libertação é sempre vanguarda* (LISPECTOR, 2013, p.212). Fecho meus olhos e fico com a última imagem, que é o corredor vazio e escuro, o que me remete a uma sensação de solidão, de vazio e de silêncio... e penso: há potência no silêncio? Parece que sim, pois é no silêncio do prédio que exploro meus sentidos para dar asas a minha imaginação. Abraço o vazio e deixo o pensamento vagar entre os sentidos e os pensamentos como uma espécie de liberdade e *descobrir que se é livre é uma violentação criativa* (LISPECTOR, 2013, p.213).

Caminho lentamente com a mão direita tocando a parede. Ela é fria e em relevo, o que me faz pensar em quando escrevo minha dissertação, nos dias de estudos e escritas. Dias de solidão e de silêncio, de criação entre o que leio e o que escrevo. Dias em que a investigação ganha forma e densidade, exatamente como uma onda que vem e que vai. Dias, tardes e noites de construção de sentido, de aprendizagem, exatamente como acontece com todos nós que fazemos parte da Instituição. Presto atenção ao olfato e um misto de cheiro de tinta e de pó de giz se mesclam e imediatamente penso na fusão entre o passado e o futuro que faz o presente: o pó de giz do passado com a construção de novas estruturas, um presente que conserva um passado para construir um futuro. E falando em estruturas, nas paredes as estruturas metálicas que fazem parte das instalações, ficando expostas e *eu me sinto tão dentro do mundo que me parece não estar pensando, mas usando de uma nova modalidade de respirar* (LISPECTOR, 2013, p.166). Uma exposição que me remete ao mundo digital, onde tudo pode ser exposto e visível, onde uma verdade pode ser construída, inventada e compartilhada, reblogada, curtida,

⁹ Instituto Federal Sul-rio-grandense *campus* Pelotas

¹⁰ Seminário Estudios Culturales y Lenguajes Contemporáneos, oferecido em setembro de 2017 pelo Prof. Dr. Edilberto Hernández González da Universidad San Buenaventura – Medellín / Colômbia

amada, atualizada, independentemente das fronteiras geográficas que nos estabeleçam e nos distanciem do outro.

Assim, movida pelo que enxergo com os sentidos, entro numa sala agora com os olhos abertos para senti-la. É apenas uma sala, se pensar em sua organização. Mas não é apenas uma sala se pensar em decifrar seu significado. Sento e cartografo: “um misto de solidão dentro da sala e de vida pela janela: a sala vazia grita no silêncio do feriado enquanto a vida transcorre lá fora. Há vida no silêncio e o silêncio me faz pensar na vida. É o branco do quadro negro que me transmite paz com o verde da árvore que está do outro lado da janela que instiga o pensar, o viver. A matemática da vida que está no quadro no calor de um setembro verde.” Saímos da sala e seguimos explorando o ambiente.

Na ponta dos pés paro para observar os quadros de fotos passadas. Quanta vida passou por aqui, quanta vida há de passar por aqui! Finco os pés no chão e observo dentro de uma das salas e vejo aparelhos eletrônicos antigos, uma outra tecnologia. A vida, o tempo, a homenagem e a tecnologia: a homenagem nas salas onde a tecnologia foi avançada. A vida sobre a vida, os anos sobre os anos, onde *a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos* (LISPECTOR, 2013, p.154).

E falando em anos, chegamos aos jardins. Um misto de vida se faz presente nas árvores, no ar, nas flores. Toco nas plantas e sinto suas texturas, onde algumas chamam a atenção e outras não. E é no aveludado de uma semente que penso também em Educação, conforme a imagem abaixo, capturada por mim durante a experimentação:



sinto a textura aveludada e penso na caminhada educacional e na vida, em quem sou, em quem estou me tornando e nas experimentações da cartografia: transbordar, transformar e transformar-me em outra. Que o caminho seja aveludado, penso eu.

Voltamos à sala de aula e já não sou a mesma. Uma exploração do prédio que me tocou, realmente foi uma experiência linda. Nunca imaginei que um dia meus sentidos fossem provocados a sentir e a decifrar as estruturas de uma instituição. Uma tarde onde cada significado articula-se para um todo que pode ser decifrável ou não, inventável, talvez. Volto o pensamento à Remédios Varo – pintora surrealista espanhola¹¹ apresentada pelo professor em seu seminário –, em sua obra que faz pensar em um espiral, que capturo abaixo para ilustrar a experimentação e também numa tentativa de provocar você, leitor, com a ajuda do site Google Imagens, acesso em 22 set 17:



e percebo que a algazarra da vida com a sua multiplicidade de vozes pode explodir numa tarde silenciosa e carregada de significados a serem experimentados, sentindo que *não se faz uma frase. A frase nasce* (LISPECTOR, 2013, p.299).

Volto para casa transformada e cartografo essas sensações. Uma tarde potente que me fez compreender não só ao espaço de aprendizagens, mas a mim também.

¹¹ Fonte: <http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Govardhana/132>

4 Práticas de si e os processos de subjetivação: uma arte da existência

Haverá outros modos de salvar-se?
Senão o de criar as próprias realidades?
(LISPECTOR, 2013, p.12)

Um calor toma conta da vida e de meus pensamentos e isso *estrutura-me na lenta elaboração do tempo crescendo na busca dum tempo maior* (CHAPLIN; SILVIA, 2012, p.15).

Chove e volto à atividade de escrita. Um misto de necessidade e desejo confundem-se em meus pensamentos. Onde começa e onde termina ainda não sei, e é exatamente por isso que sinto-me impulsionada a escrever... e esse escrever transpõe-se entre territórios, onde ora é na folha, ora é no *Tumblr*. Textos acadêmicos e publicações provocam-me e então o mundo exterior é-me sempre evidentemente sensação. *Nunca me esqueço de que sinto* (PESSOA, 2016, p.426). E simplesmente por não esquecer que escrevo.

...

E para sustentar teoricamente as práticas de si buscamos aporte teórico em Michel Foucault, o qual leva-nos a uma volta ao passado greco-romano para entendermos o presente. Leio em *Ética, Sexualidade, Política* (2010b) seus dizeres a respeito desta atividade. Uma atividade um tanto quanto solitária em algumas ocasiões, onde

ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano [...]. (FOUCAULT, 2010b, p.145)

E esse respeito humano me faz pensar em minha cartografia e em minhas subjetivações, pois respeitar torna-se essencial em tempos coléricos. E assim penso que habitar o território digital faz-me pensar e problematizar postagens que encontro, onde *o fato de escrever para si e para o outro* (FOUCAULT, 2010b, p.146) reverberam em repensar um modo de vida, um modo de pensar e fazer o outro – aquele que me lê – também pensar e repensar. Assim como sou provocada, também posso provocar subjetivações. Assim, encontro em Sêneca e Epícteto¹² subsídios de que essa atividade envolve também a meditação, porque além de ler, faz-se necessário escrever e deve-se “meditar” sobre os escritos. Assim,

mantenha os pensamentos noite e dia à disposição [prokheiron]; coloque-os por escrito, faça sua leitura; que eles sejam o objeto de tuas conversações contigo mesmo, com um outro [...]. (FOUCAULT, 2010b, p.146)

e essas conversações comigo e com o outro que trago para esta dissertação, uma vez que estes corpos digitais – os *Tumblrs* – que hoje fazem parte de nosso cotidiano podem ser grande auxiliares de nosso processo educacional.

E nas leituras talvez encontre similaridade entre *Tumblr* e os *hupomnêmatas*. Os *hupomnêmatas* eram *registros públicos ou individuais que serviam de lembrete e sua utilização como livro de vida, guia de conduta parece ter tornado comum a todo um público culto* (FOUCAULT, 2010b, p.147) e constituíam uma memória de coisas lidas, pensadas, testemunhadas, ouvidas, sendo buscado enquanto matéria-prima para elaboração de tratados mais sistemáticos ou difíceis de algum momento da vida. Assim, penso que pode ser importante uma mensagem postada para uma problematização em sala de aula, assim como para superar algum momento difícil na vida, pois os dizeres *constituem de preferência um material e um enquadre para exercícios a serem frequentemente executados: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc.* (FOUCAULT, 2010b, p.148). E essa

¹² Filósofos gregos estoicos

similaridade faz-me pensar no quão importante pode ser uma postagem, por isso a necessidade do meditar para tornar público para *reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si* (FOUCAULT, 2010b, p.149). Busca-se assim, constituir-se e reconstituir-se adequadamente com o auxílio do mundo digital e o apropriar-se destes movimentos passa a fazer parte de nossos dias, pois o digital cada vez mais ganha espaço no nosso cotidiano. “Práticas de si” que atravessam nosso fazer educacional determinando também quem somos, porque

o essencial é que ele possa considerar a frase retida como uma sentença verdadeira no que ela afirma, adequada no que prescreve, útil de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos. A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 2010b, p.151)

A leitura e a escrita passam a constituir um corpo, o próprio corpo daquele que escreve, pois nossas escritas advém de nossas leituras e transcrevemos para os territórios nossas apropriações e verdades, transformando o visto, ouvido e pensado *em forças e em sangue* (FOUCAULT, 2010b, p.152), uma vez que *um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura* (LÈVY, 1996, p.43). Assim, uma verdade passa a ser verdade para outros e aproprio-me disto no meu cotidiano e transponho para o digital. Um ir e vir, ler, meditar e escrever que passa a fazer parte de nossas vidas com mais intensidade do que pensamos. E então penso em correspondência! Sêneca falou em cartas quando escreveu sobre o corresponder; atualizo para a contemporaneidade e penso no corresponder digital: *a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe* (FOUCAULT, 2010b, p.153), uma prática de si – a escrita – que age em mim e no outro, naquele que me lê. Uma correspondência, um agir sobre mim e o outro que pode me levar a ser outra e que posso provocar isso no outro também. Uma correspondência sutil que torna-nos cúmplices de um modo de ser, de um modo de pensar. Uma aproximação sutil que o *Tumblr* pode proporcionar para aquele que assim o desejar. Um exercício solitário, mas de extrema conexão com o outro: uma elaboração de si mesma com o provocar do outro sem a real aproximação, onde quem está ensinando também está se instruindo, conforme pensava Sêneca (FOUCAULT, 2010b). Uma reciprocidade entre corpos digitais onde

o duplo trabalho que se realiza simultaneamente em seu correspondente e em si mesmo: recolher-se em si mesmo tanto quanto possível; ligar-se àqueles que são capazes de ter sobre si um efeito benéfico; abrir sua porta àqueles que têm a esperança de se tornarem melhores. (FOUCAULT, 2010b, p.154)

Um exercício de busca de si para consigo e para com o outro através da escrita, uma prática de si que me conecta ao outro para me transformar e auxiliar na transformação do outro. Uma manifestação de si que busca provocar o outro, assim como fui provocada. Um estar presente, um estar que pode ou não provocar subjetivações naqueles que estão dispostos a isso. Um reencontrar em si mesmo e no outro correspondência para seguir os nossos dias através da escrita dos nossos pensamentos, um *desalojar do interior da alma os movimentos mais escondidos de forma a poder deles se libertar* (FOUCAULT, 2010b, p.162). E nessa libertação de pensamentos e sonhos que vou me constituindo e reconstituindo em minhas cartografias, em minhas postagens no meu *Tumblr* e em outros que vou visitando aleatoriamente nos outros artefatos que constituem nossa cartografia: um conjunto de dispositivos que transformaram minha vida e minha formação. Uma busca de si que também quer provocar no outro uma nova constituição de si. Um ir e vir de sensações que recheia meus dias de leitura, meditação e escrita desta dissertação onde *sonhar é encontrarmo-nos* (PESSOA, 2016, p.409).

E entre o sonho e a conformidade, navego e encontro estes fragmentos, também de Fernando Pessoa no dashboard do *Tumblr* [ffernandopessoa-blog.tumblr.com](https://fernandopessoa-blog.tumblr.com) acesso em 03 out 2017 e transponho para a dissertação:



august 29th, 9:17pm 756 notes

Conformar-se é submeter-se e vencer é conformar-se, ser vencido. Por isso toda a vitória é uma grosseria. Os vencedores perdem sempre todas as qualidades de desalento com o presente que os levaram à luta que lhes deu a vitória. Ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue.

- Fernando Pessoa.

(Source: intimidai)

august 29th, 11:54am 28902 notes

Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas.

- Fernando Pessoa

(Source: segredon)

august 29th, 7:09pm 5575 notes

Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida. A música embala, as artes visuais animam, as artes vivas (como a dança e a arte de representar) entretêm. A primeira, porém, afasta-se da vida por fazer dela um sono; as segundas, contudo, não se afastam da vida - umas porque usam de fórmulas visíveis e portanto vitais, outras porque vivem da mesma vida humana. Não é o caso da literatura. Essa simula a vida. Um romance é uma história do que nunca foi e um drama é um romance dado sem narrativa. Um poema é a expressão de ideias ou de sentimentos em linguagem que ninguém emprega, pois que ninguém fala em verso.

- Fernando Pessoa.

Ask Fernando Pessoa

fernando pessoa



Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 13 de Junho de 1888 - Lisboa, 30 de Novembro de 1935), mais conhecido como Fernando Pessoa, foi um poeta e escritor português. É considerado um dos maiores poetas da Língua Portuguesa, e da Literatura Universal, muitas vezes comparado a Luís de Camões. O crítico literário Harold Bloom considerou a sua obra um "legado da língua portuguesa ao mundo". Por ter sido educado na África do Sul, para onde foi aos seis anos em virtude do casamento de sua mãe, Pessoa aprendeu perfeitamente o inglês, língua em que escreveu poesia e prosa desde a adolescência. Das quatro obras que publicou em vida, três são na língua inglesa. Fernando Pessoa traduziu várias obras inglesas para português e obras portuguesas (nomeadamente de António Botto e Almada Negreiros) para inglês. Ao longo da vida trabalhou em várias firmas comerciais de Lisboa como correspondente de língua inglesa e francesa. Foi também empresário, editor, crítico literário, jornalista, comentador político, tradutor, inventor, astrólogo e publicitário, ao mesmo tempo que produzia a sua obra literária em verso e em prosa. Como poeta, desdobrou-se em múltiplas personalidades conhecidas como heterónimos, objeto da maior parte dos estudos sobre sua vida e sua obra. Centro irradiador da heteronímia, auto-denominou-se um "drama em gente".

1 2 3 4 5 6 7 »

theme by oherloos



Então começamos a pensar em ética e cuidado de si enquanto práticas de liberdade, como diz Foucault, e isso em convergência com as escritas no meio digital. E para falar nessas questões sigo na leitura de Foucault, uma base teórica para uma costura de ideias e pensares.

O autor – doravante Michel Foucault (2010b) – volta às origens greco-romanas para tentar explicar atitudes de nosso contemporâneo, como já foi explicitado anteriormente. Porém, agora penso nestas questões de forma a *uma prática de autoformação do sujeito* (FOUCAULT, 2010b, p.265), onde as práticas coercitivas de práticas de escrita greco-romanas primeiramente tinham um caráter austero, agora é pensado enquanto *um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser* (FOUCAULT, 2010b, p. 265). E esse exercício de si sobre si encontro também nas palavras claricianas, que escreve

mas como deixar por exemplo de ler e escrever por um tempo? No caminho em que eu entrei eu tenho que aprofundar ao máximo até meus defeitos, quanto mais tempo passar mais enfrontada eu deverei estar no que eu faço – só assim conseguirei um arremedo de perfeição. (LISPECTOR, 2014, p.11)

Pensando assim, encontro também na literatura um exercício de escrita de si. Uma prática de si que pode nos auxiliar em nossas práticas educacionais de sala de aula e de pesquisa, onde pesquisa e escrita digital podem servir de ideias do pensar e repensar nossas práticas docentes. Uma prática que busca a liberdade – onde por vezes podemos nos sentir livres dentro de um território digital e trazê-lo para a sala de aula, o que podemos entender como um processo de liberação de ideias e encontros que podem potencializar aprendizagens e sempre de forma prudente, observando sempre as relações que podem estar sendo estabelecidas partindo de publicações. Um cuidar de si que reverbera em outros também, um exercício ético de ser e estar presencial e digitalmente.

Não digo que a ética seja o cuidado de si, mas que, na Antiguidade, a ética como prática racional da liberdade girou em torno desse imperativo fundamental: “cuida-te de ti mesmo”. (FOUCAULT, 2010b, p.268)

E esse cuidar de si mesmo parece ser fundamental em tempos de grande visibilidade proporcionada e provocada pelo digital. Um exercício de si sobre si que pode implicar no outro. E isso proporcionado pelo verbo, pela imagem, pela música que nos proporciona uma afecção, uma experiência num *Tumblr*, seja como pesquisador ou seja enquanto usuário e *esta*

é a ideia de um logos¹³ que funcionaria de qualquer forma sem que você nada tivesse feito; você terá se tornado o logos ou o logos terá se tornado você (FOUCAULT, 2010b, p.269). Vejo aí um fundir-se entre o que sou e o que me torna outra partindo dessas experiências digitais, onde publicações provocam as mais variadas subjetivações e fazendo-me buscar um exercício ético para estabelecer outras relações entre as pessoas. E isso parece mais importante do que pensamos, principalmente em tempos de conturbações políticas;

mas, para que essa prática da liberdade tome forma em um *êthos*¹⁴ que seja bom, belo, honroso, respeitável, memorável e que possa servir de exemplo, é preciso todo um trabalho de si sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2010.b, p.270)

E para isso podemos precisar de um outro que nos auxilie, de um mestre, um conselheiro que nos oriente em nosso “cuidado de si” que atravessa o outro também, *assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si* (FOUCAULT, 2010b, p.271). Uma relação entre discípulo e mestre – como nas relações greco-romanas – que faz do “cuidado de si” uma arte. E *quem faz arte sofre como os outros só que tem um meio de expressão* (LISPECTOR, 2014, p.13), o *Tumblr*. Um espaço de escrita, cartografias, de desabafos e devaneios que pode ser utilizado com finalidade educacional e também pode ser pensado como uma rede social; e entre necessidades e inspirações que minhas subjetivações atravessam minha vida, meu fazer educacional.

Neste universo de publicações e acessos aos quais estamos visíveis e participativos, inseridos no digital de alguma forma, que concordo com a pergunta foucaultiana: “*Tu te ocupas de ti?*” (FOUCAULT, 2010b, p.271), uma pergunta potente que me remete imediatamente aos clicks aleatórios que fazemos de maneira, inclusive, compulsiva. Então, ao longo dos estudos, vem um escrito impulsionador, que diz que

não se deve fazer passar o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária. (FOUCAULT, 2010b, p.271)

E foi neste “cuidado de si” que percebi o quanto minhas publicações podem ser importantes para quem quiser me ler. Um exercício ético e estético de uma existência poética

¹³Logos vem do grego e quer dizer a palavra escrita ou falada – o verbo. Assim, pode ser traduzido como um conceito filosófico de racionalização individual ou um princípio cósmico da verdade e da beleza. Ver mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Logos> acesso em 24 jun 17

¹⁴Êthos também vem do grego e quer dizer hábitos, valores, crenças, costumes de um determinado povo. Ver mais em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos> acesso em 24 jun 17

que me provoca a provocar nos outros o pensar e repensar algumas questões que podem estar ligadas ao cotidiano

através das práticas de si, essas práticas não são, entretanto, alguma coisa que o próprio indivíduo invente. São esquemas que ele encontra em sua cultura e que lhe são propostos, sugeridos, impostos por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social. (FOUCAULT, 2010b, p.276)

Atualmente, nossas práticas convergem com o fazer digital do qual fazemos parte. Um praticar o ser ético em nossas relações, onde *o avanço consiste em criar o que já existe. E em acrescentar ao que existe, algo a mais: a imaterial adição de si mesmo* (LISPECTOR, 2014, p.27). E esta adição de si mesmo que pode tornar o fazer educacional mais poético, ético, estético, dependendo do fazer educacional de cada educador, pois o constituir-se educador também pode implicar em um fazer educacional poético que *está na relação de si consigo mesmo* (FOUCAULT, 2010b, p.285), um constituir-se livremente dominando a si mesmo.

Assim, *para alguns, escrever um livro sempre implica correr algum risco* (FOUCAULT, 2010b, p.288), para mim escrever uma dissertação está sendo um grande desafio e aprendizado. Ou um aprendizado desafiador, ou um desafio de aprendizagem. Talvez tudo isso junto. Uma escrita de liberdade com a ousadia de deixar uma escrita para o nosso fazer educacional... uma linda aventura intelectual em que buscamos aliançar Educação e Tecnologia, duas artes que fazem parte de minha vida de várias formas. E

quando escrevemos livros, desejamos que estes modifiquem inteiramente tudo aquilo que pensávamos e que, no final, nos percebamos inteiramente diferentes do que éramos no ponto de partida. (FOUCAULT, 2010b, p.289)

E isto realmente está acontecendo no decorrer desta escrita e das experimentações que ao longo do caminho estão acontecendo, uma vez que *talvez tenhamos mudado de perspectiva, girado em torno do problema, que é sempre o mesmo, isto é, as relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência* (FOUCAULT, 2010b, p. 289) e assim a experiência vai amadurecendo o problema de pesquisa e encontrando outras raízes deste grande rizoma que tornou-se a dissertação. Uma obra de arte que elaborada a quatro mãos oficiais – Professora Roselaine e eu – e outras tantas que nos atravessaram no processo de escrita. Uma busca por também uma estética da existência do fazer educacional e da vida, *uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo* (FOUCAULT, 2010b, p.290); um exemplo de estética que buscamos incorporar ao trabalho, à vida. Uma estética que podemos transpor

em nossas escritas acadêmicas e digitais se assim desejarmos. *Escrevo para nada e para ninguém* (LISPECTOR, 2013, p.10) ou para todos que quiserem desvendar minhas escritas, *pois também eu solto as minhas amarras* (LISPECTOR, 2013, p.10) enquanto escrevo a dissertação, enquanto faço publicações, enquanto estou interagindo com o outro e sendo alterados meus modos de ser pelos dispositivos que fazem parte da cartografia. Embora as nossas práticas pareçam seguir as mesmas práticas de si de constituição de sujeito que nos diz Foucault, onde

o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural. (FOUCAULT, 2010b, p.291)

E estas convenções culturais fazem parte de minha vida, convenções que me ajudam a repensar minhas práticas cotidianas. O subjetivar-se para ser outra. Uma estética no pensamento, na existência, uma vez que *o papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas* (FOUCAULT, 2010b, p.295). Uma pretensão que penso em provocar em quem quiser fazer parte deste jogo, a partir das forças que compõem a pesquisa, que foram experimentadas ao longo do processo: práticas de si através dos dispositivos encontrados.

A palavra “jogo” pode induzir um erro: quando digo “jogo”, me refiro a um conjunto de regras de produção da verdade. Não um jogo no sentido de imitar ou de representar...; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda. (FOUCAULT, 2010b, p.282)

Técnicas de si que podem envolver o outro no fazer educacional entre as relações com o outro e com a verdade. Uma verdade que pode ser relativa, uma publicação que pode ter um grande impacto para mim e não para o outro. Incertezas de um caminho que vai se fazendo com o próprio caminhar, onde *sou vários caminhos, inclusive o fatal beco sem saída* (LISPECTOR, 2013, p.13). E neste beco sem saída encontro o prazer da arte da escrita e *escrever é o mesmo processo do ato de sonhar: vão-se formando imagens, cores, atos, e sobretudo uma atmosfera de sonho que parece uma cor e não uma palavra* (LISPECTOR, 2013, p.43).

O existir e o pertencer – habitar um território – parecem estar intimamente ligados à leitura e aos processos de subjetivação. Assim, num navegar em *Tumblr*s podemos pensar que *o olhar transformado do leitor “se topava” com um mundo. Esse topar é um encontrar-se*

com um mundo. E encontrar-se significa topar com aquilo que não se busca (LARROSA, 2010, p.111), pois a subjetivação pode acontecer de forma não proposital, assim como a experiência: algo pode nos tocar ou não. Então, pensando em leitura lemos em Jorge Larrosa aquilo que nos toca.

Em leitura e metamorfose, capítulo de seu livro “Pedagogia profana”, Jorge Larrosa inicia seu texto com um poema intitulado *Der Leser – O leitor*¹⁵ e dele nos valemos:

*Quem o conhece, a este que baixou
seu rosto, de um ser até segundo ser
a quem apenas o veloz passar das páginas plenas
às vezes interrompe com violência?*

*nem sequer sua mãe estaria segura
seele é aquele que ali lê algo, mergulhado
em sua sombra. e nós, que tínhamos horas,
que sabemos de quanto se dissipou*

*até que, com esforço, ergueu o olhar?
carregando sobre si o que, abaixo, no livro,
acontecia, e com olhos dádivosos, que ao invés
de tomar, se topavam com um mundo pleno e pronto:*

*como crianças caladas que jogavam sozinhas
e de pronto vivenciam o existente;
mas seus traços, que estavam ordenados,
ficaram alterados para sempre.*

E ao longo do capítulo Larrosa analisa seus versos, análise interessante a nós também, além de ser um lindo poema sobre o transformar proporcionado pela experiência de uma leitura que leva a experiência do leitor em consideração onde, assim, podemos pensar que nesta interação *é a aproximação lenta à realidade do que é contemplado e a elaboração poética de sua veracidade essencial, de modo que não esteja falsificada nem pela emoção nem pelo juízo do poeta* (LARROSA, 2010, p.99), porque o leitor não irá reviver a

¹⁵ Poema pertencente a *Der Neuen Gedichte Anderer Teil* (A outra parte dos Novos Poemas), concluído em 1908 pelo poeta Rilke in: *Nuevos Poemas II*. Madrid; Hiperión, 1994, p.229

experiência do poeta e sim a sua própria. Assim como pode acontecer no digital: uma publicação no *Tumblr* – ou um encontro com outros artefatos que possam tornar-se dispositivos – pode provocar algo ou não e *a leitura deve ser contemplação a distância daquilo que o poema leva até a verdade de seu ser* (LARROSA, 2010, p.98), podendo provocar um modo de subjetivação ou não, uma vez que

a leitura seria um deixar dizer algo pelo texto, algo que alguém não sabe nem espera, algo que compromete o leitor e o coloca em questão, algo que afeta a totalidade de sua vida na medida em que o chama para ir mais além de si mesmo, para tornar-se outro. (LARROSA, 2010, p.101)

E esse tornar-se outro que nos torna responsáveis por nossas escolhas possíveis sobre uma leitura, um vídeo, uma aula, um seminário, uma publicação, *por isso, ler (e comentar) um texto é, fundamentalmente, escutar a interpelação que nos dirige e fazer-se responsável por ela* (LARROSA, 2010, p.101) e transformar-se com ela, a partir dela. E partindo deste experimentar um leitura, uma publicação no *Tumblr*, *a conversão do leitor só se cumpre plenamente quando ergue o olhar, mostra a transformação de seu olhar e experimenta o mundo de outra forma* (LARROSA, 2010, p.105), assim como tenta nos dizer o poema nos últimos versos: mas seus traços, que estavam ordenados, / ficaram alterados para sempre. E é assim que podemos ficar, com os traços alterados após uma leitura, pensando numa experiência ou numa transformação, pois o contraste do mundo exterior com o meu interior pode formar um novo pensamento e *a relação consigo mesmo consiste em governar-se a si mesmo, é dizer afectar-se a si mesmo* (DELEUZE, 2015, p.116, tradução nossa), sendo assim um modo de existência. Seria isso *um princípio estético de existência?* (DELEUZE, 2015, p.112, tradução nossa) E essas forças podem estar fazendo parte de nosso cotidiano e *a força é como um rio, e assim se divide em afluentes* (DELEUZE, 2015, p.110, tradução nossa) e esses afluentes podem estar *jogados no fundo de qualquer coisa / à espera de qualquer coisa* (CHAPLIN; SILVIA, 2012, p.185), basta estar à espreita do que nos rodeia. Temos tão logo a construção de um modo de vida, quase a mesma coisa que dizer inventar um modo de vida com as forças deste rio que nos conecta à vida, relações de forças onde as forças afectam a si mesmas. Assim, pensando no universo digital e nas publicações, pensamos em uma estética da existência, pois podemos comparar a existência, o vir a ser e a subjetivação e também a experiência a *quando escrevemos livros, desejamos que estes modifiquem inteiramente tudo aquilo que pensávamos e que, no final nos percebamos inteiramente diferentes do que éramos no ponto de partida* (FOUCAULT, 2010b, p.289), ou seja, podemos estar diferentes no fruir e

no fluxo de leitura das publicações. Consequentemente temos uma arte da existência, um governo de si que pode remeter à Antiguidade Clássica onde

a vontade de ser um sujeito moral e a busca de uma ética da existência eram principalmente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo. (FOUCAULT, 2010b, p.290)

Aproximando-se com o que acontece no digital e na vida, e o afecto de si por si mesmo é provocado por essas forças: a subjetivação, que deriva de um estado de vetores (porque a subjetivação é uma derivada) *e não se confunde nem com a relação de forças que define o poder, nem com o código moral que define o saber* (DELEUZE, 2015, p.105, tradução nossa). Assim, a força pode afectar a si mesma:

E em efeito, as relações de força eram relações entre forças exteriores entre si. Uma força é afectada por outras forças de fora, ou afecta outras forças de fora. Este é o estatus das forças. Se ocorre que uma força se afecta a ela mesma, já não é afectada por outra força, assim como não afecta outra força. Se afecta a si mesma, é afectada por si mesma (DELEUZE, 2015, p.99, tradução nossa)

Ou seja, essa força sobre si pode ser o pensar e repensar sobre um mesmo pensamento, provocado também por uma publicação digital. Assim como os versos do poema: a quem apenas o veloz passar das páginas plenas / às vezes interrompe com violência? Uma violência, uma força, que pode provocar uma experiência, e talvez um processo de subjetivação; uma violência, um interromper que nem sempre é buscado ou necessitado pelo leitor, mas que simplesmente pode acontecer.

E o texto, uma vez liquefeito, embriagado e “desmaternado”, agora pode ser o elemento em que o leitor pode submergir para emergir transformado, o elemento líquido da metamorfose. (LARROSA, 2010, p.108)

E essa metamorfose faz parte também do mundo, pois *quando leio uma coisa que não entendo sinto uma vertigem doce e abismal* (LISPECTOR, 2013, p.16). Assim pensamos também quando publicamos algo no *Tumblr*, pensando mais na experiência que a linguagem pode provocar, pensando em provocar uma experiência e, a partir dela, um processo de subjetivação e *o jeito de entrar nesta escritura tem que ser de repente, sem aviso prévio* (LISPECTOR, 2013, p.305).

Foucault (2010a) em *A Hermenêutica do Sujeito* remete as práticas de si à antiguidade greco-romana, num movimento de “*converter-se à si*” (p.226) implicando *constituir a si*

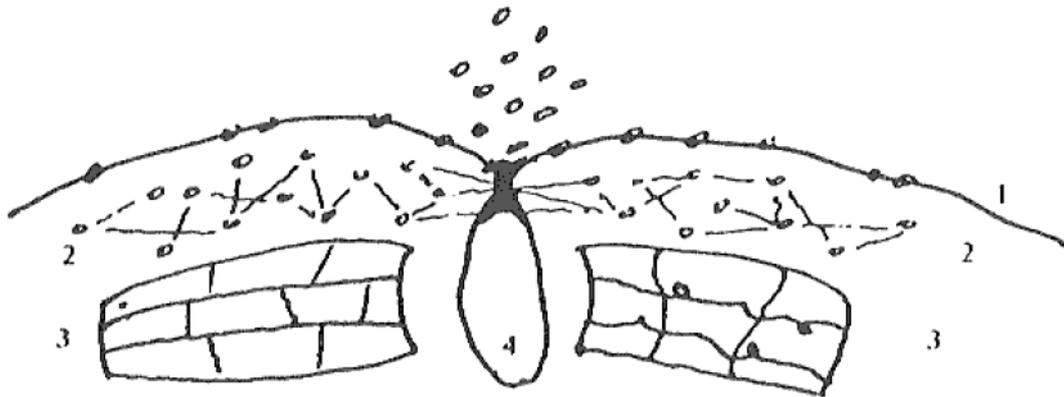
mesmo como objeto e domínio de conhecimento (p.226), desenvolvendo-se após também no mundo cristão e no mundo moderno. Em sua busca por conhecimento, o filósofo leva-nos ao discípulo Alcebiades, o qual nesse sentido – no modelo platônico – de cuidado de si e reconhecimento de si, estabelecendo três pontos fundamentais. O primeiro referindo-se ao fato de se reconhecer ignorante frente a algo que se ignora, fato até então desconhecido e descoberto após algum acontecimento; Alcebiades desconhecia sua ignorância e conseqüentemente teve de ocupar-se de si mesmo para findar sua ignorância, um imperativo (e a nós professores um convite) ao “cuidar de si”. O segundo ponto, depois de firmado o cuidado de si, está o conhecer a si; um profundo reconhecer-se que o levará ao terceiro ponto: a reminiscência – junção do cuidado de si e reconhecimento de si. Assim, segundo o autor,

a ênfase é dada, então, às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, e às práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser. (FOUCAULT, 1984, p.39)

Em um único movimento temos o conhecimento de si e o conhecimento da verdade (FOUCAULT, 2010a). No contexto de formação de professores o movimento pode ser o mesmo: reconhecer-se ignorante frente ao processo de uso de *Tumblr*s na criação de saberes e partir desta ignorância para criar outros saberes, assim como a utilização de outras forças em nossa formação, transformação: processos de subjetivação!

Para falar acerca do processo de subjetivação – conceito foucaultiano – buscamos embasamento em Gilles Deleuze, no seu livro “Foucault” (2005), onde revisita os conceitos do filósofo.

No capítulo “As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)”, Deleuze explicita a respeito do que são as dobras do pensamento e a questão da subjetivação, nosso foco, onde *a força do lado de fora não para de subverter, de derrubar os diagramas* (p. 101); mas que forças são essas e o que são os diagramas?



A figura acima é o diagrama de Foucault, onde:

1. Linha do lado de fora
2. Zona estratégica
3. Estratos
4. Dobra (zona de subjetivação)

E estas três instâncias são independentes e sofrem trocas mútuas, resultando na dobra.

Será que a força pode se dobrar, de modo a ser afecção de si sobre si, afeto de si por si, de tal forma que o fora constitua por si mesmo um dentro coextensivo? (DELEUZE, 2005, p.120). Me parece que sim, pois são várias forças sobre um mesmo pensamento, produzindo um novo pensamento que poderá chocar-se com outro, produzindo uma curva que Deleuze chama de invaginação, a subjetivação. E foi o que aconteceu: nessa pesquisa, através das experimentações com os dispositivos pude repensar minha formação, talvez tenha vivido um processo de subjetivação, uma dobra do pensamento que está me ajudando a escrever este texto. *E cabe aos estratos produzir, incessantemente, camadas que fazem ver ou dizer algo de novo* (DELEUZE, 2005, p.128), uma vez que a linha do lado de fora são forças, pensamentos, ideias, exteriores aos meus pensamentos, aos estratos (aquilo que já faz parte de meu território, mas que vai sofrer abalos). A troca entre a linha do lado de fora e os estratos, chocam-se na zona estratégica, produzindo a dobra, a subjetivação. Assim, *cabe à relação consigo chamar e produzir novos modos de subjetivação* (DELEUZE, 2005, p.128): a subjetivação pode ser entendida como um novo modo de pensar. Há vida na dobra. É o exterior fundindo-se, misturando-se, com o interior e tornando-se outro.

E assim ficamos pensando sobre o nosso problema de pesquisa, sobre a formação de um professor com as experimentações com os dispositivos, sobre como provocar experiências no ambiente digital com a Literatura e a escrita lírica em nossos alunos, em nossos colegas professores, em nós mesmos, tão leitores e tão digitais. Uma contemporaneidade que roça

com os corpos e, ao mesmo tempo, provoca distâncias entre nós, provoca experiências, proporciona processos de subjetivação... um constante aprendizado onde *o aprender vai além do saber, esposando a vida toda, inteira, em seu curso apaixonado e imprevisível* (SCHÉRER, 2005, p.1183), talvez uma necessidade na contemporaneidade: o existir também digitalmente e *as necessidades de uma vida não tem nada a ver com os deveres de uma vida. As necessidades são verdadeiras inspirações* (LISPECTOR, 2014, p.17). Inspirações provocadas pelos meus alunos e que hoje estendemos a nós, professores, uma

grande idéia deleuziana, grande fórmula do aprendizado segundo Deleuze: as idéias não estão na cabeça, mas fora de nós. Elas não estão dentro, mas fora. Predominância do fora; sempre como em Foucault. (SCHÉRER, 2005, p.1187)

Um fora que provocou um pensamento, um problema de pesquisa que muito me toca.

Então no decorrer dos dias e lendo a obra literária “A desumanização”, de Valter Hugo Mãe percebemos uma escrita que tem a ver com o que pensamos sobre este exterior, sobre o outro que também provoca um pensamento, uma existência. Assim,

O inferno não são os outros, pequena Halla. Eles são o paraíso, porque um homem sozinho é apenas um animal. A humanidade começa nos que te rodeiam, e não exatamente em ti. Ser-se pessoa implica a tua mãe, as nossas pessoas, um desconhecido ou a sua expectativa. Sem ninguém no presente nem no futuro, o indivíduo pensa tão sem razão quanto pensam os peixes. Dura pelo engenho que tiver e perece como um atributo indiferenciado do planeta. Perece como uma coisa qualquer. (MÃE, 2017, p.24)

A dissertação existe porque existiram alunos que nos provocaram a pensar e repensar nossa formação. Existimos professores porque temos alunos que necessitam de nossa existência. Uma coexistência que provoca o saber e o si, uma mistura de conhecimentos e de saberes que a vida nos proporciona, então *pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa* (LISPECTOR, 2013, p.70). E convergimos que *para urgências da cabeça e do corpo era essencial que houvesse gente de ouvidos e braços* (MÃE, 2017, p.118), um ouvir e tatear a pesquisa, um sentir o problema para que o problema passe a existir e a se constituir e assim fomos aos livros. *Os livros. Eram os livros. Diziam-me coisas bonitas e eu sentia que a beleza passava a ser um direito* (MÃE, 2017, p.56). A beleza e a força da escrita, a beleza do escrever e *escrevo com o corpo* (LISPECTOR, 2013, p.69). E assim mergulhamos na escrita, no dissertar e Deleuze

nos ensina a desviar, a mudar de direção, a não mais exigir o eu e sua implantação, mas a nos concentrar, de imediato, na Idéia, no problema. A Idéia, o problema, eis aí outras coisas que ele nos ensinou e às quais “o aprender” está imediatamente associado. Elas são da mesma natureza, da mesma constelação. (SHÉNER, 2005, p.1187)

Aprender o que ainda não havia sido aprendido: primeiro a compreender que o problema também está centrado na plataforma digital que é o *Tumblr* e as subjetivações que podem ser provocadas nele com a Literatura, e assim pensar em inseri-lo em nossa formação: provocar experiências e processos de subjetivações com a Literatura utilizando-a enquanto dispositivo. Dias coloridos com o exercício da escrita, com o exercício do aprendizado e *uma das coisas mais maravilhosas da vida é que o aprendizado é contínuo* (LISPECTOR, 2014, p.18); onde esta continuidade nos impulsiona e nos movimenta a escrever, a publicar, a reblogar, a provocar experiências e subjetivações, pois foi preciso aprender que as multiplicidades podem nos atravessar e nos provocar a *praticar uma despersonalização de amor, não de submissão* (SHÉNER, 2005, p.1188). As multiplicidades de amor que fazem parte de uma sala de aula, de uma vida e que podem adquirir um caráter acadêmico e tornar-se uma dissertação.

Pensamos assim em aprender, aprender com o outro e consigo mesmo e *aprender não é reproduzir, mas inaugurar; inventar o ainda não existente, e não se contentar em repetir um saber* (SHÉNER, 2005, p.1188) e sim em provocar aos outros, provocar a si mesmo. Pensar sobre o pensar, uma dobra no pensamento, um derivar-se, uma formação com os seus devires para criar algo novo no meio educacional: *do aprender com Deleuze, que é o do incessante surgimento de formulações novas, da invenção ou da criação na continuidade de uma trajetória* (SCHÉNER, 2005, p.1192). A criação de novas possibilidades, ensinando e aprendendo, criando e possibilitando a criação e a invenção com o auxílio da Literatura nos dispositivos e *as crianças eram modos de espera. Queria dizer que as crianças não tinham verdades, apenas pistas* (MÃE, 2017, p.25); pistas de como amadurecer, conduzir e articular nossa escrita cartográfica de maneira poética onde *a poesia é a linguagem* (MÃE, 2017, p.61). Uma linguagem que permite a criação e a invenção de novos mundos, de novos saberes, de novas constituições e formações de si.

E no próximo capítulo pensamos em literatura, uma literatura menor, e também em linguagem como criação, como um experimentar e experienciar o que a linguagem tem a oferecer, a poetizar, a provocar novos pensamentos, novos modos de vida.

EXPERIMENTAÇÃO: A literatura no ambiente digital

Navegar em *Tumblr* é sempre uma surpresa, pois nunca sabemos o que podemos encontrar... *nos perdemos no meio da estrada e nunca tivemos mapa algum* (ABREU, 2005, p. 29). E num universo diversificado, diversificadas são as publicações: desde a mais singela poesia até a mais visceral revelação sobre o governo, principalmente em tempos de instabilidade política. E é encantador saber que jovens utilizam a ferramenta também para visibilizar escritores das mais diversas naturezas. E foi num desses navegar que encontrei com a poesia de Caio Fernando Abreu, e isso me desequilibrou. Até então, pouco ou quase nada encontrava, pois não é um autor fácil de ser lido. Eis que surge uma encantadora possibilidade... *Acabam se encontrando uns com os outros um dia, entende?* (ABREU, 2005, p.39)

No segundo semestre do ano de 2016 surge a possibilidade de participar do seminário “20 anos sem Caio F.”, uma homenagem das Universidades Federais de Pelotas e de Rio Grande ao escritor gaúcho Caio Fernando Loureiro Abreu. Natural de Santiago, o escritor estudou Letras e Artes Cênicas na UFRGS e abandonou ambos os cursos para trabalhar em revistas de entretenimento e colaborador de jornais. Perseguido pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), refugia-se no sítio de Hilda Hilst em Campinas-SP e no início de 1970 exila-se na Europa. Em 1974 volta ao Brasil e em 1996 volta para a casa dos pais, após descobrir-se portador do vírus HIV. Autor de diversos livros, também foi patrono da Feira do Livro de Porto Alegre em 1995.

Nesse contexto de apresentação, levamos a proposta de trabalho “Experimentações com Caio F.: do virtual para o escolar”, onde o objetivo é provocar o estímulo à leitura de obras do autor e proporcionar experiências nos alunos, pensando no ensino com algumas experimentações (também digitais) que perpassem os muros da escola e passem a fazer parte de nossas vidas. Pensando assim em micropolíticas dentro do contexto educacional, tendo em vista que o escritor nem sempre está incluído no currículo escolar. Segundo Larrosa (2004),

O que acontece é que “dar a ler” é uma expressão demasiado legível. Quando lemos “dar a ler”, em seguida cremos ter entendido porque já sabemos de antemão o que significa “ler” e o que significa “dar”. Como fazer para que a leitura vá mais além dessa compreensão problemática, demasiado tranquila, na qual só lemos o que já sabemos ler? (p.16)

Assim, a proposta é pensar sobre as transformações que estão afetando a área educacional, tanto em relação às mídias quanto em relação ao currículo, pois o que era considerado clássico – em relação à Literatura – hoje está sendo substituído pelos best-sellers infanto-juvenis; e as tramas atraentes da conexão, que opera de outro modo e com objetivos diferentes: enfeitando aos consumidores contemporâneos com suas incontáveis delícias transmidiáticas. Temos a alguns anos uma mudança no perfil de nossos alunos, os quais não deixaram de ser leitores. Quiçá sejam até mais leitores do que nunca com tantas atrações literárias que o mercado tem oferecido.

Consequentemente, queremos pensar em fendas, aberturas dentro do próprio currículo que abram condições de possibilidade (nem que seja de fragmentos) e pensar a questão da cultura e o que ela produz nos indivíduos (subjetividade). Logo, para isso, há aqui a implicação com a produção que a web proporciona com suas páginas em manutenção e proliferação de escritos do escritor sendo que o cartógrafo

nota que os territórios estão no ar, literalmente: a eletrônica movimentando todos os solos da informação; a mídia está se tornando a terra natal de toda a humanidade. [...] as pessoas estão, como nunca, expostas a encontros aleatórios, a afetar e serem afetadas de todos os lados e de todas as maneiras: a se desterritorializarem. E as intensidades que surgem desses movimentos dispõem de uma variedade incrível da matéria de expressão para simular-se. (ROLNIK, 2014, p. 89)

Há uma enorme potencialidade processual no ambiente digital. Uma sensação de potência que impulsiona-nos a pesquisar e cartografar e *era essa intensificação do desejo em sua força produtiva: uma sede insaciável de criar mundo* (ROLNIK, 2014, p.90). Um universo online que nos permite experienciar mais da literatura dentro da própria literatura: uma experimentação dentro da própria escola.

5 Experimentando a linguagem: criação e experiência

A linguagem está descobrindo o nosso pensamento,
e o nosso pensamento está formando uma língua
que se chama de literária e que eu chamo,
para maior alegria minha, de linguagem de vida.

(LISPECTOR, 2013, p.213)

Navegando, escrevendo, sentindo, provocando e sendo provocada.
Entre leituras, escritas e publicações vou sendo outra, transformações que
vem e vão como ondas. Ondas no pensamento que percorrem meu corpo...
sensações e potências que brincam com meu modo de pensar e me faz
repensar. Não sou mais a mesma e passo a pensar nas palavras, navegando e
experimentando as palavras abaixo do *Tumblr* bittersweet-memories-

23.tumblr.com acesso em 03 out 2017:

Sentimientos encontrados - Google Chrome

bittersweet-memories-23.tumblr.com

Seguir

"Nada puede durar tanto, no existe ningún recuerdo por intenso que sea que no se apague."

— Pedro Páramo, Juan Rulfo (via coatlmonkey)

26 Ago 2017 ♥ 165

"No me duelen las palabras. Me duelen las palabras que llegan tarde. O, para mejor decir: me duelen las palabras impuntuales."

— Carlos Skliar (via entretrascafeina) (via biblioteca-prohibida)

14 Ago 2017 ♥ 621

"Y si miraras a tu alrededor sin juzgar?"

21 Sep 2017 ♥ 240

14 Ago 2017 ♥

#gabriel garcía márquez
#memorias de mis putas tristes

Back to top

Tumblr theme by Theme Anorak

Windows taskbar: e, Chrome, S, Word

System tray: POR 20:50, PTB2 03/10/2017

Dizeres de Carlos Skliar que me faz divagar... provocações que o digital nos proporciona. Em mim algumas palavras, diferentemente do escritor, causam grande estranheza, por vezes sensações ruins... talvez seja isto que ele esteja dizendo: a impontualidade das palavras. Experiências que as palavras

impontuais podem provocar em mim, em vocês... um dizer que não seja pensado provocando experiências indesejadas. Cuidar de nossos dizeres pode ser uma necessidade, principalmente agora que o digital potencializou a liberdade e os espaços de dizer...

...

Iniciamos o texto, instigando o pensamento sobre o desobedecer e a desordem, uma vez que *não estou gostando muito deste pacto com a mediocridade de viver* (LISPECTOR, 2013 p.258) apenas considerando o certo e o errado dos entornos da língua *que confunde o sistema da língua com a experiência da língua* (SKLIAR, 2014, p.218).

Há vezes em que a linguagem obedece e outras não. Geralmente não. A pedra, por exemplo, é uma palavra que não te entende. Um gato é, antes de mais nada, uma gramática de rebelião. A lua obedece claramente. Um desejo – que é a ponta mais rugosa da linguagem – supõe, em partes iguais, desobediência e desordem. (SKLIAR, 2012, p.7)

Voltamos a pensar em linguagem, mas agora de outra forma e novamente seguindo o eixo do processo de subjetivação. Experimentar a linguagem enquanto uma experiência que provoque processos de subjetivações, que provoque o pensar, criar sobre estruturas pré-estabelecidas. Deixamos a sintaxe de lado e pensamos na interpretação, pois *se a linguagem não desobedecesse e se não fosse desobedecida não haveria filosofia, nem arte, nem amor, nem silêncio, nem mundo, nem nada* (SKLIAR, 2014, p.17).

Agora convidamos a pensar em sensações que a linguagem pode nos provocar, *uma linguagem à flor da pele. Ou uma pele à flor da linguagem* (SKLIAR, 2014, p.21). Experimentar a linguagem como uma provocação de pensamento, de um novo pensamento. Processo de subjetivação! Criação de pensamentos e provocação de sensações. E assim pensamos quando publicamos, provocações. Sabe-se que *as redes sociais modificaram as formas de escrever e comunicar-se e, sem dúvida afetam o ato de ler* (SKLIAR, 2014, p.22), uma vez que desobedeceram as estruturas linguísticas que primam pelo bem escrever, pensando em gramaticalidade. Entretanto, aqui pensamos em modos de subjetivações:

a questão é apenas um problema sobre quem emite e o que se emite, há alguém do outro lado que escutará e lerá? Alguém que, simplesmente, deseje uma parada, uma pausa? (SKLIAR, 2014, p.22)

E pensando nessa pausa que publicamos. Pausar e pensar e criar torna-se uma prática interessante para nossos dias tão cheios de tudo, tão cheios de nada, *uma escrita que não cessa de comover e de semear inquietação* (SKLIAR, 2014, p.23) onde deixamos de afirmar, categorizar e valorar o mundo e passamos a senti-lo. E assim pensamos em poesia, *por isso o poeta não ensina a escutar, e sim compartilha o escutado, sem ânimo de legislar, mas, talvez, de transformação* (SKLIAR, 2014, p.24). E a transformação parece ser uma boa alternativa para seguir fazendo educação em meio a tantas instabilidades em que estamos inseridos. E assim nasce a questão:

Como transmitir a experiência da linguagem, da leitura e da escrita? Será que se trata de hábitos insossos, alavancas para um tempo futuro e incerto que nunca estará no presente; paixões que não têm nenhum porquê nem quando, convites que só sugerem uma travessia de que não se sabe nunca onde desembocará? (SKLIAR, 2014, p.33)

Uma travessia que nos acompanha em todo fazer educacional, pois certezas não temos e sim interrogações, incertezas, que podem impulsionar nossa caminhada. Pensar sobre isso já é fazer algo, algo que possa vir a ser *porque há a sensação de ser afetado e de afetar* (SKLIAR, 2014, p.35). E pensamos nessas afecções nos *Tumblrs*, onde pensamos num

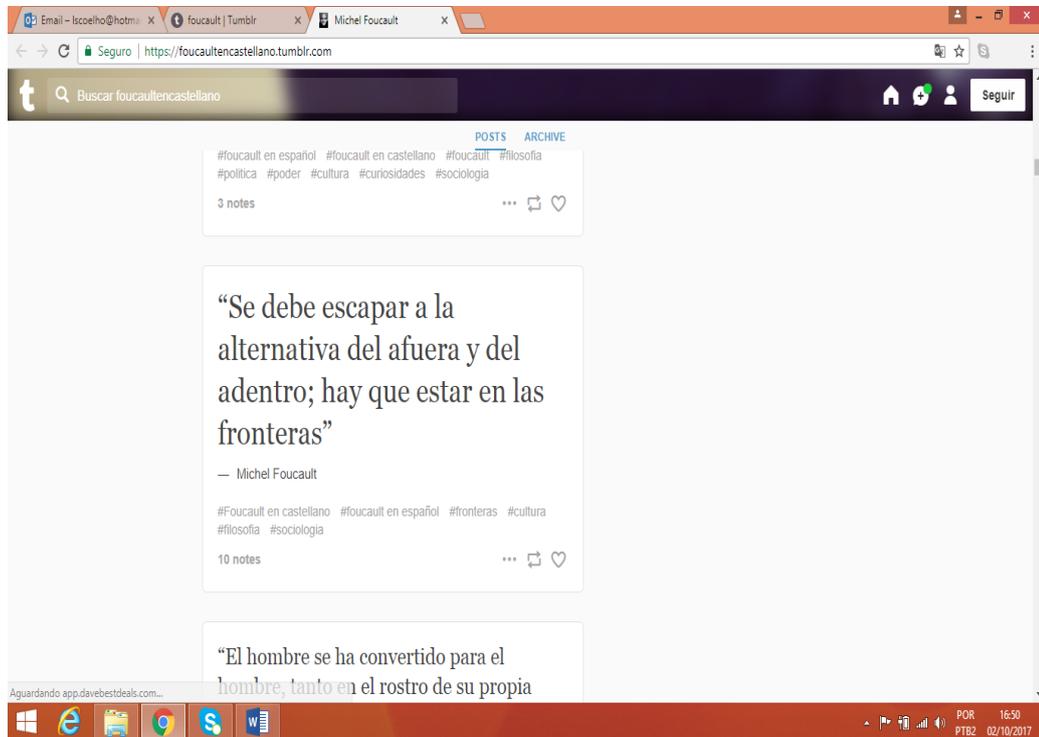
espaço de desejos de transformação, sim, no qual a fumaceira criativa dos acontecimentos não se dissipa, mas é compartilhada, disposta em comum, aberta à conversação. (SKLIAR, 2014, p.37)

Acontecimentos que nos atravessam diariamente podendo extrair algo de nós, transformarmo-nos. E assim pensamos nas palavras, nas publicações

que não obstruam nem destruam o redemoinho dos sentimentos. Palavras que, como feixes de luz e nuvens enormes, deem tempo, não julguem nem subjuguem. (SKLIAR, 2014, p.41)

E sim que nos provoquem outras experiências, que provoquem nossos pensamentos, talvez abalando algumas estruturas cristalizadas com o passar do tempo fazendo-nos pensar melhor neste processo educacional, onde *desistir de nossa animalidade é um sacrifício* (LISPECTOR, 2013, p.259). Um dispositivo que provoque processos de subjetivações em nós e, talvez, nos outros. Em nós que publicamos e naqueles que nos leem e assim *pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou coisa* (LISPECTOR, 2013, p.258).

Volto a navegar nos *Tumblrs* e encontro esta publicação de uma página com pensamentos foucaultianos que convergem com nossa escrita. A página é foucaultencastellano.tumblr.com e o acesso foi em 02 out 2017:



Onde a fronteira pode ser um terceiro eixo, a subjetivação: o encontro, o fruir entre o lado dentro e as forças que estão do lado de fora.

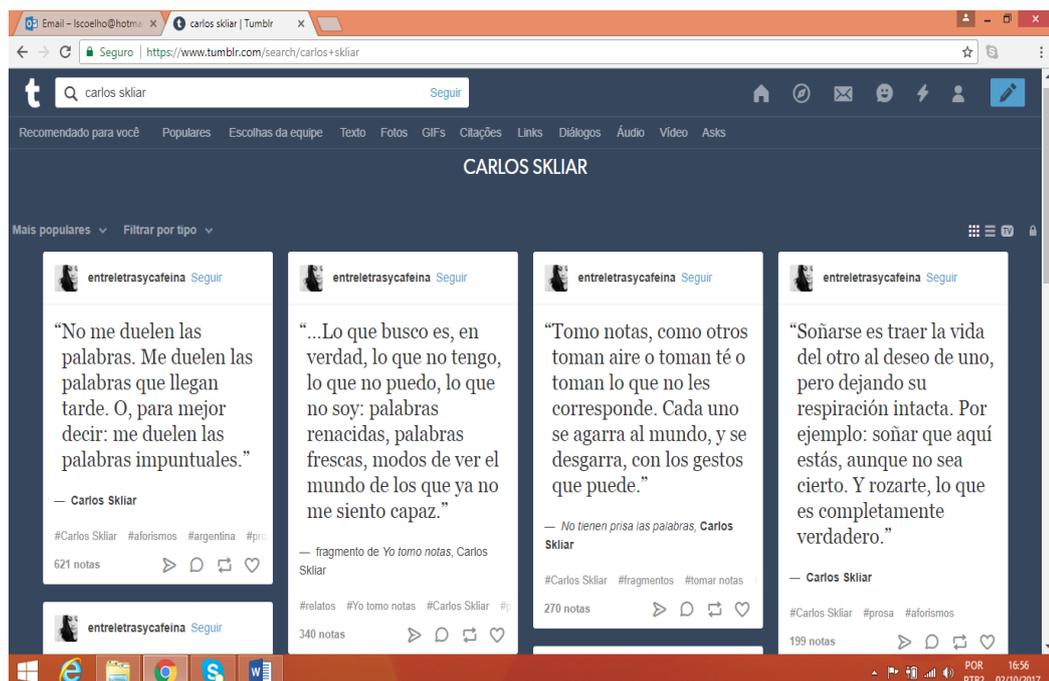
Percebendo que o que lemos no digital pode nos instigar a algo, tentamos fazer o mesmo com nosso eventual leitor, seguidor e o *interessante é ver como ao redor dos grandes cortes históricos há modos de subjetivação que se formam, que se desenham* (DELEUZE, 2015, p. 122, tradução nossa). Havendo assim um jogo entre quem publica e quem lê, um vetor de processos de subjetivações provocadas por práticas de si no digital, assim como *o livro é aquilo que ensinou o leitor a ler o mundo poeticamente* (LARROSA, 2010, p.111). E pensando neste fazer poético dentro de estruturas educacionais, quiçá dentro da própria vida que em nosso *Tumblr* reblogamos ou publicamos fragmentos poéticos buscando uma estética de coexistência entre escola e vida, entre o digital e o real, afinal, *ninguém sabe o que virá, o que vai querer, onde, o que vai fazer, se poderá fazê-lo. Por isso a vida é tanta. E tão breve* (SKLIAR, 2014, p.47). Reconhecermos-nos ignorantes para um novo caminho encontrar e ensinar o que não se sabe, mas talvez se ama. Essa é a tarefa do professor ignorante

(SKLIAR, 2014, p.222), onde cada um vai encontrando seu caminho ao seu tempo e ao seu modo.

Talvez, ao pensar a língua como experiência, talvez ao sentir a língua como inapropriada e misteriosa, talvez ao querer conversar na língua dos outros, a educação comece a percorrer esse árduo e sinuoso caminho da coisa em comum. (SKLIAR, 2014, p.219)

E nesse caminho sinuoso que pensamos no amor à tarefa de ensinar, ao ensinar. Pensando que *alteridade não é tanto o que não somos, mas talvez tudo aquilo que ainda não fomos capazes de ser* (SKLIAR, 2014, p.216) o que pressupõe também tudo aquilo que não sabemos, e continuar não sabendo é o que pode nos impulsionar a seguir buscando e *como escritor espalho sementes* (LISPECTOR, 2013, p.14) e nesse espalhar talvez o melhor seja *começar modestamente, para não desencorajar* (LISPECTOR, 2013, p.111), onde oferecemos signos *que os outros decifrarão no seu próprio tempo e do seu próprio modo* (SKLIAR, 2014, p.204) nesta relação de amor entre o ensinar e o aprender, em que nós também nos reconhecemos como aprendizes e *a educação é uma resposta ética à existência do outro* (SKLIAR, 2014, p.197). Então um processo de subjetivação será um verdadeiro saber e um modo de fazer ciência (DELEUZE, 2015).

E navegando encontro outros fragmentos de Carlos Skliar no espaço de pesquisa do próprio *Tumblr*, permitindo experimentar vários fragmentos do autor, sendo o acesso em 02 out 2017, que podem provocar sensações, além de instigar o fazer ciência. Fragmentos que provocam o meu pensar sobre o exercício da linguagem...



5.1 Provocar literatura: experiências e subjetivações

Seguindo o pensamento provocado e movimentado pelas leituras sobre processos de subjetivação, iniciamos esta escrita com uma provocação: *que modo de subjetivação podemos esperar hoje e agora?* (DELEUZE, 2015, p.122, tradução nossa), uma vez que *maio de 68 há sido, de certa maneira, uma relação com o poder, uma relação com o saber e uma relação fundamental com a subjetivação* (DELEUZE, 2015, p.122, tradução nossa). E pensando assim que buscamos bons encontros teóricos na literatura e na linguagem para articular este pensamento iniciado com uma boa pergunta. Desfazendo estruturas pré-estabelecidas pelo próprio estruturalismo linguístico que pensamos na articulação entre linguagem e literatura para provocar também subjetivações, assim como somos provocadas, seja no digital, seja no real.

Assim, pensando em Literatura fomos à leitura de Foucault em *A Grande Estrangeira*, onde o autor ministra uma aula a respeito de Linguagem e Literatura em Bruxelas, em dezembro de 1964. E, a grosso modo – expressão utilizada pelo próprio autor em vários escritos – seus ensinamentos, pensamentos seguem atualíssimos. Iniciamos pensando na *experiência moderna da literatura, cujo nascimento é situado por Foucault num período que vai do fim do século XVIII ao início do século XIX* (FOUCAULT, 2016, p. 75), pensando no que esta experiência pode nos causar partindo de leituras de alguns autores, tais como Sade, Cervantes, Proust e outros. Entretanto, são suas ideias a respeito da literatura que nos interessa. Nomeando de *estranha triangulação* (p.75), Foucault articula sua análise sobre a linguagem, a obra e a literatura; contudo, o que é a literatura? Um exercício? O próprio ato de escrever?

“O que é literatura” não é de modo algum uma pergunta de crítico, de modo algum uma pergunta de historiador, de sociólogo interrogando-se diante de determinado fato de linguagem. É, de algum modo, um oco que é aberto na literatura, um oco onde ela teria de se alojar e, provavelmente, recolher todo seu ser. (FOUCAULT, 2016, p.77)

E todo o seu ser literário *não tem idade, não tem mais cronologia ou estado civil que a própria linguagem humana* (FOUCAULT, 2016, p. 78). Escrever torna-se um ato de criação e libertação, para nós também que escrevemos esta dissertação de maneira cartograficamente literária, ou literariamente cartográfica. Onde um eu lírico proporcionado pelas leituras feitas ao longo dos meses nos proporciona arriscar um ser poético em nossas escritas. Cartografar de maneira poética parece poetizar nosso fazer educacional.

Voltemos à triangulação. Primeiramente há a linguagem, que é

o murmúrio de tudo aquilo que é pronunciado, e também é, ao mesmo tempo, esse sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos; em suma, a linguagem é a um só tempo todo o fato das falas acumuladas na história e o próprio sistema da língua. (FOUCAULT, 2016, p. 78)

De um lado a linguagem, de outro as obras literárias, que podem ser pensadas como

essa configuração de linguagem que se detém sobre si mesma, que se imobiliza, que constitui um espaço que lhe é próprio, e que retém nesse espaço o fluxo do murmúrio, que torna espessa a transparência dos signos e das palavras, e que erige assim um certo volume opaco, provavelmente enigmático. (FOUCAULT, 2016, p.79)

Um enigma que tentamos desvendar em nossas leituras, devaneios... corroborando ou não com as leituras. Um exercício do pensar que as obras podem provocar. E o terceiro termo que é a literatura, que *é de algum modo, um terceiro termo, o vértice de um triângulo, pelo qual passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem* (FOUCAULT, 2016, p.79). Onde essa relação triangular deixou de ser passiva entre o saber e a memória e passou a ser

uma relação ativa, prática, e por isso mesmo uma relação obscura e profunda entre a obra [no momento de se fazer a própria linguagem; ou ainda entre a linguagem no momento de sua transformação e a obra que está se tornando] (FOUCAULT, 2016, p.79)

Um pouco confuso, expliquemos. *A literatura não é o fato de uma linguagem se transformar em obra, tampouco é o fato de uma obra ser fabricada com linguagem* (FOUCAULT, 2016, p.80). Exatamente por isso que nasce a pergunta: o que é literatura? E nós pensamos em: o que pode nos provocar a literatura? Pensando em processos de subjetivação uma literatura pode mudar um modo de pensar, um modo de vida. E é isso o que um dispositivo também pode provocar. Um *Tumblr* enquanto provocador de subjetivações com a potência que pode ser a utilização da Literatura, um dispositivo, na plataforma. Consequentemente *essa pergunta, não se superpõe à literatura, não se acrescenta através de uma consciência crítica suplementar à literatura, ela é o próprio ser da literatura* (FOUCAULT, 2016, p.80). Convergindo, a consciência crítica não é suplementar e sim faz parte do fazer literário, do praticar a literatura em nossas vidas. O que torno-me após uma leitura? Posso vir a ser outra, posso vir a ser a mesma. A experiência literária pode não ser a mesma para todos nós, leitores de livros, leitores do mundo

nesse triângulo, nessa dispersão de origem onde a obra, a literatura e a linguagem se deslumbram reciprocamente, quer dizer, iluminam-se e cegam-se reciprocamente, para que, talvez, graças a isso, algo de seu ser sorratamente venha até nós. (FOUCAULT, 2016, p.81)

E assim, a literatura assume algo de fábula, de algo que foge do real e cotidiano, pois

A literatura em si mesma é uma distância aberta no interior da linguagem, uma distância incessantemente percorrida e que nunca é realmente transposta; enfim, a literatura é uma espécie de linguagem que oscila sobre si mesma, uma espécie de vibração no mesmo lugar. (FOUCAULT, 2016, p.82)

E esse vibrar e oscilar ultrapassa as páginas e atravessa a vida de nós, leitores e professores. Uma vibração fabulosa que podemos incorporar ao nosso cotidiano se assim o desejarmos. Um convite, novamente, ao fazer poético que nosso fazer educacional pode estar necessitando; mais uma vez uma micropolítica que pode estar sinalizando como uma prática educativa provocada por alguns professores que nos leve a pensar e repensar o cotidiano. De forma alguma estamos menosprezando o cotidiano, de certa forma queremos transgredi-lo, pensar na literatura enquanto uma transgressão que ela própria faz, conforme Foucault (2016),

Para dizer a verdade, nada, numa obra de linguagem, é semelhante àquilo que se diz cotidianamente. Nada é linguagem verdadeira, desafio vocês a encontrarem uma única passagem de uma obra qualquer que realmente pertença à realidade da linguagem cotidiana. (p.85)

Assim, escrever é um ato transgressivo e transgredir também pode ser provocar. Provocar um pensamento, uma subjetivação com o ato da escrita, com o cartografar, provocando uma ruptura no pensamento com o ato da escrita, pois

toda palavra sem estatuto nem prestígio literário é um arrombamento, toda palavra prosaica ou cotidiana é um arrombamento, mas qualquer palavra é um arrombamento a partir do momento em que é escrita. (FOUCAULT, 2016, p.83)

Então o escrever torna-se uma ruptura e provoca um outro pensar. E são as publicações nos *Tumblr*s e os encontros com os outros dispositivos que podem estar a provocar esta ruptura, assim como a literatura, porque

Cada palavra, a partir do momento em que é escrita nessa famosa página branca sobre a qual nos interrogamos, cada palavra, entretanto, faz signo. Faz signo a alguma coisa, pois ela não é como uma palavra normal, como uma palavra ordinária. Ela faz signo a alguma coisa que é a literatura; cada palavra, a partir do momento em que é escrita sobre essa página branca da obra, é uma espécie de pisca-pisca que pisca para alguma coisa que chamamos de literatura. (FOUCAULT, 2016, p.85)

E pensando nas palavras escritas, pensamos em literatura e encontramos em Mia Couto (2016, p.55) um segredo provocativo:

[...]

Eis o meu segredo:

Todas as noites

Me deito num livro

Para em outra vida desaguar.

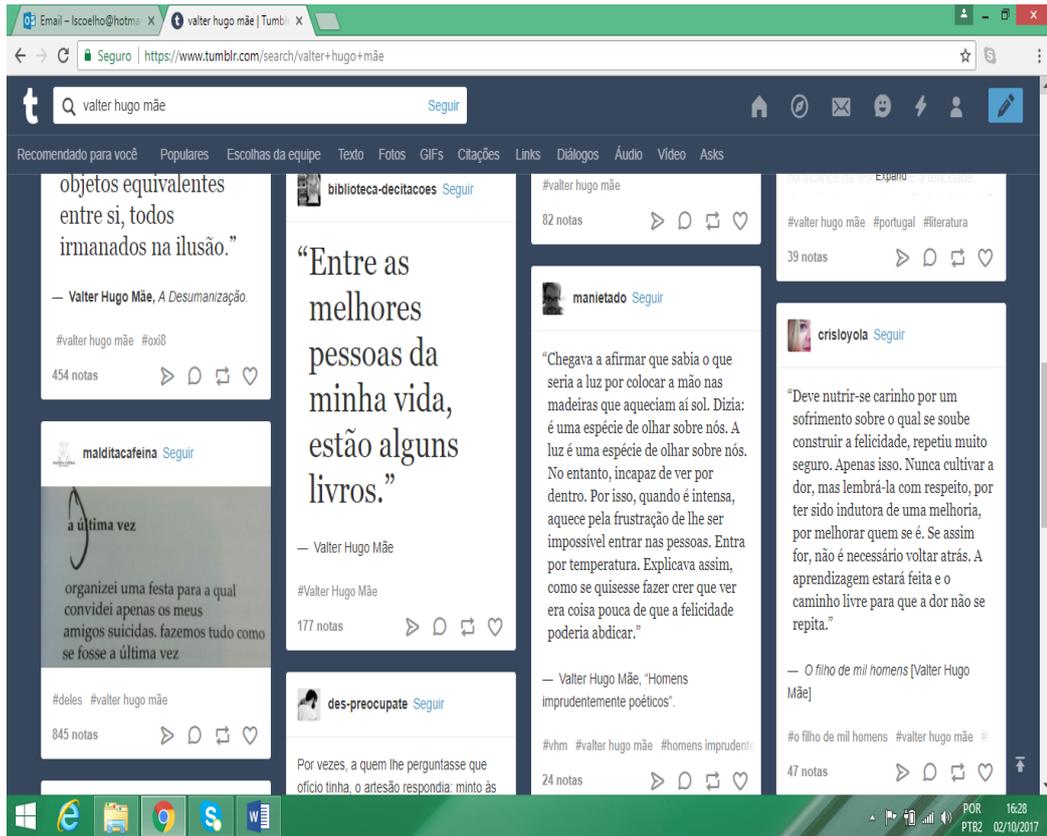
Rio escapando da margem,

margem escarpando um rio.

[...]

(Versos do prisioneiro (8))

E pensando nessas experiências provocadas pela literatura, pois *deito num livro para em outra vida desaguar*, que lemos e instigamos a leitura para um outro pensar provocar. Um roçar de pensamentos provocados pelo que sou e o que posso vir a ser com uma leitura. E pensando nessas provocações que publicamos ou reblogamos no *Tumblr*, pensando em provocar subjetivações ou instigar a leitura de outros autores. Um modo de fazer micropolítica no digital para reverberar no real e pensar em voos literários onde, *A mão da pena riscando o papel / Copiava o rastro da lesma sobre a pedra. / Menino engaiolado / Soltava a alma em voos de poesia* (PIRILLO, 2013, p.23). E neste voo que a poesia nos proporciona que volto à plataforma digital e pesquiso o nome do escritor Valter Hugo Mãe para experimentar fragmentos de suas escritas, com acesso em 02 out 2017, autor da literatura portuguesa que ajudou a costurar Filosofia e Literatura ao longo da nossa cartografia:



Vou buscar literatura na plataforma e escolho Valter Hugo Mãe, escritor português. Experimento sua leitura por indicação da orientadora, da Rose, e adoro a leitura: suas frases articuladas me provocam a pensar sobre o que pensava já estar pronto, pensado, enquanto saboreio a leitura. Navego e trago esses fragmentos para a dissertação, onde cada uma dessas publicações fragmentam algo de minha existência... algo que eu não pensava, nunca pensei ou deixei para pensar depois. Com a força das palavras de Mãe, experimento esses fragmentos e começo a perceber o mundo de outra maneira.

5.2 Uma literatura menor

Inicialmente precisamos esclarecer que *“menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que chamamos de*

grande (ou estabelecida) (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.28). E assim pensamos com as literaturas utilizadas ao longo da escrita da dissertação: literaturas que revolucionem o pensamento de alguma maneira com todas as suas expressões possíveis, pois *tudo nelas é político* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.26). E a construção acadêmica também é um ato político e um ato estético: modos de existência proporcionados pela linguagem porque *o que o escritor sozinho diz, já constitui uma ação comum, e o que ele diz ou faz, é necessariamente político* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.27). Como os escritores, com os escritores e a partir deles que podemos fazer micropolítica, porque *uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.25).

A literatura menor possui três características: *a desterritorialização da língua, a ramificação do individual no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.28). A primeira característica tem a ver com o construir um novo território dentro de uma mesma língua, a impossibilidade de não escrever impulsiona a escrever de outra maneira, onde Kafka delinea como um beco sem saída e *mesmo um beco sem saída é bom, na medida em que pode fazer parte do rizoma* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.8), onde *a língua é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.25) – quando Kafka situa os judeus de Praga e as dificuldades com a língua alemã, o mesmo que acontece com os negros e a língua inglesa. A segunda característica é que *nelas tudo é político* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.26): cada caso individual torna-se um grande ato político, diferentemente das grandes literaturas, que os casos individuais vão ao encontro de outros casos tendo o meio social como ambientação e fundo das narrativas; *o caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.26). Já a terceira característica tem a ver com o coletivo, pois *tudo adquire um valor coletivo* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.27) e a enunciação torna-se coletiva porque para os autores

É a literatura que se encontra carregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa, apesar do ceticismo; e se o escritor está à margem ou afastado de sua frágil comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.27)

Consequentemente, *há apenas agenciamentos coletivos de enunciação* (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.28) onde várias vozes constituem uma só para constituir outras como

potências diabólicas futuras ou como forças revolucionárias a serem construídas (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.28). E pensando nessas potências que trazemos para a dissertação *Bartleby, ou a fórmula*, de Melville.

Bartleby, de Herman Melville, tornou-se um caso famoso na literatura de resistência, *é um texto violentamente cômico, e o cômico sempre é literal* (DELEUZE, 1997, p.80) sendo caracterizado como:

Bartleby é o homem sem referências, sem possibilidades, sem propriedades, sem qualidades, sem particularidades: é liso demais para que nele se possa pendurar uma particularidade qualquer. Sem passado nem futuro, é instantâneo. (DELEUZE, 1997, p.86)

Uma personagem que com sua célebre expressão “preferiria não” - uma fórmula que apresenta variantes: acho melhor não, prefiro não, acharia melhor não (DELEUZE, 1997) – realmente preferiria não fazer certos trabalhos que seu ofício de copista exigia, um homem magro que enlouqueceu a todos que com ele trabalhavam no escritório; *expressão altamente poética de Melville, limite de uma série tal como “preferiria isto, preferiria não fazer aquilo, não é o que eu preferiria...”? Apesar de sua construção normal, ela soa como uma anomalia* (DELEUZE, 1997, p.81). Uma provocação também para nós, que muitas vezes somos tentados a preferir não em alguns momentos de nossa trajetória. Uma literatura que leva a pensar sobre resistência, uma resistência que podemos trazer para a nossa formação e problematizar ou talvez até realmente preferir não, em algumas situações, mas lembrando que algumas respostas são possíveis, tais como

“**Acha melhor não**, hein?”, rangeu Nippers, dirigindo-se a mim. “Eu o **acharia melhor**, se fosse o senhor, eu o **acharia melhor**, eu lhe daria achismos melhores, a essa mula teimosa! O que é, senhor, afinal, que ele **acha melhor** não fazer desta vez? (MELVILLE, 2005, p.20)

Pensando com e a partir de Bartleby, temos um convite ao devir, uma proposta de renascimento de um novo modo de existência, onde com a fórmula “preferiria não” – embora muitas vezes nos vejamos obrigados a realizar alguma tarefa ou aceitar alguma proposta hierárquica que não aceita ou dificulta negociações – temos pelo menos a possibilidade de expressar que não concordamos com algumas coisas que podem acontecer e serem propostas em nossa trajetória. E pensando em trajetória que chegamos ao sexto capítulo, no qual pensaremos em formação, em nossa formação, na formação de nossos alunos.

EXPERIMENTAÇÃO: Os livros, os vídeos, a biblioteca

Era uma tarde fria e chuvosa de inverno e o humor estava um pouco gris. Então, liguei o computador para distrair um pouco e naveguei procurando o que de interessante os jovens estão assistindo... Gosto deste universo juvenil, em constante transformação. E descobro “JoutJout Prazer”, percebendo ali um diferencial: suas problematizações acerca da existência podem ser ganchos para uma boa problematização sobre o gênero feminino, relacionamentos, racismo e etc. Uma jovem mulher que em pequenos vídeos nos proporciona repensar questões do cotidiano tão presentes, tão pulsantes e tão delicadas em relação ao social. *O que eu via com um constrangimento tão penoso e tão espantado e tão inocente, o que eu via era a vida me olhando* (LISPECTOR, 2013, p.127). Onde por vezes a própria vida da Youtuber torna-se notícia:

PUBLICADO EM 05/01/2016 ATUALIZADO EM 05/01/2016

JoutJout revela identidade do namorado Caio em vídeo que discute racismo

As pessoas se surpreenderam com a cor da pele de Caio. E a resposta dele foi incrível.

Encontrei este material interessante e atraente no YouTube. São vídeos e alguns deles poderiam ser utilizados para fomentar um bom debate numa aula de Produção Textual. Aulas que muitas vezes são consideradas “chatas” pelos alunos, aulas não atrativas devido ao seu caráter exigente. Em aulas de Produção Textual, geralmente, os alunos desempenham suas competências argumentativas, críticas, reflexivas e o domínio sobre a Língua Portuguesa. Para aqueles que gostam de escrever e expressar o pensamento, é uma boa oportunidade para argumentar sobre certo assunto. Para outros, nem tanto.

JoutJout Prazer é youtuber. Youtuber’s são pessoas que usam o canal do Youtube para veicular vídeos próprios ou alheios. Julia Tolesano é carioca, tem 23 anos e com muito bom

humor veicula vídeos e profere palestras. Me pareceu importante abrir esse parêntese e falar sobre a questão do que pode ser considerado educativo partindo de um fenômeno midiático. Me pareceu importante porque além de falarmos sobre o universo não-escolar e sobre o consumismo midiático por parte dos jovens, falamos também sobre o que podemos aproveitar do universo deles para tornar as aulas mais atrativas, pois

quando as novidades das últimas décadas substituíram em boa medida os estilos de vida precedentes, a sala de aula escolar tenha se convertido em algo terrivelmente “chato”, e a obrigação de frequentá-la implique uma espécie de calvário cotidiano para os dinâmicos jovens contemporâneos. (SIBILIA, 2012, p.65)

A vida, meu amor, é uma grande sedução onde tudo que existe se seduz (LISPECTOR, 2013, p.128). E esta sedução espalha-se na cultura. A cultura letrada, há décadas centralizada nos livros e nas belas artes está sendo modificada pelo universo midiático. Livre de considerações positivas e negativas, temos um novo universo a nossa frente, onde a mídia realmente ocupa um lugar de destaque. Por isso pensar na sua apropriação enquanto potencialidade educativa. Um bom exemplo é, também, passear por galerias de arte interativas. Isso não quer dizer que devemos deixar de procurar pelas artes presencialmente, mas sim há a possibilidade de visitação de lugares que não podemos frequentar (seja por distância, tempo, condições financeiras e etc).

A atração (e a sedução) também é algo recorrente em relação à evasão escolar: muitos jovens abandonam a escola pelo fato do mercado de trabalho ser mais atrativo devido ao seu rápido retorno financeiro. Muitas vezes o investimento em aprendizagem torna-se algo pesado para o jovem, o qual prefere buscar uma posição social satisfatória em detrimento de uma vida acadêmica. Por isso a busca, por parte da escola e dos professores, em investir numa educação que seja mais atraente para que não haja a deserção escolar.

Em São Paulo, por exemplo, 20% dos jovens entre quinze e dezessete anos não frequentam escolas; em Porto Alegre, são quase 19%, enquanto a taxa nacional beira os 18%. Essa tendência se justificaria porque nessas cidades é mais abundante e tentadora a oferta de trabalho como uma alternativa atraente às rotinas escolares tediosas e aparentemente inúteis. (SIBILIA, 2012, p.67)

Além disso, entramos aqui na problemática que envolve o ensino público e o privado. Com as baixas taxas de aprovação em avaliações periódicas, o ensino privado assume caráter de excelência na inserção de jovens em instituições superiores e empregos mais prestigiados. Temos uma educação mais empresarial e direcionada à vida profissional na era da

informação. Além do fato de que muitas vezes nem os alunos nem os docentes tenham o costume de frequentar uma biblioteca. Lembro de uma grande experiência que tive:

Era 2012 e os alunos do ensino fundamental só pensavam em redes sociais. Essa distância entre o virtual e a escola me inquietou. *Ah, mas como eu desejaria lançar ao menos numa alma alguma coisa de veneno, de desassossego e de inquietação?* (PESSOA, 2001, *apud* CAVALCANTI, p.84) Tive uma ideia

e transformei em atividade avaliada: levei os alunos para conhecer a Biblioteca Pública Pelotense. Lá trabalhamos com o tempo e com a escrita: partindo de propagandas veiculadas nos jornais no início do século passado “viajamos” na Língua Portuguesa. Essa aventura proporcionou um melhor conhecimento da realidade histórica da cidade, com o auxílio do professor e historiador Mário Osório Magalhães. Fazê-los conhecer a biblioteca foi uma grande ponte entre o jornal e o digital. Conhecer o passado os fez perceber a evolução tecnológica da qual fazemos parte e somos atuantes; uma proposta de voltar ao passado para compreender o presente.

6 A formação de um professor: um processo de subjetivação em devir

Até para atravessar a rua
ela já era outra pessoa.
Uma pessoa grávida de futuro.
(LISPECTOR, 2013, p.75)

Depois de muitas leituras e navegando em *Tumblrs* que minhas provocações ganham corpo: o que posso tornar-me após tantas forças invadirem meu corpo? Penso, respiro e suspiro. Tremo de alegria e entusiasmo ao perceber que já não sou mais a mesma... um futuro pode estar a porvir!

...

O desejo de transformar o contexto educacional é uma constante; um desejo de transformar o contexto encontrado, uma vez que são várias realidades dentro de uma mesma realidade. Um amálgama de encontros e desencontros, desejos e circunstâncias, de fruição *e fruir já é nascer* (LISPECTOR, 2013, p.12). Possibilidades de sermos vários, onde *o próximo instante é o desconhecido* (LISPECTOR, 2013, p. 81). E foi justamente deste fruir e do desconhecido que surgiu esta pesquisa. Uma pesquisa iniciada em relação ao que estava perpassando os muros da escola.

A iniciação corresponde, portanto, ao acolhimento de diferenças, à abertura para o atravessamento de um acontecimento resultante da imantação de certo conjunto de diferenças, cujo objetivo é alterar a configuração vigente, ou seja, desanestesiá-lo o estado de arte do sujeito. (PEREIRA, 2013, p.176)

E me parece que é aí que reside a atenção, pois podemos estar anestesiados e consequentemente não perceber as intensidades nas atividades educacionais que podem estar nos rondando. Faz-se necessário estar à espreita, estarmos atentos aos acontecimentos e intensidades, *uma escuta para atravessamentos revitalizadores de marcas constitutivas dos universos em questão* (PEREIRA, 2013, p.177). Revitalizar pode ser uma grande possibilidade de fazermos diferente dentro de um universo constituído de instituições – família, escola, igreja, estado – que na tarefa de formar um indivíduo, prescrevendo regras de condutas sociais esperadas, *em função das quais os indivíduos pagam o preço da alienação de si, do anestesiamento de si* (PEREIRA, 2013, p.178), onde muitas vezes somos moldados para corresponder expectativas sociais, causando uma certa acomodação em relação à vida. Então pensamos que *a sala de aula é um lugar privilegiado para tal experiência* (PEREIRA, 2013, p.179) de desacomodação, pois foi justamente isso que aconteceu e nos motiva a motivar outros professores para este processo, uma vez que, segundo Pereira (2013)

trata-se de um expediente necessário que objetiva entender a representação que se faz de si, enquanto imagem identitária, e a compreensão do desejo em processo, a complexificação dos movimentos de existencialização. (p.179)

Uma existencialização dentro e fora do contexto educacional, onde pode haver um desejo em processo, fomentado pelas aventuras que acontecem ao longo do caminho, fazendo-nos olhar para si e repensar as nossas práticas.

Será que essas práticas de si (Foucault, 2010) podem ser provocadas pelos dispositivos? Práticas educacionais, ou não, que os objetos estéticos podem promover: outros processos de subjetivações nos sujeitos envolvidos no processo. Foi assim que tudo começou:

de uma simples curiosidade em saber o que acontecia nas redes dos alunos, desde perceber que utilizavam enquanto diários até perceber que ali havia também literatura. Não somos nem estamos sós, somos um coletivo, e nesse movimento o outro *pela potência interferente que possui, pela afecção latente que pode produzir uma nova marca ou reativar alguma marca já existente e, assim, vir a ser* (PEREIRA, 2013, p.187). Vir a ser um novo sujeito, pois esse refazer-se implica na produção de novas subjetividades

trata-se de admitir, em primeiro lugar, a processualidade. Consecutivamente, aprender a suportar a crise e, depois, aprender a interferir, por força da vontade, na produção de novas figuras. (PEREIRA, 2013, p.188)

Entendendo figuras como novos modos de ser, de pensar. Admitir que se está num processo já é algo interessante. Então fazemos um convite ao desassossego. Um convite à resignificação de “práticas de si” no contexto educacional onde nós, os corpos – docentes e discentes – possamos produzir novas subjetividades através destes dispositivos (da aula, do livro, do vídeo, do seminário) com o auxílio do *Tumblr*. Trata-se aqui de inventar: *trata-se da criação de um campo de atualização de virtualidades, em que figuras entram em contato e exercitam seus potenciais de afetação* (PEREIRA, 2013, p.192). Não pensamos em anulações de currículos ou formas de ensino-aprendizagem, mas de resignificações provocadas pelas subjetivações produzidas, pois à medida que a formação de professores adquire nova forma, afastamos o fantasma de uma educação baseada exclusivamente em aquisições de conteúdo e aquisição de uma didática que privilegie uma identidade cristalizada. *A formação passa, então, a ser entendida como apropriação de meios de construção de si, de desenhamento de sua própria figura, de escrita de si, enfim* (PEREIRA, 2013, p.193): nós, professores, passamos a atuar como propulsores de potencialidades e restauradores de figuras que podem estar estáticas, assumindo uma postura de cooperação para que isto de fato se concretize, uma vez que *todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade* (GUATTARI; ROLNIK, 2007, p.36).

Consequentemente, pensamos em micropolíticas, as quais possam produzir novos processos de singularizações (GUATTARI; ROLNIK, 2007) – produção de subjetividade singular, que recuse modos manipulativos e preestabelecidos, construindo modos de sensibilidade e relação com o outro, de produção e criatividade – nos sujeitos envolvidos, trabalhando por uma sensibilidade estética no cotidiano, com as forças das transformações sociais. Assim, a micropolítica está no nível da produção de subjetividade, aos modos de expressão dentro de um contexto que, em união e cooperação, podem ganhar força e produzir

uma pequena estrutura, uma fissura dentro deste contexto, onde nós professores atuamos também na produção de subjetividade (GUATTARI; ROLNIK; 2007).

Talvez nesse processo de cartografar o ambiente digital e minhas experimentações, pensando na possibilidade de utilização e inserção dos *Tumblrs* enquanto provocadores de processos de subjetivação, através do uso das tecnologias no cotidiano dos professores para afetar a sala de aula talvez seja uma boa alternativa para repensarmos nossas práticas educacionais. São essas experimentações a partir de “práticas de si” que podem tornar a atividade pedagógica mais dinâmica e atraente tanto para professores quanto para alunos. Uma aventura intelectual entre escola e sociedade, uma aprendizagem, percebendo *as duas faculdades que estão em jogo no ato de aprender: a inteligência e a vontade* (RANCIÈRE, 2011, p.31). Um lugar de potências onde também *é o discípulo que faz o mestre* (RANCIÈRE, 2011, p.39), pois

é preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais. (RANCIÈRE, 2011, p.57)

E assim vamos navegando nesse universo de potencialidades e possibilidades que o universo digital pode estar a nos convidar enquanto sujeitos criadores e atuantes de um cenário educacional talvez um pouco rígido. Quando se trata da formação de professores na atualidade, será que podemos pensar que necessitamos de um processo de subjetivação digital em devir? Essa é a proposta da nossa dissertação, na formação de um professor.

6.1 Pensando em formação: saberes e subjetivações

Os dias seguem convidativos ao pensar e ao escrever... e enquanto leio, mais provocada ao pensar me sinto. Ideias que voam com o vento, ideias que iluminam-se com a luz do sol. A tarde invade minhas escritas e meu corpo *e tudo era um prolongamento suave de tudo, o que existia unia-se ao que existia* (LISPECTOR, 2014, p.188). Uma existência estética, quase como uma obra de arte proporcionada pelo conhecimento, onde conhecer o que desconheço pode tornar a vida mais interessante. *Exercícios de viver* (LISPECTOR, 2014, p.189).

A formação de professores é pensada mais além das práticas formais e catedráticas, encontrando no ambiente virtual uma grande fenda de problematização para além dos muros da escola: uma aproximação entre a escola e a vida. Segundo ALBERNAZ (2011, p.19)

a formação aqui pensada se dá num tempo não-linear, muito menos cumulativo. O processo de formação tem a ver com criação, com invenção, com experimentação, por isso são práticas de *si*, como diz Foucault.

Então chegamos nas “práticas de si”, de Foucault, estudadas enquanto ainda era aluna especial aqui do Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia e quando as experimentações bibliográficas alimentavam a inquietação do projeto de pesquisa. Onde as aulas começavam a instigar em mim amadurecimento do problema de pesquisa que não parou de crescer a cada seminário do ano de 2016. As experiências que desestabilizam o modo de ver, de viver e dizer sobre si mesmo se afastaram do modo de se produzir sentido com tais práticas (ALBERNAZ, 2011). Pensando em práticas no contexto escolar, como diz Clarice Lispector (2013), *é preciso não ter medo de criar* (p.159). E é assim que essa cartografia vai se movimentando.

E assim seguimos pensando em formação, onde saberes e conhecimentos fundem-se e fluem no convergir da vida que atravessa a vida, que atravessa a escola e pode produzir força em nossos corpos. E encontramos nas pontuações de Roberto Corrêa dos Santos – curador de alguns dos livros de Clarice Lispector que utilizamos ao longo da dissertação – um eco que nos afectou, pois acreditamos que a formação pode ser *aquele estado mágico e artístico de engravidamentos de sensações e saberes, sensações e saberes matéricos e imatéricos a um só instante* (LISPECTOR, 2014, p.261). Sensações, forças que podem ser provocadas pelas publicações nos *Tumblrs*, e pelos vídeos, pelos livros, pelos seminários, pelas aulas, que podemos também provocar no outro. Um dentro e fora coextensivo que pode nos permitir sermos outros ao longo do fazer educacional. Um fazer também poético que as experimentações com a literatura pode nos proporcionar, uma experiência que nos provoca e podemos provocar no outro, produzir e provocar pensamento poético proporcionado pela literatura que nos acompanhou ao longo do processo de escrita. Afecções proporcionadas por fragmentos que nos transformaram, provocando um pensar crítico e poético que consideramos como um modo de fazer educação e *muitas vezes nossa liberdade é tão intensa que desviamos o rosto* (LISPECTOR, 2014, p.253), uma liberdade de pensar com a literatura e a partir da literatura. Seria o pensar numa micropolítica? Um engravidamento de pensamentos e desejos que foram se movendo ao longo dos meses e *o futuro era um parto difícil* (LISPECTOR,

2014, p.254), mas nem por isso deixamos de sonhar, problematizar, cartografar e talvez fazer uma micropolítica nos processos de formação.

Assim, pensamos: *tocar na falta seria a arte?* (LISPECTOR, 2014, p.204). Uma arte de existência, um modo de existência proporcionado pelos processos de subjetivação e *a vida se fazendo era difícil como arte se fazendo* (LISPECTOR, 2014, p.188), sendo que *o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis* (DELEUZE, 1992, p.154). Uma existência como uma obra de arte, como diz Foucault (DELEUZE, 1992) produzindo e provocando abalos no pensar e no fazer educação de nós professores, *com os abalos que ele produz e ao mesmo experimenta* (DELEUZE, 1992, p.120), *porque é preciso pegar as coisas para extrair delas as visibilidades* (DELEUZE, 1992, p.120), ou seja, extrair as possibilidades que os dispositivos podem proporcionar em nosso fazer educacional e percebendo no *Tumblr* um artefato digital auxiliador de nossa trajetória; uma experimentação que pode produzir uma dobra, *a dobra e a desdobra, e será enfim a base do processo de subjetivação* (DELEUZE, 1992, p.122). Um novo pensamento provocado pelo fora, ou seja, o que é exterior e funde-se com o interior. Uma possibilidade de ser outro, de pensar de outro modo. Um novo modo de existência dentro de um sistema que pode estar precisando de novas maneiras de pensar, novas possibilidades de vida. Segundo Deleuze (1992) em sua obra *Conversações*

Um processo de subjetivação, isto é, uma produção de modo de existência, não pode se confundir com um sujeito, a menos que se destitua este de toda interioridade e mesmo de toda identidade. A subjetivação sequer tem a ver com a “pessoa”: é uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. (p.123)

Pensamos então no que podemos vir a ser após um processo de subjetivação, de um modo intensivo que nos faz pensar, existirmos de uma outra e nova maneira. Artistas de si mesmos: *quais são nossos modos de existência, nossas possibilidades de vida ou nossos processos de subjetivação; será que temos maneiras de nos constituirmos como “si”* (DELEUZE, 1992, p.124)? Lançamos a problematização, pois essa é a nossa intenção, provocar novos modos de existência disparados pelos dispositivos, sendo o *Tumblr* um artefato digital que proporciona provocar novos modos de pensar com a literatura, de maneira ética – *a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica* (DELEUZE, 1992, p.125). Implicando também numa estética, num estilo de escrita, num estilo de vida, *a invenção de uma possibilidade de vida* (DELEUZE, 1992, p.126). A invenção de uma possibilidade de vida proporcionado pela criação, pelo pensamento criativo, algo tão próprio da literatura e da

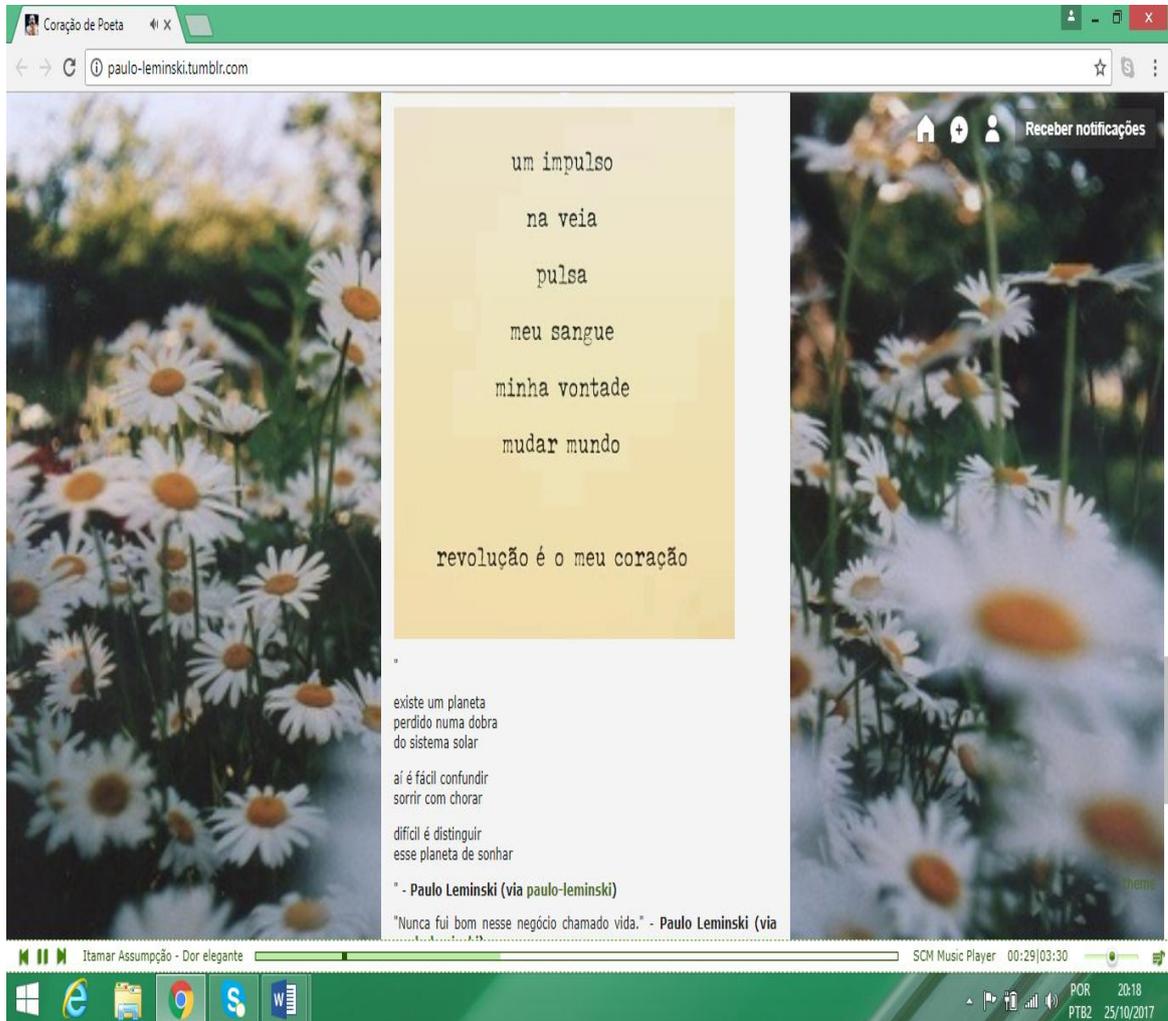
filosofia, a experiência do pensar, da descoberta, do inventar. E ao longo das leituras encontramos uma declaração de Leibniz (filósofo alemão) em Deleuze (1992) que nos provoca: *“Depois de ter estabelecido estas coisas, eu pensava entrar no porto, mas quando me pus a meditar sobre a união da alma e do corpo, fui como que lançado de volta ao alto mar”* (p.130). Uma força que nos leva a pensar que o exercício do pensamento pode ser constante, experiências do viver que atravessam nossos corpos, nosso cotidiano e *o pensamento jamais foi questão de teoria. Eram problemas de vida. Era a própria vida* (DELEUZE, 1992, p.131) em relação a nós mesmos. Assim, embora a literatura possa ter uma idade mais anterior a nossa idade

as formações históricas só o interessam porque assinalam de onde nós saímos, o que nos cerca, aquilo com o que estamos em vias de romper para encontrar novas relações que nos expressem. (DELEUZE, 1992, p.131).

Novas expressões de si, constituições e práticas de si num contexto que pode estar exigindo novas práticas, uma reinvenção de si mesmo para repensar a contemporaneidade. *E pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo o que está em vias de se fazer* (DELEUZE, 1992, p.132). Experimentar novas formas de ser, de pensar, repensar, reinventar-se, um outro modo de vida. E assim, provocamos um outro pensar: *onde será que aparecem os germes de um novo modo da existência, comunitário ou individual, e em mim, será que existem tais germes?* (DELEUZE, 1992, p.132). Problematizemos este processo encantador e provocador de novos seres, pois *o sujeito é sempre uma derivada* (DELEUZE, 1992, p.134) e derivar-se parece ser necessário. *E um passo era dado para a frente, às cegas, finalmente às cegas como é o avanço de uma pessoa no querer* (LISPECTOR, 2014, p.183).

E foi assim que a cartografia se fez, com a ajuda dos intercessores – *o essencial são os intercessores. A criação são os intercessores* (DELEUZE, 1992, p.156) – uma vez que os intercessores foram os autores e os professores que alimentaram, provocaram e auxiliaram a manifestação das incertezas do processo, nossa fome de conhecimentos e saberes com filosofia, arte e literatura e que agora tentamos provocar também em outros professores, pois acreditamos que no fazer educacional, no cotidiano escolar e em nossas vidas, de acordo com Deleuze (1992) *o importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém se mexe. As interferências também não são trocas: tudo acontece por dom ou captura* (p.156). E assim fomos capturadas a escrever e a cartografar. Páginas poéticamente cartografadas. Uma revolução no meu pensar e no meu

modo de viver que converge com a poesia de Paulo Leminski que experimento no *Tumblr* com a poesia do escritor. O endereço é paulo-leminski.tumblr.com e o acesso foi em 20 out 2017:



E assim ficamos com a sensação de produzir e criar um planeta de sonhar, sonhar com novos modos de ser e produzir saberes em nós, em nossos alunos. Uma revolução de conhecimentos, de experiências e subjetivações, pensamentos provocados e produzidos em nós mesmos, sujeitos participantes e atuantes de um sistema educacional, de uma sociedade digital que parece estar sinalizando uma necessidade de ser outra.

E hoje, após todo este processo de escrita da dissertação, de uma cartografia sinto que não sou mais a mesma. A cada capítulo a literatura foi provocando mais espaço na minha escrita. Eram como raízes de um rizoma que foi se fazendo em várias direções, um processo que foi desenhando um mapa de escritas alimentado pela literatura. Todo um processo que não cansou de provocar em mim subjetivações e novas experiências a cada encontro

proporcionado pela vida. Uma nova existência, com poesia na veia. Agora sou uma não-filósofa falando em filosofia e uma professora de língua portuguesa que tenta romper com as regras da escrita, que volta a falar em literatura: uma derivada de mim mesma que desejo estender por onde passar. Transformar-se para reviver: reinventar-se! Um processo que parece não querer parar de se movimentar...

Referências

ABREU, Caio F. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ALBERNAZ, Roselaine Machado de. **Formação ecosófica**: a cartografia de um professor de matemática. Tese de doutorado. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2896/roselainealbernaz.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 ago 2017.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (Orgs). **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ARAÚJO, Hermetes (Org.). **Tecnociência e Cultura**: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BRAGA, Adriana. **Personas materno-eletrônicas**: feminilidade e interação no Blog Mothern. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008.

BRUNO, Fernanda. **Imagem, visibilidade e cultura midiática** – Livro da XV Compós. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007.

BRUNO, Fernanda. **Vigilância e visibilidade – Espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2007.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault** – Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CHAPLIN, Letícia da Costa; SILVA, Márcia Ivana de Lima (Orgs.). **Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

COSTA, Marisa Vorraber (Organizadora). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora 2007.

COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. 1. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **La subjetivación**: curso sobre Foucault III. 1.ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DERRIDA, J. **Políticas de la amistad** (seguido de El oído de Heidegger). 1 ed. Madri: Ed. Trotta, 1998.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

FILHO, José P. C. **Fernando Pessoa: uma quase autobiografia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>>. Acesso em 01 nov 17.

FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira**: sobre literatura. Tradução Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Organizador Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GUATTARI, Félix. **As 3 Ecologias**. São Paulo: Papirus, 1999.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 8ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOUELLEBECQ, Michel. **Extensão do domínio da luta**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LARROSA, Jorge. **Desejo de realidade – Experiência e alteridade na investigação educativa**. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Orgs.). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2008.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 set 17.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 5ª ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2010.

LAWRENCE, D.H. **Estudos sobre a Literatura Clássica Americana**. RJ: Zahar, 2012.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÈVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **As palavras**. Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **O Tempo**. Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MÃE, Valter Hugo. **A desumanização**. 2ª ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.) **Hipertexto & Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

MARGARITES, Ana P. **Subjetividade e Redes Sociais na Internet: Problematizando as relações entre estudantes e professores no contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011.

MAURÍCIO, E.; MANGUEIRA, M. **Imagens do Pensamento em Deleuze: Representação e Criação**. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2011, v.23, n.2, pp.291-304. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-02922011000200005&lng=pt>. Acesso em: 20 ago 2016.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**. Tradução de Irene Hirsch. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PEREIRA, Marcos V. **Estética da Professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

PESSOA, Fernando. **O livro do desassossego**. São Paulo: Mediafashion, 2016.

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 1996.

PIRILLO, Marília. **Passarim de Barros**. São Paulo: Leya, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014.

SHÉRER, René. **Aprender com Deleuze**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n.93, p.1183-1194, Set./Dez. 2005.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato nos blogs: Mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do “eu”**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra, Setembro, 2004.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Disponível em: <<https://cteme.wordpress.com/publicacoes/do-modo-de-existencia-dos-objetos-tecnicos-simondon-1958>> Acesso em 10 jul 17.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Tradução Giane Lessa. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

Jout-Jout revela identidade do namorado Caio em vídeo que discute racismo. Revista M de Mulher. <<http://mdemulher.abril.com.br/cultura/m-trends/jout-jout-revela-identidade-do-namorado-caio-em-video-que-discute-racismo>>. Acesso em 21 out 16.

Jout-Jout o prazer é todo nosso. Revista Trip <revistatrip.uol.com.br/tpm/jout-jout-o-prazer-e-todo-nosso>. Acesso em 21 out 16.

